LAMPIÃO da esquina

Ano 3/Nº 32

Rio de Janeiro, janeiro de 1981 — Cr$ 50,00

• Leitura para maiores de 18 anos

Brasil, campeão mundial de

TRAVESTIS

(Cinco páginas sobre as bichas biônicas, e mais uma entrevista com Rogéria, o Zico desta seleção)

Homossexuais do Itamarati já podem sair à luz

Dr. Eiras: morte suspeita na Casa de Loucos

E tome Croquetes!

Sempre livre

Outra idéia maior a da masturbação, e também realizada, se bem que de forma diversa da dos michês, que deu a notável reportagem coletiva. O que ficou desta vez, a partir da desabusada e ágil apresentação do Aguinaldo, foi a generalização da prática, como queriam provar. Um consolo para todos e reforçando, além da linha homossexualista do jornal, a missão de liberador sexual que vem desempenhando acima de qualquer outra. Esse espalhado combate do nosso tempo - o que em parte explica a ampla aceitação do jornal - é mais de fundo e geral do que qualquer outro político-partidário, o que aliás vem de encontro ao ótimo artigo de Francisco Bittencourt respondendo às críticas dos ativistas. O Lampião se faz um lugar de liberdade, em que tódos têm vez, a menos que queiram restringir a liberdade em nome de enganosas ideologias. E ficando com a liberdade, ele fica com o criativo, com o que faz andar à frente. Daí o tom desbravador praticamente de cada número e o contagiante entusiasmo de seus redatores. Imagino que estejam se sentindo justificados ao fazer o Lampião, e isso é o melhor que possa ocorrer a uma vida, não é?

Paulo Hecker Filho — Porto Alegre, RS.

Pequeno burguês

Prezados editores: venho por meio desta me felicitar com o jornal devido às críticas, a meu ver improcedentes, que o mesmo tem recebido ultimamente. Não deve o jornal ser meramente um porta-voz dos grupos constituídos nem, muito menos, assumir uma opção política-partidária, o que só serviria para estreitar seus horizontes de discussão, e, conseqüentemente, reduzir sensivelmente o número de leitores e ou colaboradores. Quanto à problemática do sexo nas sociedades hodiernas, mais especificamente quando praticado entre pessoas de mesmo sexo, acho que pode ser encarada sob dois ângulos diferentes (pode ser até que existam outros, mas no momento só vejo estes): 1) diante da constatação de que o lugar do homossexual é um lugar de opressão, assumir este lugar e tentar transformá-lo em um lugar de pressão: 2) Não assumir o lugar de homossexual, mas questioná-lo profundamente, mostrando a sua produção e manipulação pelos poderes e valores constituídos e denunciado, ostensivamente, o cárcere de desejos e a miséra afetivo-sexual que se esconde sob o manto da normalidade.

Quanto ao rótulo de "anarquistas pequeno-burgueses" que alguns tentaram impingir a vocês, é aquela velha e carcomida tese de que o "cu dos outros está sempre sujo", e que tem feito de amplos setores da esquerda brasileira sua eterna moradia (reflexo direto da falta de autocrítica e de questionamento dos militantes). Eles ainda acreditam na Verdade Absoluta e no Dogma, dai sua orjeriza a filosofia que vão mais fundo no questionamento dessa suposta realidade que está ai e sua ostensiva prática de rotular de "anarquistas" aqueles que, ao invés de mudarem de deuses, preferem pisoteá-los. Acho que só um néscio não consegue ver que todos os movimentos e partidos que se dizem de esquerda no Brasil fundamentam-se quase que tão-somente, nas classes médias, i. e., na pequena burguesia. É aquela velha estoria da falta de espelho. — Pela esquizofrenia das produções desejantes; — Pela perversão dos sentidos; pela negação dos cárceres; Pela pluralidade; pela afirmação dos corpos do mundo. Um abraço forte. Desculpem o final panfletário, mas é que "virus militantis" tem andado ultimamente no ar, e às vezes nos acomete.

Alfredo Rangel — Rio.

R. — **É isso aí, Fredo. Quem nos chamou de "pequenos burgueses" foi o pessoal da Convergência Socialista. A CL, você sabe, é uma entidade pequeno burguesa, com um estatuto pequeno burguês, registrada num cartório pequeno burguês, com associados de vida francamente pequeno burguesa _ de estudantes de universidades pequeno burgueses a profissionais liberais pequeno burgueses _, todos preocupados em tomar o poder nas mais diversas entidades pequeno burguesas, com uma sede pequeno burguesa na qual todo tipo de atividade pequeno burguesa é reproduzida. Ufa! Haja coitos interrompidos e ejaculações precoces nessa história...**

De assunto só

Amigas: vocês cansam qualquer um, com esse jornal de um assunto só. Imaginem todas vocês com uma só reportagem abordando "os michês", quando cada uma poderia tratar de um assunto distinto. Um jornal mais movimentado, variado, mesmo com o **trivial**. Ainda mais com um assunto nem tão do interesse da grande coletividade a que se destina o veículo de informação. Quanto dinheiro (dos leitores é claro) gasto assim... Não seria melhor um planejamento, um trabalho mais inteligente, para melhor atender à clientela? Está muito distante da Central do Brasil, da Tiradentes, da Cinelândia, do Buraco da Maísa, do Baixo Leblon e adjacências...

Que tal mais aproximação com esse **distinto público**, para não ficar **falando** só entre vocês... Pequenas reportagens com essa gente que vocês apelidaram de **minoria** (minoria é a vovozinha, nós somos uma coletividade bem expressiva). Pequenas entrevistas com a **plebe** e não só essas **clientes** de nus e livros caros. Vamos dizer notícias das colegas (aniversários e outras comemorações). Pedir às distintas em cada bairro que mandem notícias locais (todas atenderiam com o maior prazer) de assuntos ligados a nós todas. Uma imprensa mais atualizada e não este jornal para ler na cama... de quem tem tempo e não nós: domésticas, serventes, garçons, cozinheiras de madame e mais e mais. Tá certo que cuidem do lado de vocês bem nascidas, instruídas, porém sem esquecer de nós que também compramos o jornal para pagar os gastos com estas reportagens quilométricas. Parem e pensem...

Ferreirinha de Aracaju — Rio.

R. — **Querido Ferreirinha: o nosso trivial, a gente gasta ele todinho num bar chamado "Moringuinha", que fica ali na Rua Álvaro Alvim, no Rio. Pra você ter uma idéia de como a gente acertou em cheio ao fazer daquela reportagem e-nor-me sobre os michês: as vendas do jornal subiram quase 30%, não é incrível? E que história é essa de que a gente não liga para a plebe? Ela aparece mensalmente nas páginas deste hebdomadário, meu bem. Neste mesmo número: olha aí os** travlôs **falando para o mundo. Essa coisa mais "doméstica" que você nos pede — notícias dos bairros, jornalismo do tipo "Fala o Povo" ou "Plantão Lampião" é mais para O Globo que pra gente, querido; Lampião se pretende o mais abrangente possível. De qualquer modo, quando a gente inaugurar nossa Rádio Cidade Guei, Rafaela Mambaba, travestida de Aérton Perlingeiro, fará um programa intitulado "A aniversariante do dia" pra satisfazer você, tá legal? Escreva sempre, darling.**

Mais banheirismo

Aos Lampiônicos. Quero agradecer-lhes pelo pronto atendimento ao meu pedido do livro **Escola de Libertinagem** e do calendário 81 do Lampa. Achei a abordagem sobre onanismo ótima no nº 31, e como o Marquês de Sade, o calendário; nada como por a teoria na prática, imaginando altas orgias com Dolmancê, Saint Ange, Eugenie, Agostinho e o cavalheiro; com um time destes não há quem resista a uma "bem aventurada". Não sou catedrático em banheiro, mas conheço alguns que deixaram de constar no "Roteiro Pau-lista". Para felicidade da comunidade gay desta cidade e gringos em **tours** por estes campos de Piratininga foram reabertos os saudosos sanitários da Praça Roosevelt. A Paulistur deveria comemorar o evento com **champagne**, mas não teve conhecimento. O Ritmo da praça está a todo vapor, intensificado com as férias escolares e com o novo visual que a praça ganhou após a reforma. Bom, se o local estiver sob a vigilância dos guardas, arrume uma companhia no piso superior e vá mostrar suas qualidades no sanitário do 1º subsolo, onde funciona o estacionamento da EMURB, no fundo à esquerda.

O Parque Ibirapuera possui um sanitário disputadíssimo por patinadores, motoqueiros e rapazes da vida fácil, fica bem próximo ao gabinete do prefeito e à Fundação Bienal; a pedida é amor sobre rodas com muita imaginação. Sinceramente, a melhor literatura sanitária e obras-primas eróticas são a atração do sanitário da passarela do H.C. sobre a Rebouças no lado esquerdo, bem escondido, que só pessoas espertas o localizam com faro peculiar e olhos de águia. O local é ermo e vez ou outra aparece alguém para uma sacanagenzinha mas se não aparecer, delicie-se com as inscrições que o farão ter pensamentos estonteantes.

André — São Paulo.

Sem sapatos

Caros Amigos do Lampião. Anexo estamos enviando um recorte do Jornal Correio da Bahia do dia 1/12/80 focalizando uma entrevista entre o produtor e o propagandista de um anúncio de Televisão local. Este anúncio foi objeto de uma intensa campanha movida por nós para retirá-lo do ar, visto que o mesmo sucita a violência contra a bicha, usando a mulher como objeto sexual. No referido anúncio Zé Trindade, grotesco personagem de duvidoso humor, numa sapataria entre bolinadas numa moças, dizia que as mesmas levassem sapatos, que ele colocava na conta dele; nisto surge uma bicha que diz textualmente: "Moço, este 44 está chiquérrimo, posso levar?" Responde Zé Trindade sacando de um revólver: "Para você tenho um 38, miserável", e aponta e faz menção de atirar no bicha, que foge. Como podem ver na entrevista, fizeram do nosso movimento uma autopromoção especialmente a bicha do anúncio, que é bicha de verdade, que nega e despreza os seus iguais, além de não ter nenhuma dose de autocrítica. O referido jornalista também é bicha, parece que é enrustido, e também deturpa todo o episódio.

Mandamos um outro recorde, que saiu na Tribuna da Bahia de 28.11.80. Neste jornal temos um espaço através da coluna Gatos e Sapatos; esta nota no entanto, é mentirosa e tenta nos manchar com jogadas publicitárias, o que é inverídico, das 630 pessoas que assinaram apenas 22 são publicitárias. Continuamos atentos a todas as manifestações que tentam descaracterizar, violar e atentar contra o homossexualismo por pessoas que, para fazerem publicidade, precisam de tantas apelações e violam a ética profissional com tanta ignorância simplesmente para vender sapatos. Ainda se fossem cuecas!!!! Beijos de todos e todas.

Carlos Alberto (Grupo Gay da Bahia) — Salvador.

R. — **Querido Beto, Rafaela Mambaba, depois de ler os tais recortes — que pobreza, as declarações daquele publicitário e daquele ator, ui! —, resolveu andar descalça uma semana, em sinal de protesto. E olha que andar descalço no Rio, nesses dias de 40 graus à sombra, é um verdadeiro martírio. Estamos com vocês, é claro.**

SALVE LESBOS — Clara, cabelos escuros, olhos castanhos-esverdeados, educada e discreta, independente, quer conhecer moças entre 28 e 30 anos, carinhosas, educadas e inteligentes. Tenho 30 anos e um toque espiritual. E. Moreira _ Rua do Imperador, 6 aptº 505 _ Petrópolis, CEP: 25.600 _ RJ

ALTO, 30 anos, não feio de todo, moreno, culto, curto música brasileira e latino-americana, cinema em geral, discreto e passivo. Procuro alguém que me agrade no visual e esteja a fim de se encaixar nestas minhas limitações. Roberto Silva — Cx. Postal 7565 — São Paulo-SP — CEP: 01.000.

Raramente alcançamos nosso objetivo. O meu é um amor puro e acima de tudo sincero. Quero corresponder-me com você, garota solitária, ativa, que esteja a fim de relacionamento feliz. Sou morena clara e tenho 22 anos. Peço foto e telefone na 1ª carta. NÉA — Rua Xavier Pinheiro, 31 — Parque Duque — Duque de Caxias — Rio de Janeiro — CEP: 21.241.

PSEUDO-LIBERTÁRIO pequeno burguês deseja contatos com mato-grossenses, urgentes!!! TOM — Cx. Postal 8987 — São Paulo-SP — CEP: 01-000.

LIBERTÁRIO — Professor, alto, jovem, 28 anos, barbudo, curtidor de Caetano, branco. Procura pessoal que queira dividir seu espaço em São Paulo. Pago até Cr$ 8.000,00. Tratar pelo Fone 258-8841, das 9 às 13 h — São Paulo.

SEXO LIVRE — Tenho 37 anos, gosto de sexo livre a dois ou em grupo, com casal ou pessoas de ambos os sexos, gays masculinos ou femininos. Sou um homem ávido de prazer sexual, com qualquer pessoa, sem preconceito. Cx. Postal 184 — Sorocaba — SP — CEP: 18.100.

PASSIVO — 30 anos, 1,65m, 60 Kg, olhos azuis, louro, nível superior, bastante discreto, deseja se corresponder com gueis ativos, sem interesses financeiros, para transar, sem envolvimento sentimental. Marcos — Cx. Postal 8283 — São Paulo — SP — CEP: 01.000.

ANÚNCIO — Se você é gay ou entendido... gente... escreva-me. Sou bronzeado, universitário, livre, prático, esportivo, másculo, inteligente, 23 anos, responderei a todos. Renato Vieira — Rua Dom Aquino, 393 — Campo Grande — MS — CEP: 79.100.

S.O.S. — Tenho 32 anos, vivo muito só e gostaria de me corresponder com garotos entendidos, entre 18 e 22 anos, para futuro compromisso. Foto na 1º carta. Achylles Martenthal — Posta Restante — Ibitura — SC — CEP: 88.780.

PROBLEMÁTICOS — Sou entendido e estou com problemas e a única forma de resolvê-los é me casando. Para isso preciso de alguém, entre 18 e 26 anos que também tenha problemas com a família, para chegar a um acordo. Daniel Gustavo — Av. São João, 1113, 1º andar, aptº 4 — São Paulo — CEP: 01.035.

RAPAZES NEGROS, gostaria de me corresponder para fins de amizades e um possível relacionamento íntimo, tenho 1,65m, 54 kg, sou jovem, moreno, cabelos castanhos, estudo e trabalho. André Luiz de Oliveira — Rua Profº Átila, 9 — São Cristóvão — Rio de Janeiro — RJ. CEP: 20.204.

JOVEM, 20 anos, quer se corresponder com gays acima de 25 anos para amizade ou futuro compromisso. João Rolemberg — Av. N. Sr. Copacabana, 836, s/1 — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22.050.

PROCURO, senhor ou casal, de 40 a 60 anos, para que me protejam nos estudos e para forte relacionamento. Sou jovem, 22 anos, bonito, moreno claro. Josué — Cx. Postal 3 — Santa Cruz da Serra — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 25.450.

ATENÇÃO — Luiz Carlos Nascimento, residente em Lavras — MG, deseja entrar em contato com Costa, lá de Recife.

Atenção leitores do Troca-Troca: Agora quem quiser ter seu anúncio publicado nesta seção terá que mandar uma xerox da Carteira de Identidade anexa ao texto do anúncio. Não se assustem, pois é uma mera precaução contra babados.

Fotos dos travestis: Ricardo Fragoso Tupper

Brasil: campeão mundial de travestis

Acredito que todo o homossexual, num momento ou outro de sua vida, sente a tentação de se travestir. E os que o fazem, atingem, com certeza, o cerne de uma questão fundamental para o homossexualismo, que é onde colocar o travestismo no contexto homossexual. Há diversos enfoques. Por exemplo, numa sociedade em que predominam os valores machistas, o travesti representa a negação absoluta desses valores, o espelho onde uma sociedade castradora se reflete. Mas quer dizer também, dentro de um conceito feminista, a entronização dos valores machistas, já que o travesti quer dar, pretende dar ao homem tudo aquilo que a mulher emancipada moderna procura apagar de seu corpo, que é a imagem da mulher-boneca, da mulher-objeto, passiva e vazia.

Do ponto de vista homossexual propriamente dito, a coisa tem de ser vista por um ângulo diferente. Não falo da visão do homossexual preconceituoso, ou "revelucionário", para aqueles o travesti é o empecilho para uma vida tranqüila e sem vergonha, e para estes alguem que os impede de galgar mais um degrau em direção ao poder. Falo aqui do homossexual que, um dia, encontra-se na mais completa confusão vital e se pergunta: o que sou? Para esse homossexual em busca do entendimento, o fenômeno do travestismo é mais um mistério fundamental entre os muitos de sua vida a ser decifrado. Sim, porque para ele, o travesti, além de um enigma é uma fascinação a ser deslindada, uma tentação a ser vencida. Eu, por exemplo, nunca me travesti, nem como gaiato, como era o costume entre os homossexuais há alguns anos, e acho que hoje isso representa um obstáculo não vencido, uma etapa não cumprida da minha vida. Confesso que nunca consegui deixar de sentir uma ponta de inveja de todos os meus amigos de mocidade que, num momento ou outro de suas existências, se travestiram.

E há sempre detalhes significativos no caso de cada um deles. Um, por exemplo, ao se vestir de mulher pela primeira vez, teve uma ejaculação. Diante do espelho. Outro, reproduzia durante os três dias de carnaval tudo o que ele sonhava ter sido em casa e que seus pais não lhe permitiram: a imagem de uma **jeune fille bien rangée.** Usava vestidos muito simples e discretos, embora caros, e pequenos chapéus que o transformavam na eterna debutante de 15 anos. Isso durou muitos carnavais.

Travestir-se, aliás, nada tem a ver com pinta. Eu dou mais pinta do que muitos conhecidos que se travestem regularmente. Dois desses conhecidos, ou melhor, amigos, são pessoas que eu nunca poderia imaginar vestidos de mulher. Pois num baile de gafieira, anos atrás, às vésperas do carnaval, eles resolveram se travestir com roupas de amigas e brincaram muito à vontade a noite inteira, tendo por "cavalheiros" uma colega recatadíssima.

Não falo do hetero que se traveste; mas o que leva o homossexual a vestir-se de mulher? Ser mulher, todos sabemos, é muito mais complicado do que ser homem. O homem é simples mortal, se veste como pode e lhe dá na telha, nem a barba precisa fazer, se não quer. A mulher transporta consigo toda uma parafernália cosmética quase inacreditável. Assim, a opção do travesti é uma opção de sacrifício e quase sempre de muita atribulação. Isso sem falar na dor e no sofrimento dos que tomam hormônios, implantam seios, fazem eletrólise, cortam o pomo de Adão, aumentam ou rebaixam a testa, injetam silicone nas maçãs do rosto, nos lábios e nos quadris. São as verdadeiras oitavas maravilhas do mundo, ainda em primeira geração, as bichas biônicas ou experimentais, de quem não se sabe o que advirá.

A esses sofredores, tão fortes que são capazes de triunfar das torturas a que se impõem, eu rendo minha homenagem e admiração silenciosas, mas não são eles, nem os chamados transexuais, os que mais me interessam no imenso espectro do homossexualismo. Esta saga ainda está se fazendo. Para mim, a verdadeira esfinge é aquela das intenções ou desejos que nunca se realizam, ou que se contentam com a semi-escuridão dos quartos, onde, possivelmente a esta hora, milhares de criaturas estão experimentando a medo os vestidos das irmãs para conseguir sua primeira ereção, pois são eles os verdadeiros portadores do estigma. (**Francisco Bittencourt**).

Jane e Eloína: a transformação levada aos extremos do requinte, já na primeira geração de bichas biônicas. Na foto menor, uma das damas da noite.

Libélulas, mariposas, vampiras, damas da noite...

"**Eu sou divina: tenho cu e vagina**" (frase ouvida de Li Ribanchera, uma bicha cubana que atuava no cabaré Casanova, e que morreu em meados da década de 70. Detalhe: Li não era operada — ao contrário, tinha uma mala enorme.

Seis de dezembro, 23h30min. Na Rua Pedro I, que desemboca na Praça Tiradentes. A multidão habitual — putas, bichas, operários em busca de um divertimento de sábado, policiais, curiosos. De repente, os três soldados da Polícia Militar correm ziguezagueando por entre a multidão. Dois deles entram num bar e pedem documentos ao primeiro incauto. O terceiro pára diante de um travesti e o segura pelo pulso. Tenso silêncio na praça — me vem à cabeça aquela história dos animais que param todos e olham em torno, adivinhando o incêndio que ainda nem começou na floresta. Centenas de pares de olhos se fixam no PM e no travesti, e a tensão geral, parece, é o que impulsiona este último: com um safanão, o travesti arranca o pulso da mão do soldado; depois, olha em torno, vê o automóvel a uma distância de dez metros e, de uma carreira só, joga-se de cabeça contra ele. A violência do choque faz o travesti cair de joelhos; e é de joelhos que ele continua a bater com a cabeça no carro, até que o sangue começa a lhe manchar os cabelos, a testa, o decote, a blusa. Procuro o PM: ele sumiu. Ninguém chega perto do travesti, até que este se levanta e, cambaleando, entra num bar, todo ensanguentado.

"Como é seu nome?"/"Watusi..." — ela me diz, e sacode o penteado afro, cujas conchinhas chocalham lá no alto do seu metro e oitenta. Um carro passa pela Augusto Severo, bem devagar, e ela não se faz de rogada: abre o vestido de uma só vez, e mostra o corpo bem torneado. O carro vai embora e ela fala para o travesti mais próximo numa linguagem meio cifrada, mas eu consigo entender o final de uma frase — "... o orgulho da raça". Watusi tem 22 anos, é negra e faz ponto no calçadão do Instituto Histórico e Geográfico há seis meses. Cobra mil e quinhentos cruzeiros por michê, e diz que fatura até nove mil por noite — "depende da disposição". Nunca leu o Lampião, mas "morre de vontade de sair no **Dia**. E quase o conseguiu, há dois meses, quando atacou a giletadas um cara que não quis lhe pagar o michê. Foi salva porque, levada para o distrito, este teve que ser esvaziado porque "iam receber a visita de um juiz, e os **canas** não queriam dar vexame".

Watusi toma Neovlar, hormônios femininos, pílulas anticoncepcionais, "as amarelinhas", como ela chama. Seus seios são pequenos, comparados com os de sua vizinha mais próxima — um travesti mais bronzeado que qualquer garota de Ipanema, e cujo vestido, de jérsei branco, simplesmente não tem costuras dos lados. A conversa é dificílima; os carros param a toda hora, e eu me sinto um estranho — afinal, aquilo ali é um comércio. Daí, trato de fazer as perguntas básicas: "Watusi, você gosta de ser homossexual?"/"Claro! Eu sou maravilhosa!"/"Mas não preferia ser mulher?"/"É pra isso que eu tou aqui: vou juntar um dinheirinho, e depois me mando pra França: vou mandar cortar" — e faz o gesto de quem passa uma navalha à altura da virilha.

Doze de dezembro, 21h20min. Em frente ao Cinema Iris. Muita gente parada sob a marquise. Cai uma chuva enjoada, há água empoçada no meio-fio. Os dois travestis estão bem quietinhos, como se apenas passassem a chuva. O paraíba **se aproxima cambaleando, vindo de algum botequim do centro da cidade. Ao passar por eles, o primeiro estende a perna e lhe dá uma rasteira. O** paraíba **cai, e a segunda bicha lança-se sobre ele; começa a esmurrar o homem, que está bêbado demais pra entender o que lhe acontece. A primeira, rapidamente, faz a limpeza — tira o relógio, a carteira, tudo o que o homem tem nos bolsos, e vai embora, caminhando com cuidado por sob as marquises para não se molhar. A segunda continua a surrar o** paraíba; **este cai na poça d'água, e o travesti, segurando-o pelos cabelos, faz com que ele mergulhe a cabeça dentro da lama e fica a segurá-lo. O** paraíba **braceja inutilmente, está se afogando. Vejo, na cara da bicha, uma firme, cega, raivosa determinação — ela vai matá-lo. Ligo o carro, acendo os faróis e o jogo de encontro aos dois — paro a apenas alguns centímetros. A bicha se volta, olha para mim como se estivesse chegando de muito longe, volta-se para o** paraíba **— a quem continua segurando —, solta-o, levanta-se e vai embora, também sem pressa. O** paraíba **levanta-se e, às quedas, sai correndo.**

— Aí ele pára o carro, fica olhando pra mim. Aí eu chego perto dele e digo — vamos fazer um filhinho, neném? Aí pego na mala dele — tá lá, bem encolhidinha, boto a cabeça dentro do carro, deixo ele pegar no meu peito. Aí a mala começa a

→

crescer, eu digo pra ele, tem um hotel aqui, bem pertinho. Você quer ir, bem? Quer gozar gostoso, quer, amor? Aí ele bota a mala pra fora, pensa que eu vou ficar tarada, imagine, uma coisinha assim... Aí eu digo, ai, que pirocona enorme! E pronto: ganhei o cara. A gente vai no hotel, lá eu trato ele a pontapés. Tem uns que chegam lá e dizem assim, "e você, fica de pau duro?" E vão logo pegando. Já viu como é que a gente acaba, né? O pai de família gosta mesmo é de uma trolha... **(Marisa, a Gaúcha; faz ponto na esquina de Lavradio com Mem de Sá. Diz cobrar mil cruzeiros por transa, e não quer virar mulher).**

— Maricona, não; maricona, **jamais!, never,** nunquinhas! Vai embora, viado! **(Não quis dar o nome; estava parada na calçada em frente ao Hotel Glória)**

— Você não vai acreditar; mas eu sou casada em Pernambuco. Com uma mulher. De papel passado, e tudo. E sabe da maior? A gente teve um filho! Um dia, ela tinha deixado uma combinação no banheiro. Me deu vontade de vestir. Quando eu me olhei no espelho, quase tive um troço. Meu coração fazia tchã-tchã-tchã... Foi aí que eu vi que era esse o meu destino. Fugi pra Salvador, lá aprontei umas coisas, tive que me mandar pro Rio. Já morei seis meses em São Paulo, mas voltei pra cá, porque lá a barra pesou. A mulher e o filho? Mando dinheiro pra eles todo mês. Afinal, o menino é sangue do meu sangue, né? **(Fará Falsete; outra que faz ponto diante do Instituto Histórico e Geográfico (seria uma homenagem velada dos travestis a Gilberto Freyre?). Detalhe: dois dentes de ouro que fazem seu sorriso brilhar sinistramente).**

— Bicha, acorda! Pega aqui: eu tou ficando com um peito maior do que o outro!

(Minha amiga Danielle, hoje morando em Paris, logo que começou a tomar hormônios, ainda no Rio, num dia em que dormi em sua casa)

Cinco de dezembro, 20h45min. Dentro do Cinema Iris, o travesti está parado perto da "bombonière", **como faz todos os dias, imóvel, ostentando o mesmo sorriso — sinto no seu rosto um ar levemente maternal. Pela sua presença constante no cinema, eu o apelidei de** "Iris" **(neste caso específico, deve-se pronunciar** "Airis"). **Pago o ingresso, entro, me aproximo dele e arremesso a pergunta: "Você gosta de ser homossexual?" Ele continua a me olhar, imóvel, com o mesmo sorriso, e sinto que, enquanto o faz, vou diminuindo progressivamente de tamanho. Saio correndo pela porta a fora quando percebo que estou com apenas sete e meio centímetros de altura — se não sumir dali,** Airis, **com seu sorriso de quem está em estado de graça, me fará desaparecer para sempre.**

— Ela falou pra mim que estava incomodada. Eu acreditei, claro. Parecia uma menininha, achei que devia ter no máximo 19 anos. Queria fazer o negócio no carro mesmo, disse que tinha pressa de chegar em casa, que tinha que ser por trás. Aí, quando a gente estava no auge, eu botei a mão. Rapaz, naquela hora, eu quis morrer! Era um homem! Até hoje eu estou traumatizado... **(P.S., jornalista que disse ter sido enganado, uma vez, por "um travesti que parecia mulher")**

"Tá legal, eu converso contigo; mas dá pra você me pagar um conhaque?" — A gente caminha até o bar, na Rua Mem de Sá. O português, atrás do balcão, olha desdenhoso pra mim quando eu peço dois conhaques (será que ele pensa que eu sou um freguês do travesti?) **Ângela** bebe de um só trago, depois de derramar umas gotinhas pro santo. Faz uma careta, e durante um brevíssimo instante eu vejo, no seu rosto bem maquilado, os sinais de uma agressiva masculinidade — é isso que crispa seus lábios, que franze sua testa. Mas ela logo recupera o equilíbrio, retoma a sua postura de "mulher". Começo o interrogatório: "Você gosta de ser homossexual?"/ "Se eu disser a você que gosto dessa vida, tou mentindo, né?"/ "Mas então, por que você tá aqui?"/ "Porque aqui se ganha dinheiro fácil ..."/ "E o que você quer da vida é isso? Ganhar dinheiro?"/ "Não é isso que todo o mundo quer? Eu sou praticamente analfabeta. Ia viver de que, se não fosse à calçada? Ia ser empregadinha de madame, lavar penico?"/ "Mas se você não fosse homossexual, não ia ter que arranjar um emprego?"/ "Se... Essa historia de "se", queridinha..."

Ângela pede mais um conhaque ao português, que a atende. Eu mal toquei no meu "Dubar" — alguma coisa lá no fundo do meu estômago me preveniu pra não fazê-lo. "Mas esse negócio de transar com tanto homem; isso não te cansa, às vezes?"/ "Quando eu descobri que era bicha, me deu uma aflição; eu pensava que a coisa mais difícil, pra uma bicha, era arranjar homem. "Ah", eu sonhava, "se eu fosse uma mulher". Bom, eu sou muito feminina, mas ainda não tenho uma racha, né? Pois bem, tá assim de homem querendo sair comigo. Eu vou achar isso ruim por quê? Tou é me curando dos meus complexos..." / "Mas tem homem que só gosta de homem. Você, com esse negócio de ficar cada vez mais parecida com uma mulher, não agrada a eles."/ "Ah, isso é maricona, eu não gosto..."/ "Mas homem que só gosta de mulher vai procurar mesmo é mulher de verdade..."/ "Ah, é? Pois eu vou te contar um segredo; não existe isso: homem que gosta de mulher; isso eu aprendi aqui, na calçada; eles vão com elas só pra dar uma satisfação pra sociedade. Mas mulher é uma coisa muito fácil: tá lá de perna aberta, é só pegar; não tem perigo, não tem mistério. Mulher é uma coisa chata. Uma homem me disse um dia desses. Ele tinha acabado de gozar, aí ele falou — "mulher é uma coisa chata..."

(O que mais me impressionou em Agatha **foi o rosto — parecia um daqueles rostos que o cinema norte-americano fabrica centímetro por centímetro quadrado, até atingir a mais fria perfeição. Os cabelos louros lhe caíam em cascata até os ombros. A pele do colo era sedosa e bronzeada — os seios, grandes demais, eram vigorosamente erectos. Voltando ao rosto: os zigomas — as "pometes", como ela chamava — repuxavam levemente os seus lábios, dando ao conjunto um ar atrevido que os olhos completavam — eram castanho-dourados. Havia uma fileira de carros, àquela hora, na Vieira Souto, e cada um deles tinha um travesti na mira — estes fingiam indiferença, pareciam estar ali, àquela hora — mais de três da manhã —, apenas para ouvir o barulho do mar e, quem sabe, esperar para ver o sol nascer. Foi quando Agatha tirou um cigarro da bolsa prateada e o acendeu. A chama do isqueiro iluminou o braço nu, e então eu percebi, horrorizado: desde o antebraço ao pulso ela tinha cicatrizes horríveis — eram cortes de gilete** (sexta-feira, 19 de dezembro).

Sete de dezembro, seis horas da manhã. No bar, na esquina de Lavradio com Mem de Sá, o garçon serve média de café e leite com pão e manteiga para oito travestis. É uma festa: cansadas, as maquilagens desfeitas, as bichas contam, à maneira dos ficcionistas modernos — ou seja, da forma mais desagregada possível —, suas aventuras da noite que, para elas, termina só agora. Eu ouço a conversa. Uma delas fala da Suate, diz que lhe levaram quase a metade da féria (a "Suate" são os boinas pretas da Polícia Militar); outra fala "daquele rapaz do Maverick" que anda com um revólver debaixo do assento — "Cruzes", comenta uma delas, "ele tinha sumido!"/"Pois é: mas apareceu outra vez..." Me aproximo. Pergunto se elas moram ali, naquela casa da Rua do Lavradio (uma espécie de Casa de Irene, onde só moram travestis). Uma delas me pergunta: "Por quê?"/"É que eu queria entrar lá." Uma agitação geral. Nova pergunta: "Pra quê?"/"Bom, é que eu tou fazendo uma reportagem pro Lampião, vocês conhecem? (silêncio total como resposta) É um jornal guei; uma reportagem sobre travestis. E aí, eu queria ver como é que vocês vivem". Novo silêncio. As bichas comem suas médias com pão e manteiga, durante um minuto parecem apenas se concentrar nisso. De repente, uma delas, depois de molhar o pão no café-com-leite e interromper o gesto de levá-lo à boca, volta-se para mim e murmura: "Se você tentar entrar ali, a gente te mata; te estraçalha toda, e depois te joga dentro da lixeira..."

— Pegue o seu jornal e enfie no rabo! **(Jenifer; em frente à boate Casanova).**

— Eu tou me sentindo tão triste, tão deprimida! Ah, eu quero colo! Eu quero um paizinho que seja bem bonzinho para mim... **(Aziza; também em frente ao Casanova).**

— Nunca vou gostar de homem nenhum. De homem eu só quero o dinheiro. **(Virna; outra que faz ponto diante do Casanova).**

— Estou morta, morta! Argh! Tô com um gosto de esperma na boca! Puta que la merda! **(Virna, outra vez; ela era uma das que estavam, às 6h da manhã do dia sete de dezembro, no tal bar da esquina de Men de Sá com Lavradio).**

Praia do Flamengo: dezoito de dezembro, às 11 horas. Os travestis chegaram às nove e meia, fizeram montinhos de areia, estenderam suas toalhas, se lambuzaram de óleo de bronzear e desfilaram na areia com seis biquínis e tanguinhas. Agora, estão se preparando para ir para casa, quando a briga estoura. Duas delas anunciam que vão a pé, e por isso não racharão o dinheiro do táxi. "Mas nós pagamos a vinda e vocês iam pagar a volta", argumentam as outras duas. Em poucos minutos, começa a gritaria. As quatro se xingam mutuamente, dizem uma da outra as piores coisas. De repente, uma delas apanha uma pedra de uns cinco quilos e, erguendo-a com as duas mãos, joga-a numa outra. Por poucos centímetros a pedra não esmigalha a cabeça da outra bicha. Lá no asfalto, estão parados dois carros da Polícia Militar, duas joaninhas. Seus ocupantes olham a briga entre os travestis com o maior tédio, é como se dissessem a si mesmos — "pra que a gente vai se meter? Eles se acabam uns com os outros..." As bichas deixam a praia aos berros.

— Falar? Travesti não tem que falar. O travesti é a forma puramente física através da qual se manifesta um certo tipo de violência. O erro da sociedade é pensar que a violência está dentro do travesti — não, o travesti é o espelho no qual se reflete toda uma situação de violência que o rodeia, que o envolve. Acho que é a forma mais primitiva de revolta — o homem que se recusa a ser homem, mesmo não sabendo que jamais será mulher, mesmo não sabendo que não existe homem nem mulher. Ao recusar o papel que lhe foi destinado, o de homem, e ao caricaturar o outro papel quel lhe resta à escolha — o de mulher, o travesti está ganhando o seu lugar dentro de longo e penoso processo interior a que o homem chama generosamente de revolução; não, o travesti não tem que falar; basta que apareça diante dos nossos olhos e nos inquiete sempre.

(Aguinaldo Silva)

Vítimas da falta de espaço

Como disse muito sabiamente um psicanalista amigo meu, as relações chamadas heterossexuais é que são na realidade relações homossexuais na medida em que estabelecem uma relação "do mesmo sexo" com o Sistema. Este, no entanto, travestido de ditador dos parâmetros de "normalidade" e "anormalidade", marginaliza os homossexuais da medida em que estes não aceitam os espaços "permitidos" por ele.

Quais são esses espaços? O masculino e o feminino. Sem outra opção ou saída, alguns homossexuais, vítimas inconscientes dessa claustrofobia de papéis pré-conceituais (preconceituosos) passam a "ocupar" os espaços delimitados pelo Sistema seguindo à risca o que manda o figurino. Aí surge a bicha louca e o sapatão (não confundir com os homossexuais assumidos). Cada um deles passa a assumir na vida quotidiana e portanto, inclusive, sexual, os papéis de macho ou fêmea. Ao contrário de deixar fluir dentro da personalidade, harmonicamente, essas duas forças existentes em todo e qualquer ser humano na sua totalidade como pessoa.

O travesti me parece ser exatamente a pessoa que levou às últimas conseqüências essa falta de espaço determinada pelo Sistema. Já que não há um espaço para o homossexual ocupar (como diz a cartilha), ele então radicaliza a sua falta de perspectiva assumindo "o papel de mulher". A quem serve o travesti? Ao Sistema, porque acredita nos seus valores, porque não acredita na possibilidade de exercer a sua sexualidade enquanto ser humano integralizando as duas forças internas (macho/fêmea) existentes. O travesti é o fetiche de uma visão heterossexual da homossexualidade. O homossexualismo, para ele, não existe. Existem o homem e a mulher. O travesti acredita ser mulher. E há casos em que essa crença chega às raias da castração física, numa aceitação definitiva de abrir mão da sua sexualidade empírica (o pênis). Uma gritante afirmação desta minha visão é a atitude suicida que os travestis assumem quando são contrariados pelas forças da repressão (policial). Ao cortarem-se com giletes ao serem presos, eles estão querendo dizer — inconscientemente, é claro — "Eu me mato e aí você perderá a referência". A referência que sugere o espaço "permitido" pelo Sistema. Morto o travesti, morre o Sistema que o asfixiou, que o prendeu àquele "papel", e que não permite a existência de uma sexualidade — fora da "normalidade" — que queira se afirmar socialmente.

A teoria de Darcy Penteado de que os travestis são os que vieram ocupar no mercado da prostituição o lugar da mulher, me parece discutível. Reconhecê-la é reconhecer o que estou dizendo, agora rotulá-la de "revolucionária" é um absurdo. Os fregueses dos travestis nesse mercado são (segundo depoimentos dos próprios travestis) "senhores casados", "homens sérios", ou seja: homossexuais igualmente reprimidos que ao se relacionarem com os travestis fantasiam que não estão "transando com outro homem", além de realizarem a fantasia social (todo travesti é uma grande vedete) de ascensão. Servem, os travestis, mais uma vez ao Sistema repressor que cria monstros feito esses "homens sérios".

Alguém diria: "Ah! Mas a maioria dos travestis, na cama, é quem come (ativamente) esses senhores sérios". Tudo bem, meu amor. No escuro da clandestinidade, no anonimato das quatro paredes, tudo está salvo. Interessa ao Sistema a legalização do Partido Comunista? Não. Interessa mantê-lo na pseudo-clandestinidade, porque não o reconhece como força política, mas tolera as suas atividades mais uma vez travestido de um sistema "democrático". A clandestinidade ou o travestimento da sexualidade só pode interessar ao Sistema que condena a liberdade de expressão (corporal/sexual). O travesti, enquanto isolado nos seus teatros, enquanto falador de piadas, assim como os homossexuais (linha casal — há os que usam até a aliança judaico-cristã) que aceitam o encarceramento do convívio "social", ou os homossexuais que vivem exclusivamente nos guetos, servem, em última instância, a um só Sistema, e na mesma forma.

Qual seria, então, uma posição libertária, que é — no meu entender — o mínimo que se espera? Acredito que ocupar o espaço dentro e fora dos guetos (obviamente que, first of all, dentro de cada pessoa). Dentro para expulsar a visita zôo-científico-turística dos heterossexuais, e fora para estar dentro da Sociedade, para afirmar, confirmar, e assegurar um espaço para todo e qualquer tipo de sexualidade. Uma posição revolucionária, sem travestimento. REVOLUÇÃO = tomar o poder espacial (espaço) e não ASSIMILAR a ideologia do Poder, especialmente aquela elaborada nos laboratórios das Igrejas, dos Hospitais e das Escolas a respeito da sexualidade, e ainda mais da homossexualidade. Ser homossexual é ser revolucionário, mesmo que isso — aos olhos direitistas das várias espécies de patrulhas travestidas — possa parecer paradoxal. Aliás, em grego, como nos ensina Ferreira Gular num recente artigo, Parodoxon significa maravilha. A revolução da sexualidade é uma revolução maravilhosa. **(Luíz Carlos Lacerda).**

Na Paulicéia, com olhos de lince e pernas de avestruz

Perseguidos pela máquina policial — azeitada principalmente a partir de maio, quando foi desfechada a chamada Operação Rondão —, os travestis paulistas começaram a abandonar o centro da cidade, seguindo para os bairros ou avenidas da Zona Sul. A área compreendida pelas imediações do Hilton Hotel — ruas Rego Freitas, Teodoro Baima, Epitácio Pessoa, Major Sertório, Avenida Ipiranga e um pouco da Avenida Angélica —, antes exuberantemente freqüentada por uma fauna feminina sequiosa de machos e do dinheiro que portavam, com o qual fazia seus salários, hoje encontra-se, senão vazia, pelo menos habitada pelo **homens**, a bordo de suas **barcas** — os camburões.

Não bastasse a perseguição policial, os travestis tiveram de sofrer, em novembro, o resultado dos caprichos de um desequilibrado que portava uma espingarda "picapau", carregada de chumbo e sal grosso, com a qual alvejava os travestis da Zona Sul da cidade. Apelidado pelo jornal Notícias Populares com o epíteto de "Jack, o Atirador", Carlos Pinezzi Filho, 28 anos, ex-vendedor de automóveis (trabalho que abandonou, junto com sua casa e a noiva), durante três semanas disseminou o medo e o ódio entre os travestis do pedaço. Aproximava-se fingindo interesse, dava um rápido sinal de luz com seu carro e, quando o travesti vinha se oferecer, disparava a espingarda, geralmente apontada para o traseiro ou as pernas da vítima, e soltava gostosas gargalhadas enquanto esta fugia. Ele, pelo menos, colheu o que semeou: foi atacado por dois travestis, no dia 7 de novembro, e agredido a gilete e cacos de vidro, sendo hospitalizado com um corte profundo na testa.

Reconhecido pelos travestis no DEIC, dia 27 de novembro, durante toda a sessão, segundo depuseram os primeiros à imprensa, Pinezzi permaneceu sempre ao lado dos policiais, rindo muito e conversando. Orientado pelo advogado, diria depois que jamais sentira ódio de homossexuais, mas indagado se sairia com um travesti, respondeu: — Sim. Para acertar um tiro de espingarda na cara dele.

Embora tenha sumido do mapa, pois já não persegue os homossexuais, encontra-se em liberdade, segundo informações de travestis que freqüentam a Zona Sul e o Centro.

Para sobreviver, portanto, hoje, na noite paulistana, o travesti deve ter duas qualidades primordiais: olhos de lince e pernas de avestruz. E mais ainda, permanecer em estado de vigília, pois os camburões transformaram a área onde atuam numa selva perigosa e traiçoeira. As **barcas** se encontram à espreita dessa caça, cujo destino pode ser, principalmente, o 3º distrito policial (Terceira Seccional — Centro), cuja direção se encontra ocupada pelo delegado José Wilson Richetti.

Às vésperas do Natal, penetramos nessa selva, para conversar com os travestis mais audazes — os que insistem em fazer seu **trottoir** no Centro. Para encontrá-los, vagamos durante muito tempo em torno do Hilton Hotel, de olhos bem abertos e decididos a não esmorecer. Nos deparamos com uma variedade humana imensa — prostitutas, mendigos, vadios, gente de classe média enchendo as lojas para comprar presentes e policiais: dezenas, centenas deles, percorrendo incessantemente todo o Centro, a revistar qualquer pessoa que achem por bem revistar.

Quanto aos travestis... Os poucos que encontramos se negaram a falar."Venham depois de meia-noite. Estou trabalhando. Depois eu falo"

Aretusa tem 17 anos. Veio de São José do Rio Preto. Mora só. Paga dez mil de aluguel. Na esquina de Major Sertório com General Jardim, disputa o ponto com Cleide, outro travesti, e duas mulheres, uma negra rechonchuda, e outra branca, queimadona. Sua minissaia com listras coloridas e a bijuteria barata dão-lhe ao mesmo tempo um ar de ninfa amedrontada e de garoto travesso.

— Ah, vocês vão sofrer para encontrar os outros. A maioria dos travestis foi para as avenidas (Angélica, Indianápolis, República do Líbano, Radial Leste). Aqui a gente não pode trabalhar em paz. Os bofes ficaram amedrontados, depois do Rondão. Os melhores fregueses sumiram. Agora, a média são dois, e olhe lá. Os **homens** não dão trégua. Outro dia, na carreira, eles atiraram na gente e acertaram no salto da minha sandália. Lá no distrito, tanto no 1º, 2º, 3º ou 5º, eles tomam tudo. A Cleide, para sair, teve de entregar Cr$ 8 mil. E olha que ainda levou gás lacrimogênio na cara. Esse Richetti, então, é um viado. Uma bichona enrustida, que nos persegue por puro prazer. Por que ele não assume?...

Essa realidade, como comprovamos, é a rotina da maioria. Não pudemos continuar o papo. Com olhos sempre divididos entre os bofes que passam de carro e a avenida, de repente os dois, seguidos das duas prostitutas, desembestaram numa carreira louca pela contramão: tinham percebido a **barca** a três quarteirões de distância.

— Eles querem reduzir as bichas a zero — desabafa Tatiana —, sentada num bar da Rua Major Sertório. — Me transferi da Radial Leste para cá há coisa de um ano, pois lá não tava dando mais. As bichas aqui são mais finas, e os fregueses, quando gostam, não nos largam mais. A merda é que, com o Richetti, os melhores bofes sumiram. Eu também passei um tempo sumida. Como sou de menor — 17 anos —, me levaram para a UT-3, da Febem, onde cortaram meu cabelo e me deram hormônios masculinos para eu virar homem — imagina, eu hem?, nem morta! E depois, eles são uns filhos da puta. "Peruano", um professor de educação física, tenta comer as bichas que vão pra lá. Veio pra cima de mim, mas não deu. Outro cara, "Ceará", policial, quando gosta da bicha, depois que ela é solta, vem procurá-la aqui, no pedaço, pra sair com ela. Pode?

Tatiana não crê que os travestis sejam pessoas perigosas. E tem um argumento para isto. Com sua cândida voz rouca, denunciando um charmoso sotaque carioca, explica o círculo vicioso montado pela engrenagem da repressão:

— Eles tentam limpar esse pedaço, as bichas vão pras avenidas, onde, quando falta homem, ficam desesperadas e passam a roubar. Juro como desconheço casos de assaltos de bofes aqui, quando a barra tava legal. E depois, os fregueses eram certinhos, de hora marcada e tudo. Agora, a gente tá numa pior. Eu, que fazia cinco caras por noite (a Cr$ 500 por cliente), agora faço dois, três, e tenho que me virar.

A amiga de Tatiana, que preferiu não falar, acalenta o mesmo sonho que ele: juntar dinheiro para fazer implantações de silicone no exterior. Mas não pretendem se operar:

— Entre seis fregueses que a gente acha — diz — Tatiana —, quatro querem apenas dar. E depois, queridinhas, eu soube que, operando, a gente deixa de gozar. A senhora tá boa? Eu não vou embarcar nessa nem morta!

Saímos do bar enternecidos com a atenção das meninas, e sem pensar que uma surpresa deste tamanho nos esperava: à procura de outros depoimentos, entramos na rua Maria Borba, próxima à Avenida Amaral Gurgel. E ali estava, em carne e osso, nada mais nada menos que o próprio demônio que tanto susto traz ao bicharéu — o delegado Richetti.

Ele comandava uma batida a um hotel, de onde retirava todos os hóspedes, encaminhando-os para três camburões. "As **barcas** estão lotadas?" — Pergunta um dos homens de Richetti. De olhos esbugalhados, olhávamos estarrecidos, ora para aquele fantasma, ora para os bofes que subiam nos camburões: que gente bonita anda trepando na noite da paulicéia...

— Delegado, vê se da próxima vez não nos assusta tanto — diz, delicado, um morador das vizinhanças. Vestido num delirante conjunto safari cor gelo, a barriga enorme, Richetti sorri. Afasta-se do local, acompanhado por seus homens e, na esquina, após discutirem algo que não pudemos **mesmo** escutar, ele embarcou numa Veraneio amarelo gema, placa KP 7595, e avançou em direção ao bairro do Bexiga. E, enquanto caminhávamos em direção ao "Jeca", na esquina de Ipiranga com São João, pensávamos: "Deus tenha piedade do Bexiga..." **(Paulo Augusto e Francisco Fukushima)**

...E a França aprende a tomar banho

Parecia um daqueles filmes de Alan Delon sobre **flics e voyous**: em plena manhã, o travesti deslumbrante acabara de ocupar seu ponto numa das esquinas que desembocam no Bois de Boulogne, em Paris. De repente, de um Renault estacionado nas proximidades, desce outro travesti, com um fuzil de caça nas mãos, e dispara contra o primeiro; este tomba mortalmente ferido; o segundo entra outra vez no carro e arranca, mas a polícia, imediatamente alertada, fecha todas as saídas do local. Instantes de dramática perseguição automobilística, e o franco atirador é cercado e preso. Identificado o matador, Cláudio Tavares Rabelo, brasileiro do interior de Alagoas, e sua vítima, Elísio Duarte Filho, brasileiro do interior do Estado do Rio, estava deflagrado o escândalo dos travestis brasileiros em Paris.

Meses antes, a primeira ponta do véu de mistério que cercava a vida dos travestis brasileiros em Paris já tinha sido parcialmente levantada, com a prisão de Jacqueline Lefèvre e André Dubray, um casal de proxenetas franceses que, segundo a imprensa local, importava travestis brasileiros para trabalhar na prostituição, chegando, com isso, a lucrar até Cr$ 30 mil diários por cabeça. Um certo exagero de jornais como o **France Soir** — o qual chegou a dizer que o Brasil era "o maior exportador de travestis do mundo"; mas a verdade é que a invasão de travestis brasileiros em Paris, que começou há seis anos atrás e chegou ao auge nos últimos três, tinha um objetivo principal: a prostituição.

Agora, cabe a pergunta: culpa dos nossos travestis? Um deles, numa conversa comigo, traçou um rápido perfil do homem francês, médio, segundo ele um "vicioso", alguém que se excita com a relação sexual remunerada muito mais que com uma outra, que não envolva esse tipo e interesse: "Eles são todos uns moralistas, uns doentes: pra eles, o sexo só é bom se tiver algum tipo de sujeira". A julgar pelo que disse este travesti — que chegava a "fazer" até oito clientes por dia ("Eu nunca ia pra rua, pegava de tarde no supermercado, na farmacia, no cafe; fingia que era uma dona de casa fazendo compras; eles adoram esse clima"), a velha desculpa francesa de que quem alimenta a prostituição em Paris são os turistas é pura balela: "Mais de setenta por cento dos meus clientes eram franceses."

Assim, foi o vicio francês da prostituição que transformou Paris, nos últimos tempos, numa autêntica sucursal da Cinelândia **carioca. De** repente, você dobrava uma esquina de Pigalle e se defrontava com dezenas de pessoas falando português — quer dizer, o tipo de português que se fala numa reunião de bichas de batalha, a linguagem cifrada através da qual estas pessoas se fazem entender entre si, acrescida, nos últimos tempos, de palavras "abrasileiradas" do francês — as bichas brasileiras em Paris, criativas como prova o seu grande sucesso por lá, já estavam criando até seu próprio **argot**, seu **patois**.

Corria muito dinheiro. Conheço algumas que compraram vários apartamentos aqui no Rio, que passaram a sustentar suas famílias só com os dólares ganhos nas esquinas de Pigalle. Isso sem falar no dinheiro que gastavam com elas própria, na dura caminhada em direção ao transexualismo: a aplicação de um seio de silicone, por exemplo, feita não por um especialista, mas por um **curioso** (e Ellis, a morta do Bois, era uma delas), custa dois mil dólares. Querem ter uma idéia de quanto Ellis ganhou aplicando silicone nos brasileiros? Só a rutilante dentadura que ela ostentava lhe custou Cr$ 700 mil. E a dentadura era apenas um insignificante detalhe no corpo de Ellis todo esculpido a silicone e plástica. Era tanto o dinheiro que ela se dava ao luxo de alugar um prédio de oito andares em Paris, uma espécie de sucursal francesa da Casa de Irene, onde os travestis brasileiros se revezavam dia e noite a atender seus clientes.

A época de ouro dos travestis brasileiros parece que acabou. Qualquer um que a conheceu pode falar do "baixo astral" de Ellis, uma pessoa lindíssima, mas permanentemente cercada por uma estranha aura de maldição, desde os tempos em que surgiu no Rio, aí pelo começo da década de 70, auto proclamada artista e alimentando uma obsessão: "desbancar Rogéria" nos palcos (ela era realmente bonita, e cantava e dançava muito direitinho, mas tinha um problema sério: **mignon**, conseguia ficar ainda menor nos palcos, a ponto de parecer uma verdadeira anã; belíssima, sim, mas de nenhum efeito sobre o palco). Por conta dessa aura, não é de estranhar que tenha sido ela quem ganhou mais dinheiro na França e quem, com sua morte, encerrou um ciclo: agora, todos os dias, desembarca no Rio um grupo de travestis brasileiros vindos de Paris — são as **expulsas**, como estão sendo chamadas no **meio**.

Aqui, elas se defrontam com uma difícil realidade (está criado, dessa forma, o que chamaríamos de um **problema social**): terão que disputar o mercado de trabalho, que é bem menos vasto que o de Paris. Assim, não é de estranhar que Antônio Carlos Moreira, em sua peregrinação pelo Mangue (vide matéria neste número), tenha encontrado algumas **expulsas** vivendo por lá. Claro, não existe a menor diferença entre o Mangue carioca e os becos de Pigalle, a não ser duas: o churrasquinho de carne de cachorro, que aqui é muito mais gostoso, e o pagamento, que em Pigalle é feito em francos ou dólares. E, sem francos ou dólares, as **expulsas** deverão travar, nos próximos meses de sua volta à pátria, um duro embate contra sua própria fragilidade.

Claro que nem todas as **expulsas** vão parar nas esquinas ou no Mangue. Entre elas, há muitas artistas, pessoas que já encontraram seu lugar nos palcos cariocas, é verdade que a preços aviltantes, mas, pelo menos, sem ter que enfrentar o problema imediato da prostituição. Além disso, há as veteranas, as primeiras a ocupar seus postos em Paris, e que, antes, tinham suas profissões — eram cabeleireiros, maquiladores, etc. —, que agora voltam a exercer com toda a competência. Só que, todas elas, acrescidas do aparato que as transformou em transexuais.

E é exatamente esse aspecto que nos deixa mais curioso aqui na redação; como bem disse Francisco Bittencourt, temos diante de nós uma primeira geração de bichas biônicas — e isso sem piadas —, um terreno completamente desconhecido cujo futuro é uma incógnita. O que vai acontecer com elas? Suficientemente fortes para chegar à "transformação", elas serão igualmente fortes para poder suportá-la pela vida a fora?

Quanto aos franceses, a invasão de bárbaras brasileiras, além de proporcionar ao cansado e decadente sangue **bleu-blanc-rouge** novos pretextos para a fantasia, é possível que também tenha causado certo impacto em seus costumes. Um desses travestis, lembrando o fato de que "todo francês cheira a azedo", me disse qual a primeira frase que todo brasileiro dizia, mal se via a sós, com um deles, antes do ato sexual: "**Vite, cheri, a la douche**"; o que traduzido não muito literalmente quer dizer: "Depressa, bofe, vai lavar a piroca". Quem sabe se, de tanto ouvir a frase, alguns franceses não acabaram por adquirir o hábito?" **(AS)**.

Um passeio na Zona

Cheguei por volta de 10 horas da manhã ao Mangue acompanhado de Ricardo, o fotógrafo; estava pronto para começar minha reportagem. Andando por entre alguns montes de entulhos e barraquinhas de tábuas velhas, tentávamos fazer alguma amizade de última hora que pudesse nos levar a quem procurávamos. Nos dirigimos ao bar da esquina da Júlio do Carmo com Machado Coelho; no trajeto algumas prostitutas nos faziam convites e Ricardo por várias vezes teve de tirar seu maço de cigarros do bolso para dá-los às nossas anfitriãs. Ao entrarmos no bar do Nélson, observei atentamente um jovem que se deliciava brincando com um daqueles brinquedos eletrônicos. Pude notar, por entre sua camisa de malha, peitos ligeiramente crescidos, como se tivesse iniciado sua sessão de hormônios há pouco tempo. Suas unhas eram pintadas de um vermelho berrante e seu cabelo de um oxigenado mau feito. Parecia ter uns quinze anos, no máximo, e apesar de todo seu aspecto híbrido ele se parecia mais com um daqueles garotões que freqüentam os "play-times" da vida. Tentei uma aproximação, mas esta se tornou impossível, pois ele não estava nem um pouco interessado em falar sobre si e sua batalha na Zona.

Tendo fracassado de início, o jeito foi perguntar ao Nelson, que trabalha naquele bar há anos, onde poderia encontrar outros travestis que trabalhassem ali. Ele, desconfiado, falou que estava ocupado no momento, mas que esperássemos um tal de Caubi, que conhecia todo mundo da área. Por fim, Nélson resolve indicar-nos a casa de Cláudia, há alguns passos dali.

Com muito custo conseguimos chegar à casa de Cláudia, quase no fim da Júlio do Carmo. Deparamos com uma bela morena, que arrumava, eletricamente, um jardim que havia no pátio central da casa. Dona de um barraco nos fundos e de um sobrado, Cláudia aluga quartos (verdadeiros cubículos) para as prostitutas atenderem seus fregueses. Com toda sua aparência feminina, seria impossível para os habitantes freqüentadores de sua casa não acreditarem que ela seja uma mulher. Ao ser abordada sobre como era a vida de um travesti na Zona — ou melhor, no que resta da Zona — ela num tom nada hospitaleiro responde: "**Aqui na Zona ninguém sabe de nada, ninguém pode falar nada. Estou aqui há 4 anos, e o que é meu é isso aí que você pode ver.**" (Aponta pro barraco e pro sobrado). Neste instante um rapaz enorme e muito bonito, vestido com uma bermuda branca, aparece na porta do barraco, como se nos intimidasse. "**Olha,** prossegue Cláudia, **vocês me desculpem, mas eu não posso falar nada, é a lei daqui. Já vieram muitos repórteres aqui, e nunca resolveram nada e ainda deram problemas. Acho bom vocês irem embora, senão as putas vão juntar vocês de porrada. O pessoal daqui não gosta de ser fotografado e nem bisbilhotado.**"

Logo percebi que a rispidez de Cláudia estava ligada a um acontecimento ocorrido há duas semanas: a morte de Pérola Negra. Pérola era um travesti que circulava muito na zona, trazendo e levando trouxinhas de maconha ou trabalhando em algumas casas como arrumadeira. Tinha 28 anos, não usava hormônios e era muito querida, pois sempre defendia o pessoal da região, tanto da polícia como de ladrões. Costumava freqüentar os ensaios da Unidos de São Carlos, cuja quadra fica a poucos metros dali. Teve um caso com o cantor e compositor Luiz Melodia, quando esse, mais jovem, morava no morro de São Carlos. As recordações desse período estão retratadas na música **"Pérola Negra"**, do próprio Melodia.

Segundo alguns, Pérola teria sido assassinada por um policial que dias antes havia se intrometido com ela, acabando por ser esfaqueado Levado para o Souza Aguiar, em estado grave, este se recuperou e uma semana depois, ocupando um carro com mais três elementos, cercou Pérola na Travessa Guedes e a matou com um tiro na cabeça.

Finalmente, numa loja transformada em prostíbulo, encontramos Sibila, um bonito travesti, que mal podia conter seu desejo de ser fotografado pela reluzente Pentax de meu amigo. Com apenas 21 anos, Sibila se parece mais com uma professora primária do que com um travesti. Muito solícita começa a falar de sua vida e da Zona. "**Comecei a fazer travesti com 14 anos, foi quando resolvi sair de casa, pois não me sentia bem. Quando voltei eu já estava diferente e minha mãe não esquentou muito a cabeça. Atualmente estou morando com ela em Jacarepaguá. É bom morar com ela, porque eu tenho carinho. Quando a gente não tem um homem, tem uma mãe pra nos dar carinho. Com 17 anos eu ia muito pra Vieira Souto, ganhava muito dinheiro, mas prefiro viajar, dá muito mais dinheiro. Belo Horizonte é o melhor lugar, lá os homens gostam muito de travestis. Eu tinha um sargento em BH que me dava mais de cinco mil cruzeiros por mês, ele era muito legal.**"

Trabalha junto com mais nove prostitutas e orgulha-se de ser o único travesti da casa. Costuma faturar só pela manhã, pois gosta de ficar o resto do dia com sua mãe. Cada programa custa 300 cruzeiros, a média de qualquer prostituta ou travesti da Zona, e não dura mais de meia hora. Isto quando não lhe dá na veneta e deixa o freguês a ver navios depois de receber a grana — "é o famoso babado". Diz faturar 30 mil cruzeiros por mês e prefere trabalhar junto com as mulheres, "**por isso estou na Zona.**" Faz tempo que deixou de tomar hormônios, e explica porquê: "**A gente toma hormônios, sai com os bofes, e aqui que vai sentir tesão...**"

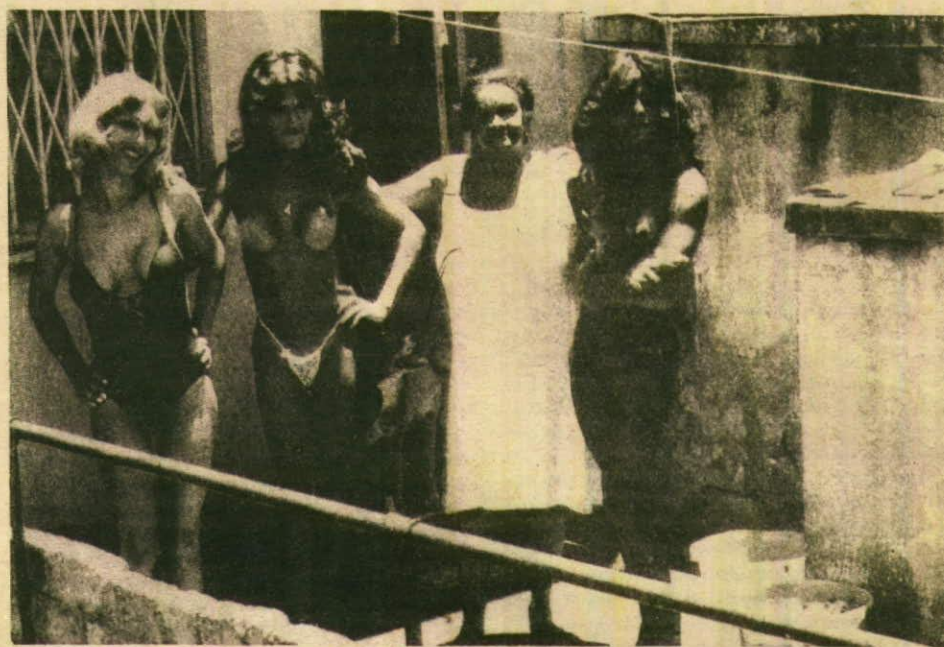
Segundo Sibila, na Zona tem muito travesti, mas todos são muito ignorantes e agressivos, não gostam de falar; ela não: "**Quero mais é soltar os bichos. O que é que tem, eu não sou viado mesmo?**"

Findo o papo com Sibila, resolvi procurar um velho amigo, Nathan, num velho sobrado escondido da Rua Laura de Araújo. Ao entrarmos deparamos com pilhas de roupas jogadas pelos cantos e em cima de uma antiga penteadeira. Com cerca de cento e cinqüenta quilos, branco como leite, vestindo sempre uma camiseta regata branca com uma bermuda surrada e constantemente rodeado por bichinhas serelepes, ávidas em serví-lo, lá estava Nathan, uma das pessoas mais conhecidas e respeitadas da Zona (depois de Baiana, é claro). Mantém um rendoso comércio na região, o "brechó". Quando pequeno, era com ele que eu apanhava suntuosas roupas usadas e saia vendendo para os travestis do bairro.

Com 52 anos, Nathan está no ramo de coisas e roupas usadas há 15 anos, desde que resolveu abandonar sua tinturaria e a família e se jogar de vez na vida. Fala pouco de sua vida quando ainda era um senhor bem comportado, inclusive proibe fotos, dizendo: "**Tenho dois filhos na Universidade e não gostaria que eles vissem minha foto, não ia ficar bem**". Com todo seu exotismo, Nathan mais se parece com uma **matrona**, cândida e diabólica, sempre disposto a ajudar àqueles que o procuram, na maioria bichas ou putas em início de carreira, mas ao mesmo tempo não hesita em punir severamente os que ousarem trapacear com ele ou simplesmente achincalhar sua figura.

Ao falarmos da dificuldade que tivemos em conversar com alguns travestis na Zona, Nathan não titubeou, indicou-nos a casa de uma tal de Rosinha, dizendo que iríamos adorar. Pediu então, que um de seus asseclas nos levasse até o nº 48 da São Martinho.

Chegando lá, qual não foi o meu espanto quando deparamos com uma enorme senhora, mulata, dizendo ser a Rosinha que procurávamos. Esperava encontrar um travesti. Logo nos entendemos e fiquei sabendo que D. Rosinha alugava vagas só para travestis; num tom brincalhão, ressaltou: "**Sou cafetina de viado**". E soltou várias gargalhadas.

Gisele: dois mil dólares por seio.

A partir da esquerda: Sandra, Giselle, D. Rosinha e Kelly

A idéia de alugar vagas só para travestis surgiu quando D. Rosinha, atualmente com 50 anos, resolveu deixar de fazer vida na Zona. "**Quando eu fazia vida, meus melhores amigos sempre foram os travestis, os viados. Então, desde que peguei casa eu continuei com eles. Com uma mão se lava a outra, né? Eu alugo vaga pra quantos aparecerem, a gente enfia em qualquer canto, bota na sala, bota no quarto... Se eu pudesse arrumava uma casa grande, com dez quartos, e só botava viado. Eu não dou sorte com mulher.** "Paulista, tendo começado na prostituição com 13 anos, no Rio, D. Rosinha é uma verdadeira mãe para seus inquilinos ou melhor, suas meninas, como costuma chamá-los. A casa tem apenas dois pequenos quartos, uma sala apertada e um minúsculo sobrado onde ela mora com seus cães.

Por volta das 17 horas, as meninas de D. Rosinha começam a "fazer circo", como diz Gisele a bonequinha da foto, que nada mais é do que a preparação para o **trottoir** noturno, onde batalharão a grana para pagarem a diária da vaga e, certamente, colocar o que sobrar em alguma Caderneta de Poupança, para que um dia possam ir a Paris.

Fomos apresentados a três moradores da casa: Sandra, Kelly e Gisele. Sandra, carioca, 22 anos, começou a transar travesti aos 16 anos e diz que foi muito reprimida pela família, tendo que sair de casa. Começou fazendo **trottoir** para poder sobreviver. Costuma batalhar na Vieira Souto, Lapa ou Trevo das Margaridas. Segundo ela, o principal problema que encontra é a polícia. Fez várias acusações contra o 3º Distrito Policial, da Cinelândia, onde ficou três dias encarcerada. "**Os detetives do 3º DP me prenderam porque eu estava fazendo trottoir.** Me agrediram na rua, me machucaram na delegacia (**mostra o corpo todo cheio de escoriações**), **me roubaram o dinheiro que eu tinha na bolsa. Na Delegacia eles escrotizam com a gente, batem, xingam, fazem dormir no chão puro... Minha comida parecia uma lavagem de porcos e ainda fui obrigada a comer com a mão. Me mandaram limpar a delegacia todinha e depois me botaram numa cela com mais de 20 marginais, me obrigaram a dar pra todo mundo, homens que nem tomavam banho. Caso eu não fizesse o que eles queriam, acabava me dando porrada. Hoje em dia não adianta mais a gente se cortar com gilete, pra poder fugir, que eles processam a gente com um 129, tentativa de homicídio contra a própria vida**".

Sandra fala que quando começou usava muito hormônio, mas que nunca gostou por causa dos efeitos colaterais deste. Há quatro meses, quando esteve na França, fez uma aplicação de silicone no rosto e ao retornar ao Brasil fez outra aplicação nos seios, na Clínica do Dr. Hélio Santos Medeiros, na Av. Conselheiro Rodrigues Alves, em Vila Mariana, São Paulo. A cirurgia do busto custou-lhe 65 mil cruzeiros, segunda ela, um preço barato.

Mas a festa ficou por conta de Gisele, que não parou de falar um só instante, contando peripécias de Paris, falando mal da polícia e lançando sua campanha pela legalização da prostituição dos travestis.

Escondendo sua idade, Gisele fala que começou a transar com 8 anos. "**A primeira relação que eu tive foi com meu irmão, um moreno bonito, de olhos verdes, aquela coisa gostosa. Isso com 8 anos de idade. Eu já fazia a puta, desde criança, dormia com a camisola das minhas irmãs, linda e maravilhosa.**" Fala de sua temporada em Paris e lembra-se da emoção que teve ao embarcar no Aeroporto Internacional do Galeão. Gisele conta que em sua primeira noite em Paris faturou dois mil francos, o que corresponde a 27 mil cruzeiros. Mas o que reivindica mesmo é que o Governo brasileiro legalize de vez a prostituição, porque segundo ela, os policiais estão cada vez mais violentos com quem faz vida. "**Eles ficam noite e noites rondando de camburão, gastando gasolina, e depois reclamam que a gasosa está cara. Por que eles não vão correr atrás de traficante, bandido, assaltante? Que país é esse? A polícia quando apanha dinheiro da gente, não quer mixaria, é de 500 cruzeiros para cima. Quando as bichas não dão, eles forjam flagrante de maconha ou levam pro Corcovado, amarram uma na outra querem foder a gente e tudo. Tem mais é que legalizar a putaria para acabar com essa sacanagem. Já que eles gostam tanto de dinheiro, vamos dar pro país e não pra eles**". (Antônio Carlos Moreira).

Intimidade com uma estrela

Jane, 36 anos, iniciou sua carreira de **estrela** em 1966, no teatro Dulcina, com o espetáculo **Les Girls**. Naquele tempo, conta ela, ainda era "um garotão", tinha barba e faltava-lhe os fartos seios atuais. Nesses 14 anos ela já trabalhou em Paris, Barcelona, em cabarés, e batalhou em algumas cidades alemãs e em Nova Iorque. Apesar de achar que esses mercados são melhores do que o brasileiro, no momento, prefere trabalhar aqui, embora se queixe das discriminações que vem sofrendo. "No Regine's do Rio não posso entrar. No de Paris ia sempre. Aqui, fui ao Hippopotamus uma vez, mas no meio de um grupo, pra não ser barrada. Imagine você que até o Sótão proíbe a entrada de travestis. Dizem que são os entendidos que não querem saber da gente lá dentro. Uma família muito unida, não?"

Jane é carioca de Botafogo, mas se criou em Cascadura. Hoje mora em Copacabana. Como travesti, Jane já está "quase pronta". Além da implantação dos seios, fez plástica no nariz, na testa, no gogó e colocou cilicone nas maçãs do rosto. Não imagino o que ainda possa faltar, já que ela não pretende fazer a operação do sexo, a famosa e discutível passagem para o transexualismo.

— **Mas conte como é o seu dia-a-dia, Jane.**

— Meu dia-a-dia é normal, como o de qualquer outra pessoa. Faço o que quase todo o mundo faz. A minha lavoura vai muito bem. Na

ENTREVISTA

hora do babado, a piroca quem tem sou eu, querida... Então, fica uma coisa esquisita, porque é um tal de seio, de xoxota — fica uma coisa muito complicada, não dá pra entender. Prefiro amar espiritualmente as mulheres, defendê-las sempre.

Antônio Carlos — **É, mas pintou agora uma onda, não sei se é só aqui no Rio, de travesti fazer caso com lésbica...**

Rogéria — Como diria o Agildo Ribeiro, eu acho uma coisa hor-ro-ro-sa! Acontece que a Camille, minha amiga camille (**ares de deboche; risos gerais**): Carlinhos Primeiro, ela vai ficar arrasada: "Bicha, você foi dizer no Lampião!" A Camille está casad . com uma mulher, o Giovanni, e apaixonadíssima! O nome é Giovanna, mas ela chama de Giovanni. Eu perguntei: "Carlinhos, como é que é na hora do babado?" E ela: (**dá a entonação fanha de Carlinhos**) "Ah, meu bem, eu banco o sapatão e ela banca a bicha, ou vice-versa. Afinal de contas, nós somos atrizes, representamos!" (**gargalhadas eufóricas**) Eu lhe disse, "bom, tudo bem, se for em prol do sexo". Mas eu acho que não chegaria a esse ponto. Não dá.

Alceste — **Você é conhecido no Brasil inteiro; mas tem muita gente que não sabe como é que você começou...**

Rogéria — Mas pro Lampião, que é um jornal guei maravilhoso, eu não poderia me furtar; vou contar outra vez. Eu comecei, ainda garotinho, na Cinelândia, no tempo em que não havia tóxicos, nem gilete, nem navalhada. Éramos garotos de família, estudantes que íamos pra Cinelândia dar pinta, e só. Ah, e pra arranjar companhia. Nesse ponto eu sou bem ninfômana. Quando mais melhor. Aliás, o homossexualismo tem uma dose acentuada de sexualidade, não sei se vocês sabem.

Aguinaldo — **Ih, sabemos demais. O Paulo Francis diz que somos as únicas pessoas que, em matéria de sexo, atuamos "full time"...**

Rogéria — É, **full time**: é uma maravilha. Aliás, eu ando com uma estafa... (**risos**) Mas então, eu ia aos bailes do República, que eram os maiores bailes de carnaval que este país já teve.

Antônio Carlos — **Isso em mil novecentos e quanto?**

Rogéria — Hum!!! (**risos**), 59, 60, por aí, até 64. Até 64 foi o máximo. Eu estreei em 1964. Aliás, muita gente estreou em 1964... (**risos**) Pois bem, uma noite, eu estava no baile do República, vinha descendo uma escadaria enorme fantasiada de "Dama da Noite". A escada tava muito cheia, e eu, "com licença, com licença", fui abrindo caminho. Aí, a Jane Angel — conhece a Jane Angel, a trágica maravilhosa? — me viu descendo aquela escada: a bicha ficou louca. "Meu Deus, nunca vi uma pessoa descer uma escada com tanto charme!", ela disse. O finado Hugo de Freitas, que Deus o tenha num bom lugar, queria montar um **show** de travestis no Stop Club, onde hoje é o Sótão; o nome do **show** era **International Set**. Aí Jane Angel virou pra ele e disse: "Descobri uma estrela pro teu **show**"; era eu. Naquela época, o travesti de maior sucesso era Ektor, a Sofia, que era belíssimo — e hoje é um ótimo costureiro —, mas não tinha talento. Então, acabou o reinado de Sofia, começou o de Rogéria.

— Estreei no Stop com Marquesa, Jean Jacques, Carlos Gil, Menon, Carmem (que morreu no Uruguai), Nádia Kendall, Jerry de Marco e Jardel Mello, que hoje é o diretor de "Plumas e Paetês". Nove meses depois dizemos **Les Girls**, ganhei mil prêmios como revelação de ator, de atriz, sei lá. Estourei no Brasil inteiro. Daí pra Carlos Machado foi um pulo. Lá conheci Stanislaw Ponte Preta, o primeiro homem a acreditar no meu talento; ele escreveu vários **shows** pra mim, fui estrela no Fred's — lá tinha Darlene Glória, Marina Montiel, Zélia Martins, era aquela gente toda e Rogéria lá na frente, de vedete. Por quê?

Alceste — **Pelo seu talento...**

Rogéria — Ah, aplausos pró meu barbudo! Porque eu tenho horror que as pessoas pensem que meu sucesso é porque eu sou travesti; travesti uma merda, porra! Sou ator ou atriz, sei lá. Então as pessoas me convidam pra trabalhar porque sabem que eu vou segurar a barra. Fiquei com Carlos Machado cinco anos. Depois, fiz uma turnê ao Sul e, quando voltei, fui convidado pelo Dennis Duarte pra ir à África. Lourenço Marques, Beira, Luanda... Foi um aprendizado maravilhoso, mas aí fiquei dura, sem nem um tostão.

Alceste — **Te passaram pra trás?**

Rogéria — Não, mas também não me pagaram fortunas, porque na África eu não era uma pessoa conhecida. Mesmo assim, comprei uma passagem para Europa. Fiquei seis meses em Barcelona. Aí a polícia do Franco começou a dizer — olha só, que idiotice! — que eu não podia trabalhar de peruca se tivesse peru (Posso falar peru, não é?); porque eu tinha que cortar o peru para trabalhar lá. Agora imagina você se eu cortasse o peru ia virar mulher! Aí eu falei assim: "Vai pra merda porra, não vou cortar o peru nem morta, santa! Tem tanta gente que gosta... "Virei pro meu patrão, o Zacamora, e fiz um forte ekê (Sabe o que é ekê, não é? É mentira): disse assim, "Zaca, eu nunca vi neve, queria ir pra Andorra... "Ele deixou, e eu fui direto para Paris. Valéria tava me esperando, fiz um teste pro Carroussel, passei, virei uma grande vedete, trabalhei durante seis anos naquela casa, viajei pelo mundo inteiro.

— Aí voltei pro Brasil, fiz "Por Via das Dúvidas", com Agildo Ribeiro, "Charme 74", com Jô Soares, Vanderléia e outros, "Nossa Escola de Samba", com Haroldo Costa, fui aos Estados Unidos, fiquei um ano e dois meses, voltei, estreei com Agildo em "Alta Rotatividade", que ficou três anos e meio em cartaz. Dei um tempo, agora estou com Ivon Cury fazendo o Sambão e Sinhá. Fiz uma peça dramática, "O Desembestado", como atriz, e estou concorrendo, por ela, ao Troféu Mambembe. Agora, depois de provar por A mais B que sou capaz de fazer grandes coisas e pequenas também, vou voltar a fazer **show** de travesti: será neste mês de janeiro, estréio no Teatro Alaska.

Aguinaldo — **Você fez grandes coisas e pequenas também, mas parece que não ganhou muito dinheiro com isso...**

Rogéria — Não ganhei dinheiro nenhum na Europa. Consegui fazer uma boca maravilhosa, porque eu botei jaqueta na boca inteira, mas foi aqui, com o dr. Hamilton Mourão, um mineiro divino. Comprei um triplex, mas foi tudo com o dinheiro do Brasil. Mesmo com essa inflação, com esse dinheiro horroroso, que não dá para nada, tudo o que eu consegui foi com dinheiro brasileiro. Mas eu precisei ir antes pra Europa, pra depois voltar e começar a ganhá-lo, tá?

Alceste — **Você tem toda uma relação civil, um lado legal. Carteira de identidade, nome, passaporte... Como é que isso funciona, no meio da burocracia?**

Rogéria — Ih, é a maior fechação! Geralmente eles me conhecem. E quando não me conhecem, minha presença física é mais importante. Eu não faço a piranha, não pareço uma piranha quando estou vestida de mulher, nem pareço com travesti; ando sem pintura, converso como uma mulher comum. Minha figura é muito feminina, passa sem maiores problemas. E quando sou obrigada a falar Astolfo — "Astolfo Barroso Pinto!", sou o primeiro a responder: "Sou eu". As pessoas fazem assim um ar espantado: "Mas é a senhora?" Aí eu digo: "Mas então você não sabe que esse é o nome da Rogéria?" Aí então, é uma maravilha. Se for mulher, então, tudo fica ainda mais fácil. Tenho tudo. Títulos de eleitor (que, aliás, não me serve para nada...), todos os documentos.

Alceste — **E você dirige carro?**

Rogéria — Não, é o cúmulo. Estou gastando uma fortuna de táxi, preciso aprender a dirigir.

Alceste — **Fiz essa pergunta pensando nos guardas de trânsito.**

Rogéria — Eu faria todos... (**mostra as unhas, faz cara de perigosa**).

Aguinaldo — **Você quase estreou um programa na tevê: "Quem tem medo de Rogéria". De repente, o programa foi suspenso, e desde então você é proibidíssima na tevê. Por quê?**

Rogéria — As pessoas dizem que existe um certo carisma (tá muito em moda essa palavra) em Rogéria. Eu passou uma simpatia muito grande. Então, o grande medo é que, se eles deixarem, Rogéria vire o maior Ibope desta terra. Você não vê o Clodovil? Agora já pensou, eu, sou bem mais **simpatique?** (**gargalhadas**). Vestida de mulher, com aquele cabelão, falando assim, "boa noite, queridos telespectadores, peço licença para entrar na casa de vocês..." Ih, não tinha Tarcísio, Glória, nada disso: se me deixassem, babau...

Aguinaldo — **Mas haveria pressões de que tipo, por exemplo, contra você?**

Rogéria — Do governo. De pessoas que trabalham na televisão, nunca. Eu tenho certeza: se tivesse nascido na América, hoje seria uma estrela internacional. Mas nasci no Brasil.

Aguinaldo — **Se você tivesse nascido na América seria Bette Midler.**

Antônio Carlos — **Eu vejo a coisa do seguinte modo: com a sua comunicabilidade, você toma toda uma situação e, segundo as cabeças dos que te proíbem, as pessoas, te vendo...**

Rogéria — ... Vão virar viado. Imagina, é a coisa mais incrível que alguém pode pensar. Eu fico assim... (**incorpora uma entidade debilóide**) completamente pasma: "Você não pode aparecer na tevê, sua bruxa, porque vai transformar todo o mundo em viado". (**dirige-se ao gravador, como se falasse diante das câmaras**) Agora me digam, leitores do Lampião, meu jornal preferido (**mentira de Rogéria; descobrimos depois que seu jornal preferido é o Jornal dos Sports**): alguém influencia alguém? Não, queridos leitores, quando alguém é viado, já nasce com o "estigma da crueldade". (**Seu tom é melodramático; gargalhadas gerais**) Não adianta, que ninguém faz a cabeça de ninguém; viado já nasce feito, ou então, se torna mais tarde, muito conscientemente. Além do mais, ser viado é uma boa, querida telespectadora: porque, se fosse uma coisa hor-ro-ro-sa, eu jamais daria o meu **back stead... (Muda de tom. Bem sério)** Só que eu sou muito homem pra dizer que sou viado mesmo e acabou. Se as pessoas tiverem que gostar de mim, vão aceitar este fato.

Aguinaldo — **Há uma relação oficial contigo, que é essa de proibir, de não te deixar aparecer por ser perigosa, mas há também outro tipo de relação, não é?** (olhar cabreiro de Rogéria. Ela faz um ar de desentendida e pergunta: "Como assim?" **Essas pessoas que te proíbem, como é que se comportam contigo quando porventura te encontram na intimidade?**

Rogéria — (**Pensa um pouco. Muito séria**) Acabam comendo sempre...

Dolores — **Nunca pintou convite de uma gravadora pra você fazer um disco? Do jeito que você canta?**

Rogéria — São burros, né? Já imaginou o que esse disco ia vender? Eles ainda não atinaram para isso.

Aguinaldo — **Você é realmente um artista incrível, eu vejo tudo o que você faz, te adoro, mas acontece o seguinte: você nunca fez uma coisa digna do seu talento. Sempre saio dos teus espetáculos meio frustrado, achando que você poderia render muito mais.**

Rogéria — As pessoas estão sempre me usando. No fundo você tem razão, porque meu grande sonho, realmente, é fazer um espetáculo sozinha, em que eu possa declamar, cantar, dançar e representar. Isso eu só poderia fazer dirigida por Bibi Ferreira, e com um grande produtor pra bancar. (**Em tempo: duas semanas após essa entrevista, Bibi foi contratada para dirigir o show de Rogéria no Teatro Alaska**) Porque atualmente, em vez de me bancar, eu prefiro fazer um patrimônio, daí, fico dependendo de produtor.

Antônio Carlos — **E como é seu lance com a família?**

Rogéria — A barra é a melhor possível. Acho ridículo esse negócio de fazer feito o Ney Latorraca, botar a mãe na história. Mas se hoje em dia eu tenho esse alicerce, foi mamãe quem me deu. Ela foi mãe e pai ao mesmo tempo. Eu fui criado no meio de 18 tios — é aí que eu digo: não tinha nada pra ser bicha; até os 15 anos não dei pra ninguém, tinha um medo horrível que me levasse a um médico e constatassem que eu era realmente **molherrrrr**. Na família, nunca ninguém me chamou a atenção por ser homossexual. Quando tocavam no assunto, minha mãe virava uma leoa. Até que um dia, me perguntaram na mesa: "Você não vai casar?" Eu rebati na hora: "Com quem? Homem ou mulher?" Ninguém perguntou mais nada. De repente, meus valores a mim pertencem, e família nem pensamento de ninguém vai me mudar. A coisa que mais irrita é quando me dizem que os homossexuais vão todos parar no inferno. Imagine! Acabar no inferno coisa nenhuma, sou muito devota, Deus me livre, faço minhas orações, não saio de casa sem rezar. Mas se nasci assim, vou seguir numa boa, sem bater minha cabeça na parede por ser homossexual. Além do mais, a gente leva uma vantagem: já é bicha mesmo, nada mais pega mal pra gente. Porque mulher, não pode fazer nada, que é logo chamada de piranha; machão, pensa que pode fazer, mas de repente não pode, ele tem justificativas pra dar à sociedade. Agora a gente... A bicha que bancar a séria é otária, porque ninguém vai acreditar mesmo que ela é séria...

Aguinaldo — **Atualizando um pouco a pergunta que te fizeram na mesa de jantar da tua casa: você já casou?** (risos).

Rogéria — Você é perigoso, sabe tudo **about me**. Não, eu acho que no momento em que as mulheres não estão suportando mais o casamento, estão querendo se ver livre dele, você acha que eu, podendo ser uma pessoa livre, vou estar enrabichada com um cara do meu lado só para dizer "olha o meu marido!" Deus me livre! Tenho 37 anos já, quero desfrutar de todos. Não abro mão da libidinagem dos homens.

Alceste — **E você deve ter tido vários...**

Rogéria — Tive três amores na vida. Duas paixões e um grande amor, mas passou. Aos 15 anos, eu dizia para mim mesmo, "ai meu Deus, eu acho que homem não gosta de homem". Ledo engano, Rogéria. (**Com ar de vitoriosa**) Eu fui amada por homens, HOMENS! Porque, para mostrar para mim que é homem, tem que raspar a bunda nas ostras. Uns não podiam ver o **lulu** nem morto. Sabe aquela história de "esconda isso, porque não é isso que eu quero, o que eu tou a fim é da Rogéria, essa força avassaladora..." Não queriam nem ver o **lulu**, mas a força que eles queriam era força de Rogéria, um homem. Porque os homens adoram isso, de repente eles beijam muito, mas nunca são beijados, pois a mulher sempre recebe. E eu, quando estou sendo beijada, eu me deixo beijar mas beijo também, e isso enlouquece qualquer cara.

Aguinaldo — **Em função disso, estas criaturas que você chama de "homens" são bem mais passivos conosco do que seriam com mulheres. Agora me diz uma coisa: na época em que você frequentava a Lapa — quer dizer, nós frequentávamos...**

Rogéria — Ah, a Lapa era uma maravilha, não é?

Aguinaldo — **...Aliás, eu tava comentando ontem aqui sobre o Cabaré Brasil.**

Rogéria — O Cabaré Brasil, que maravilha... A Bol, onde a gente tomava o café da manhã... É uma pena, né? (**A nostalgia baixa de vez**).

Aguinaldo — **Naquela época já diziam que você era uma das melhores camas do Brasil...**

Rogéria — É mesmo, menino? É, dizem que sou, sim. Só não afino com uma pessoa quando não sinto tesão por ela. Mas se a pessoa engrenar comigo, acho que custa a me esquecer sexualmente. Sou uma parada dura.

Aguinaldo — **... Indo por esse caminho, tem aqui outra pergunta de Antônio Chrysóstomo. Ele não pôde vir, mas mandou as perguntas...**

Rogéria — (**aos berros na redação**) Chrysóstomo, que maravilha!

Aguinaldo — **... Lá vai: é verdade que você tem uma das maiores malas deste país?** (Risos. Rogéria, meio sem graça).

Rogéria — Ai, que maldade! Não vou responder isso, não. Sem resposta, Chrysóstomo. Pelo amor de Deus.

Alceste — **Não furte o leitor de tão importante informação, por favor.**

Rogéria — (**Meio encabulada. Baixinho**). É "imense"...

Aguinaldo — **Favor não botar pra fora, nem mandar a Dolores pegar...**

Dolores — **Você disse que teve um grande amor e duas paixões. Como foi isso?**

Rogéria — Vou explicar. Amor é quando o sexo nem precisa entrar na jogada — mas, no meu caso, acabou entrando, um ano e meio depois. Eu vivi com esse rapaz seis anos e meio. Amor é fazer sexo e chorar, tanto você quanto ele. Amor é abdicar de qualquer mesquinharia material. Amor é realmente confiar na pessoa e saber que jamais será traída levianamente. Então, eu amei esse cara e foi maravilhoso. Agora e as paixões, como foram? Avassaladoras! Deixaram meu coração em pandarecos, mas sexualmente não dei grandes vôos. Sentiu? Amor foi um só e estou satisfeita, porque de repente não acabaram, existem mil caras aí na minha cola, mas aos 37 anos, signo de gêmeos, fica um pouco difícil pra mim ter uma relação a dois, cheia de compromissos.

Aguinaldo — **Você acha que pode controlar isso? De repente pode pintar uma paixão...**

Rogéria — Mas é muito difícil, porque eu tô com um pé atrás outro na frente.

Aguinaldo — **Tipo gata escaldada...**

Rogéria — É. De repente eu penso assim: Ih, Rogéria, o coração tá batendo? Mas você é tão leviana, daqui a uns três meses não tá sentindo

ENTREVISTA

mais nada. Aí, começo a dar pra trás. Agora, se pintar, eu transo numa boa, mas sempre dizendo para ele, "olha, neném, você mora na tua casa, eu na minha, porque não abro mão da minha individualidade". Eu acho que não tenho saco — apesar de tê-lo — pra aturar esse tipo de ligação...

Aguinaldo — **Que você tem saco e mala enorme a gente já sabe...**

Alceste — **...E barba?**

Rogéria — Fiz eletrólise em Paris. Com Dimitri. Aqui nós temos a Stela, que faz maravilhas. Dimitri ficou milionário, hoje em dia não faz mais em ninguém. Eletrólise é uma dor horrorosa. Aqui entre o nariz e o lábio, no que você leva uma picada, lhe salta uma lágrima dos olhos. Mas só o fato de levantar de manhã e não ter que fazer barba. Pelo amor de Deus! Bofe não gosta, imagine bicha...

Alceste — **Você é um artista que transcendeu os ambientes gueis. Seus espetáculos são assistidos por casais...**

Rogéria — A maioria, que por sinal eu amo, né? Artista que não tem público mulher, está perdido; são elas que tiram os maridos de casa.

Alceste — **E você leva cantadas desses maridos?**

Rogéria — Não. Aliás, homem na frente de mulher, não come ninguém, né? Eles dizem: "viado eu mato, pô". Depois, quando elas não estão olhando, eles vão pegar a gente ali na esquina e fuque, fuque, fuque. Aliás, queridos leitores do Lampião, todas as vezes que você virem um cara dizendo "viado eu mato, esfolo e aconteço", podem estar certos que ele senta numa boneca direitinho... Tem uns admiradores que me esperam na porta do teatro, sim, mas geralmente não fazem minha cabeça sexualmente, e então eu dou um bom chá de cadeira. Não estou atrás da grana deles, e se não faz minha cabeça, não saio. Durante muito tempo eu saía com as pessoas porque era fulano de tal, mas hoje em dia, nem morta: era uma babaquice minha que eu superei. Geralmente eram todos uns merdas.

Alceste — **Nem o Jarizinho?**

Rogéria — Foi mentira. Se eu tivesse que sair com jogador de futebol, eu gostaria muito mesmo de sair com Rivelino. Não pela mala, que não é das melhores, segundo me disseram.

Aguinaldo — **Esse aí é jogador de futebol. E de outras áreas? Políticos, por exemplo: o que você acha do Lula?**

Rogéria — Acho um horror. (**risos**) Acho a causa dele uma beleza, mas ele é um horror. Agora, por incrível que pareça, acho o Reis Veloso muito sexy. Não gosto muito de coroa não, mas ele eu faria horrores.

Aguinaldo — **Acho que essa é a diferença fundamental entre as bichas e as mulheres. As bichas sempre preferem os caras que dão tesão, e as mulheres, os caras bonitinhos.**

Rogéria — A coisa mais incrível que eu vejo nas mulheres, e que reprovo: uma delas vê um Mercedez Benz e o chofer é um cara podre. Vem um fusca e, dentro dele, uma beleza de cara. A mulher jamais sairia com o fusca. Ela vai enfrentar aquele podre, só porque ele está numa Mercedes. Eu nunca: primeiro vou olhar o chofer, qual é? Eu quero o homem, não o carro.

Cyntia — **Pode estar até numa bicicletinha.**

Rogéria — Ou a pé. O homem sofisticado geralmente não é muito sexy, deixa muito a desejar. Numa fazenda, eu ia preferir o capataz, que viria de bota, de chicote... O fazendeiro viria com um terno Saint Laurent, uma colônia **pour homme** daquelas que qualquer bicha fina usa. Eu gosto mais do cheiro agreste, selvagem, do suor. O feitor faz bem mais o meu gênero. Ai! Olha eu de Escrava Isaura! (**gargalhadas**)

Dolores — **E mulheres?**

Rogéria — Se eu gostasse de mulheres, daria em cima da Maria Zilda, aquela que faz a ex-mulher de Leonardo Vilar em "Coração Alado". Aliás, no meu **show** do Sambão e Sinhá, eu me visto com 18 mulheres que passam de peito e xoxota de fora, na minha cara, o tempo todo. No começo foi gozadíssimo, porque tinha umas meninas que, quando eu passava no corredor, botavam a bunda no caminho pra eu roçar. Eu ficava muito sério e dizia, "senhoras, por favor!" Aí elas falavam, "ah, Rogéria, tem tanto travesti que também gosta de mulher..." Mas não Rogéria. Tirei isso da cabeça delas, mas antes, que coisa horrorosa, meu Deus: quase fui currada!

Ah, é uma delícia trabalhar com elas, prefiro trabalhar com mulher. Depois, o Ivon Cury é um patrão maravilhoso, paga em dia, cumprimenta o funcionário mais humilde. Porque o que cagam de goma estes patrões, é uma coisa horrorosa.

Aguinaldo — **Uma coisa que eu queria saber: quando você vai no banheiro...**

Rogéria — Vou sempre no banheiro de mulheres. Não vou no de homens, porque detestaria que as pessoas pensassem que eu estava entrando ali pra pegar numa piroca. Prefiro o banheiro de senhoras porque mulher nenhuma faz xixi na frente da outra, porque é privê.

Aguinaldo — **Você é capaz de lembrar qual foi a primeira vez que resolveu entrar num banheiro de mulheres, e não de homens?**

Rogéria — Foi no metrô de Paris. Foi sem maiores problemas, pois ninguém me saca como travesti.

Aguinaldo — **Você não sentiu nenhuma emoção especial naquela hora? Não sentiu que estava subvertendo alguma coisa?**

Rogéria — Eu achei que estava sendo bastante audaciosa. Mas audaciosa mesmo seria continuar entrando no banheiro de homens vestida de mulher. Quando eu fazia isso, eles me pegavam **mesmo.** Por causa disso deixei até de freqüentar saunas.

Antônio Carlos — **Nesses países em que você foi: França, Estados Unidos, etc., existem movimentos homossexuais...**

Rogéria — Aliás, eu participei da passeata contra a extrema direita, da última vez que estive em Paris. Estava hospedada na casa de uma intelectual, ela me explicou o que era, e eu quis participar. Tinha judeus, negros, homossexuais, tinha tudo, porque de repente, aqueles atentados horrorosos, pelo amor de Deus, né? A mesma coisa com essas bombas que jogaram aqui. Esse tipo de pessoa que se esconde pra fazer essas coisas... Entrei na passeata, fui lá advogar uma causa que é minha também, porque de repente, se a extrema direita entra na Europa, como eles querem, aquele nazismo filho da puta, nós homossexuais — as minorias, de uma maneira geral —, seremos muito prejudicados. No mesmo dia, pra desanuviar a cuca, fui ver Milva, no Teatro Sarah Bernhardt, no espetáculo de Brecht. Olha que **chic:** Rogéria em Paris...

— Agora, contato mesmo com movimentos homossexuais organizados, eu nunca tive. Só participei das marchas: é a favor das bichas, queridinhas? Então me aguardem; me visto de baiana e estou lá. Agora, o movimento guei nos Estados Unidos, é muito mais bem feito que na Europa. Quanto a nós, só temos 400 anos. Vamos esperar mais 1500, talvez melhore um pouco...

Cyntia — **Quando você falou que a mulher tem uma maneira puritana de ver as coisas: não sei até que ponto é uma coisa inata, ou apenas de educação. A partir do momento em que haja uma modificação na educação da mulher, acho que isso tende a mudar muito. As feministas deviam começar seu trabalho a partir daí: mudando o modo de criar os filhos, por exemplo, tentando não repetir o esquema machista já conhecido.**

Rogéria — Os machões, inclusive, procuraram caracterizar a mulher feminista como feia e horrorosa, ou então, homossexual. Ora, uma feminista não tem obrigação de ser homossexual, conheço muitas que não são, e muitas que são. Todas elas têm realmente o direito de sair gritando por aí, porque os homens querem sempre fazer a mulher de capacho.

Alceste — **Quando você estreou, aos 21 anos, teve algum momento em que calculou que ia chegar onde chegou?**

Rogéria — Não, nunca pensei nestes termos. No começo, era tudo na base da folia.

Antônio Carlos — **E agora, você se sente realizado?**

Rogéria — Imagina! A cada dia estou querendo avançar mais. Não, acho que não estou realizada, não vou estar nem mesmo no dia em que ganhar o Oscar em Hollywood e disser: "Ladies and gentlemen, I'm so hapyyyyy!" Eu acho uma maravilha ser bicha, por causa da fantasia. Sabe, eu acho a fantasia da nossa cabeça uma coisa maravilhosa.

Aguinaldo — **Mas o mais maravilhoso nas bichas é o esforço a que elas se entregam pra realizar suas fantasias. Algumas, coitadinhas, não conseguem de jeito nenhum. Outras, como você, por exemplo, vão em frente e conseguem tudo.**

Rogéria — Apesar de ficar chateada de vez em quando porque, por isso, as pessoas às vezes não me respeitam...

Dolores — **Alguma vez você precisou dar porrada em alguém, por algum motivo?**

Rogéria — Bicha, não. Agora, quanto aos bofes... Já voei em cima de muita gente.

Cyntia — **Você tem alguma religião? Porque sempre fala assim, com um tom meio místico, que nasceu pra isso, nasceu praquilo...**

Rogéria Eu acredito em Deus. Sou católica, mas não de ir à Igreja todo dia.

Aguinaldo — **Na tua vida toda, você acha que tem um lance assim, de destino...**

Rogéria — É. Inclusive eu acredito na reencarnação. Tô de passagem, este é apenas um estágio da minha vida, quem sabe, na próxima encarnação... Agora, se eu puder escolher entre ser homem ou mulher, quero voltar bicha outra vez. Sabe por que? É que vida de bicha é divertida pra caralho...

As flores negras da repressão

Sem conseguir resolver o problema da criminalidade no centro da cidade de São Paulo, a Operação Rondão jogou para os bairros aqueles a quem o delegado Richetti considera lixo humano: prostitutas e travestis. E assim a periferia recebeu uma sobrecarga sobre a qual as autoridades competentes só pensem em termos de repressão e nada mais.

A prova de que a população já não acredita neles (será que algum dia acreditou?) e até receia os métodos adotados, foi que indiretamente, por intermédio de um deputado da oposição meu amigo, recebi a incumbência de estudar as condições de um possível convívio (?) entre os travestis e os moradores de certos bairros "afetados". A proposta dos moradores era simples: eles seriam compreensivos, desde que aqueles moderassem o seu "exibicionismo", considerado "excessivo". A proposta era cordata, de uma moral bastante modernosa e... até democrática

Que ingenuidade, tanto minha como do deputado amigo, ao imaginar que levaríamos avante um plano tão complexo quanto abstrato!... Bem, não escapam certas decorrências, talvez não premeditadas, envolvidas na proposta: os moradores, por exemplo, é que, pela ordem natural das coisas, **determinariam** os limites da moralidade (ou imoralidade?) dos travestis, o que estabeleceria a priori o advento de uma censura e o consequente domínio "moral" de um lado sobre o outro, onde o dogma "respeitar para ser respeitado" dependeria da conveniência e do estado de humor do mais poderoso.

Depois, viria um outro fato que igualmente não foi dito, mas que também é decorrente: a tal comissão (?) de travestis faria a necessária triagem, expulsando as bichas "suadeiras" e agressivas. Entenda-se que não estou aqui assinando apoio ao crime que muitas vezes tem caminhado paralelamente ao travestismo, mas também não endossaria um processo de seleção (?) cópia de moldes totalitários, que, aproveitando-se da conivência, praticaria o "dedodurismo" e o abuso de poder.

Porém a idéia de agrupar travestis me entusiasmou num ponto: conhecer pelo menos um pouco as suas cabeças e sentir como funcionaria nelas e por elas um trabalho de conscientização de grupo. Solicitei o auxílio de alguns elementos dos grupos homossexuais organizados para que, percorrendo os bairros, convocassem o maior número possível de travestis para uma reunião. Dia, hora e local marcados: nenhum travesti apareceu. Marcamos nova data e saímos para os contatos, desta vez distribuindo filipetas. Um, com quem falei, foi radical: "É a classe mais desunida que existe. Cada uma só pensa em si e vê na outra uma inimiga. Você não vai conseguir nada!" Nessas alturas eu até já desistira dos planos anteriores — queria transmitir na reunião apenas o recado simples e preciso de que o Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto se proponha a fornecer habeas corpus contra prisões arbitrárias. Isso talvez viesse a ser, quem sabe?, a semente para um futuro agrupamento de conscientização. Ainda dessa vez não compareceu nenhum, nem pra amostra. Medo de uma possível repressão? Desconfiança, ou desprezo pela nossa homossexualidade assumida, tão intelectualizada e tão metida a besta? Só Deus e eles sabem. Ou talvez, nem mesmo Deus. (**Darcy Penteado**)

minha horta está chovendo. Só acho que deveria ganhar mais como **estrela**, mas não me queixo, porque sei o que ganham alguns colegas que trabalham em shows como os da Brigite Blair. Durante o dia agora sou **coiffeuse** no salão New Maritê, em Ipanema, e à noite sou JANE, envolta em plumas e strass, brilhando como uma louca no palco do velho Alaska. Entre um corte de cabelo e outro, ensaio meus textos, mas o meu forte é o canto.

— Já trabalhou como atriz no estrangeiro?

— Of course, dear! Em Paris trabalhei no Trafalgar, uma casa diferente das outras, na qual eu fui o único travesti a ter um lugar de destaque e, por que não, a única brasileira a fazer os franceses sonhar. Em Barcelona, trabalhei com a Gorda, a Marquesa, que aliás, é divina. Trabalhei também na Alemanha, mas gosto mesmo é o Brasil, onde todos entendem meu ritmo e as letras do que canto.

— Há coleguismo entre os travestis que trabalham em teatro?

— Adoro meus colegas de trabalho, brigo muito com a Eloina, mas respeito, pois foi ela quem me levou para Paris e através dela estou em **Gay Girls**, mas não esqueça também o meu talento, que sem ele eu não teria conseguido dar um passo no mundo artístico. No próximo show, a ser dirigido por Bibi Ferreira, pretendo trabalhar com a Rogéria, minha grande amiga de muitos anos, e com quase todo esse grupo que está há anos fazendo **Gay Girls**, o maior sucesso de travestis de todos os tempos, só possível graças ao espírito de solidariedade e amizade que nos une.

— Você nunca estudou teatro, é absolutamente autodidata, aprendeu tudo o que sabe sozinha?

— Nunca estudei teatro, mas nasci dentro de uma família em que todos são crentes. Aprendi a cantar quando era criança, pois cantava no coro, e sempre admirei as pessoas que têm voz bonita. Hoje infelizmente não sou mais membro da Igreja, porque a cabeça dos crentes não aceita o homossexual e isso eu acho que devo respeitar. Não vou me meter nos recintos deles com estes seios, né, quando eles sabem que eu sou homem.

— Qual o maior mercado do mundo para o trabalho dos travestis?

— O maior mercado de trabalho para o travesti é Paris, em termos de tudo, pois lá é a cidade maravilhosa das bonecas. Infelizmente este mercado vai acabar, pois existe em Paris travestis que não têm a cabeça feita para enfrentar a barra diária da Cidade Luz. É uma pena, mas pra mim, qualquer lugar é mercado, graças a Deus tenho duas profissões, a de artista e a de cabeleireiro. Sabe? não me preocupo nadinha com isso, aperto eu não passo, embora saiba que muito colega está trabalhando por aí mal remunerado e vivendo com muito sacrifício. Não é que eu esteja satisfeita com o meu salário, mas posso dizer que o produtor e empresário do Teatro Alaska é o primeiro que compreende as bonecas e que sabe que o seu trabalho é igual a qualquer outro, que merece uma remuneração justa. (**En trevista a Francisco Bittencourt**).

A foto da nossa capa

O escrete de ouro dos travestis: a partir da esquerda, agachadas: Sandra Mara, Kiriaki, Marlene Casanova, Verushka, Ângela Leclery e Jane. De pé: Cláudia Celeste, Elaine, La Miranda, Fujika e Monique Lamarque. As camisas do Vasco e a bola foram gentileza da Rey das Calças — **Moda Jovem Unissex (Copacabana, Ipanema, Leblon e no Rio-Sul Shopping Center). O palco é do Teatro Alaska, e a produção foi de João Paulo Pinheiro. Foto: Ricardo Tupper.**

ENTREVISTA

Rogéria super star

Confissões íntimas da Camisa 10 dos travestis

Muita gente se espanta, e com razão: "Mas por que Lampião, já com tantos números publicados, nunca tinha entrevistado Rogéria?" É bom que se diga que essa entrevista vem sendo pautada desde o nosso número um. Mas, por razões variadas — ora porque Abdias Nascimento estava apenas de passagem pelo Brasil, ou porque Fernando Gabeira ia viajar não sei pra onde, ou porque Puig tinha que ficar seis meses em Nova Iorque, ou porque Ruddy estava lançando um livro, ou porque Lampião tinha que ser deflagrador, também, quanto ao tema maconha, e todos os jornais andavam atrás de Álvaro Mayrink —, havia sempre alguém cuja entrevista era mais urgente, e Rogéria ia ficando pra depois. Há três meses, quando decidimos que não dava mais pra adiar, foi a própria Rogéria quem viajou, e tivemos que esperar mais algum tempo.

Assim, só agora, em seu número 32, Lampião finalmente entrevista Astolfo Barroso Pinto, um rapaz nascido em Niterói que, durante anos, administrou com a maior eficiência, sua própria fantasia — ser uma grande artista —, a ponto de se tornar uma comediante, uma cantora, uma vedete e até uma atriz dramática de mão cheia. Numa certa época, musa secreta de certa facção da intelligentzia **ipanemenha (aquela história de Leila Diniz era falta de coragem de assumir Rogéria), espécie de suma-sacerdotisa da arte do travestismo e, além de tudo, várias vezes proclama "uma das maiores camas do Brasil", Rogéria, aqui — e nos desculpem, mas o lugar comum é inevitável —, finalmente "conta tudo".**

A entrevista, inicialmente marcada pela estrela **para a pérgola do Hotel Meridièn (local rejeitado pelas** estrelas **aqui da casa, que não engolem essa história de "território neutro"), acabou sendo feita na redação do Lampião. Participaram: Aguinaldo Silva, Alceste Pinheiro, Antônio Carlos Moreira, Dolores Rodrigues, Andréa Barreto e Cyntia Martins, que também fotografou. Tomamos, todos nós, um verdadeiro pileque de Rogéria. Este coquetel de finas ervas que agora, oferecemos a vocês** (Aguinaldo Silva).

Rogéria superstar: tal como aparece no filme O Gigante da America, de Julio Bressane, onde contracena com Jece Valadão e José Lewgoy.

Aguinaldo — **Há quem diga que os travestis que põem silicone, operam e o diabo, não são homossexuais, seriam uma outra coisa; o que você acha disso?**

Rogéria — (**risos**) Só morrendo de rir. É tudo viado, querida, tudo a mesma coisa. Só que, de repente, as pessoas que se põem travesti, se vestem de travesti, que se colocam vestidos de mulher, são de um QI tão baixo, que isso me deixa muito triste. Hoje em dia, só marginal é que se veste de mulher. Marginal que eu digo é de assaltar, botar navalha no bolso, revólver, e sair vestido de mulher porque ganha fácil — os homens estão dando dinheiro mesmo, né? Agora, se eu pudesse escolher no meio entendido várias pessoas pra vestir de mulher, nós teríamos várias Rogérias, porque seriam todas pessoas de QI altíssimo...

Alceste — **Sua crítica é em função de defender a categoria?**

Rogéria — É, defender a categoria. Nem todos os homens que se vestem de mulher nesse país são marginais — nós temos aí vários exemplos. Tem a Rogéria, a Valéria, a Veruska, mil pessoas que fazem **show** de travesti e que nunca precisaram usar de subterfúgio para atingir uma posição na vida, porque não se atinge nada — você ganha aqui e dispensa ali. Agora, vestidos de mulher ou não, a diferença é nenhuma: a cabeça é uma só, homossexual e acabou.

Aguinaldo — **Tem, a propósito, uma pergunta do Antônio Chrysóstomo: porque você nunca quis fazer a linha transexual?**

Rogéria — Operar realmente não faz a minha cabeça: de repente eu viraria eunuco! Eu já disse isso várias vezes, e tem uma operadas que não gostam muito de ler esse tipo de coisa. Acontece que elas precisam entender que a Rogéria sou eu. Elas são "as operadas". Sabe porque eu não faço esse tipo de operação? Porque mulher, ninguém vira mesmo: a cabeça é sempre de homossexual.

Alceste — **Essas pessoas que "se tornam eunuco", que se capam, como é que conseguem trepar?**

Rogéria — Gozam com a cara dos outros... (**Gargalhadas, risos, esperneios. Tumulto geral na redação**)

Aguinaldo — **Uma delas me disse uma vez que gozava; aí eu falei pra ela que ela não gozava: sentia agonia...** (risos)

Rogéria — Realmente, sentem agonia. Elas ficam furiosíssimas, mas é a grande verdade, né?

Antônio Carlos — **Inclusive, não só as eunucas, mas também aquelas que querem ser mulher a qualquer custo, não gostam muito quando você chega no palco e diz: "Eu sou viado, mas não sou mulher, sou homem; da cintura pra cima eu sou o ator, da cintura pra baixo sou o Astolfo". Elas ficam possessas.**

Rogéria — Eu sei que tenho o sexo masculino, mas certas horas sou uma mulher fantástica. Tudo depende da vontade do freguês: ah, quer um homem? Então é de frente. Agora, de costas, sou uma mulher perfeita. Uma mulher surrealista (**risos, gargalhadas**). E, as operadas dizem que eu sou isso, que sou aquilo. Mas tenho mais é que falar, porque sou Rogéria. Eu penso, e meu pensamento não é o delas. Ou você acha que eu vou deixar que as pessoas riam de mim? Elas precisam entender uma coisa: quando a gente quer engordar um gato e impedir que ele continue transando, a gente o capa; a gente faz isso com os leitões, com vários animais; inclusive com os racionais, que somos nós, queridas. (**todo o mundo muito sério**)

Antônio Carlos — **A discussão toda começou quando a gente viu que a maioria dos travestis procura ao máximo se assemelhar ao comportamento estereotipado da mulher, inclusive fisicamente. Além disso, procuram um "homem", ficando explícita a relação heterossexual, homem e mulher. Então, o que a gente coloca em questão é isso: a cabeça desses travestis seria de homossexuais?**

Rogéria — É tudo uma mentira. O cara tá vestido de mulher, mas ele é apenas a caricatura de uma mulher. Por exemplo, Rogéria: eu me visto de mulher, mas não é porque eu me sinta uma mulher. Eu não, eu sou um cara. Agora eu jamais usaria um bigode, nem bancaria o machão, porque eu gosto é de me vestir de mulher. E se eu vou sempre pra cama com homens, não me importo nem um pouco de ser ativo, o que muitas vezes ocorre, tá entendendo? Toda bicha que disser que se veste de mulher porque se sente mulher, está mentindo. E tem mais uma coisa: pra mim, as que se vestem de mulher são as mais homens (**risos gerais**)

Aguinaldo — **Por quê?**

Rogéria — Eu não sei explicar porquê.

Alceste — **Tente.**

Rogéria — Bom, um homem tem mais coragem de ser passivo com alguém vestido de mulher do que com um **guei** vestido de homem. Porque na cabeça dele o negócio seria o seguinte: "Não, ela tá vestida de mulher, ela é uma mulher, é um sapatão". É a fantasia total na cabeça do cara. Mas em momento nenhum as que estão vestidas de mulher se sentem mulher. Só algumas.

Aguinaldo — **Eu, por exemplo, sinto nestes travestis que fazem vida nas esquinas uma agressividade que é muito masculina; talvez porque sejam malandros, como você diz. Você olha e vê aquela mulher com aqueles peitos enormes, mas sente uma agressividade nela que é puramente masculina.**

Rogéria — Se não fosse essa agressividade, elas não poderiam enfrentar a barra que é pegar clientes no meio da rua, no Brasil. Se não fossem másculas. Não sou contra a prostituição, acho que cada um na sua. Agora, o que eu não aguento, é que elas saiam de navalha, cortando a cara dos clientes, roubando, fazendo estas coisas hor-ro-ro-sas, que eu abomino. Acho que todo o mundo podia ganhar seu dinheirinho na esquina: tudo bem. Mas não vamos roubar nem matar ninguém, pelo amor de Deus! Pra ganhar um pedaço de esquina elas se digladiam, partem pra navalha, pra gilete: é um horror. Quando me falam sobre isso, me sinto envergonhada. Claro que não me sinto desprestigiada, porque de repente as pessoas sabem quem sou eu: um artista, um cara trabalhador. Trabalho honestamente, nunca passei ninguém pra trás, nunca fui prum canto de esquina. Não sou contra a prostituição, mas elas deveriam ser mais coerentes com elas mesmas: existe muito **vovou habillé en femme.**

Aguinaldo — **Agora, tem um detalhe: é que todas elas te reverenciam.**

Rogéria — É claro! (**com ares de superioridade. Pensa um pouco. Faz cara de desdém**). Tem umas despeitadas. Eu sou um cara muito legal. De repente, fiquei muito enoiada com essa morte de Ellis, lá em Paris. Quer dizer, eu fui pra Paris, passei seis anos. Quando dizia que era brasileira, "u lá lá, bresiliene, le terre du soleil!" De repente, mais de 200 travestis brasileiros invadem Paris e começam a roubar, navalhar, matar: deu no que deu. Cada dia que passam chegam três, quatro expulsas, pois o governo francês não as admite mais. É tão chato! Eu passei 20 dias fora do Brasil, há um mês atrás: fiz dez dias em Lisboa, o resto fiquei em Paris. Mas no aeroporto de Orly fui embargada. Não pude fazer nada. Eu dizia comigo mesma, "Rogéria, não podes dizer nada; você é artista, mas eles não sabem disso; é a escória do Brasil que vem pra cá, e eles tão pensando que você é a mesma coisa..."

Aguinaldo — **Não te deixaram entrar?**

Rogéria — Primeiro não me deixaram entrar. Depois, botaram meu passaporte numa máquina que eles têm lá e, 40 minutos depois, veio lá o veredicto: me pediram desculpas, me chamaram de madame (**risos gerais**), me deram boas vindas e me deixaram passar. Depois eu descobri que o aeroporto de Orly é o mais visado. Quando elas me viram em Paris, perguntaram: "Por onde você veio?" Eu disse. E elas: "Orlyyyyyyyyyyy?!!!" E eu: "Orly, queridinhas; não esqueçam que eu não sou uma puta igual a vocês". Meu currículo estava todo naquela maquininha. Eles viram lá: Astolfo Barroso Pinto, ficha do Carroussel, de tudo, aí me deixaram passar. Já pensou se eu fosse um marginal? Voltava por Brasil imediatamente.

Alceste — **Você disse que mesmo aquelas de peitos imensos têm cabeça de homossexual. E você, ainda se vê na obrigação de tomar hormônios?**

Rogéria — Eu não tomo hormônios há oito anos. (**Põe o peito pra fora e começa a mostrar para os entrevistadores, que ficam estarrecidos. Convida Dolores pra dar uma palmadinha, e ela não se faz de rogada: com uma cara de deleite, confirma que os peitos de Rogéria são impecáveis, não têm uma glândula**) Anda, pega mais! (**Dolores continua com a titilação; gesto de despeito de Alceste**).

Alceste — **Que privilégio!** (risos) **Mas ficou assim por que? Você transou um médico legal?**

Rogéria — Não, simplesmente tomei hormônios. Depois, quando parei, eles não murcharam. Não tem orientação nenhuma. A gente vai ali na farmácia, compra um Progenol Retar e se aplica numa boa. Deixei de tomar hormônios porque ele impede a gente de gozar, cria um bloqueio mental.

Alceste — **E acima de tudo você prefere gozar...**

Aguinaldo — **E, também, de se manter feminina...**

Rogéria — Mas não uso nada, a não ser um creme na cara pra tirar a maquilagem: só. De qualquer forma, não é todo o mundo que toma hormônios e consegue ficar com os peitos grandes. Umas crescem nos quadris, outras nas coxas. E normalmente, quando se para de tomar, o peito diminui um pouco e estaciona. Eu, como não gosto de peitão, mesmo... Tenho uma silhueta de atriz, e não de uma vedete dos anos 40: não tem nada a ver. Estou em forma, não é? Não faço ginástica, nada, apenas uma dietinha: não abro mão do sucaril. Mas a grande vantagem de ser homem é que eu não tenho celulite, não tenho carne flácida, porque nosso tecido é mais rijo.

Alceste — **Dizem que o hormônio causa muitos problemas, além desse, brochante, de ordem sexual...**

Aguinaldo — Parece que as bichas ficam atacadas, porque elas tomam muito.

Rogéria — Se fosse assim, a Coccinelli estaria cancerosa. Foi a primeira a tomar, há 40 anos atrás. Morei com ela seis meses. No primeiro dia em que cheguei ao Carroussel, em Paris, ela estava lá. Agora tem 47 anos, trabalha na Alemanha, mas está muito gorda. Porque a pessoa opera e começa a engordar. Ela operou, se arrependeu muito. As pessoas que operam mudam o temperamento radicalmente, ficam apáticas, aí partem pra prostiuição, pra ganhar dinheiro.

Dolores — **Você colocou ainda há pouco esse lance de ativo, passivo, guei. Como é que você diferencia isso tudo?**

Rogéria — Passivo é aquele que se deixa meter (**ela fala em francês, diz que assim é mais "chic"**). O ativo é aquele que (gesto) fuque, fuque, fuque. Só que eu, como boa geminiana, quando alguém procura uma mulher, faço uma mistura de todas as minhas atrizes prediletas e sai aquela tchã. Agora, quando querem um bofe (**pede pra desligar o gravador e diz**: "Eu viro Maria Bethania..."), eu viro um bofe; aí depende do cliente. Só não gosto de ir pra cama com mulher e aquelas mariconas. Aí você vai me perguntar, mas como, e se você for ativa com um homem? Eu digo, tá legal, mas é um homem, porque o problema homossexual só existe na cabeça, o rabo não tem nada a ver com a história...

Alceste — **Com mulher você não vai mesmo, de maneira nenhuma?**

Rogéria — Já tive transa com mulher. Mulher é uma transação espiritual. Eu adoro as mulheres, mas jamais voltaria a transar com elas, depois de três experiências catastróficas. Com lésbicas eu namoro platonicamente, porque elas fazem o que eu gostaria que um cara fizesse comigo: elas sabem paquerar, fazem um puto charme. Mas o problema com mulher é que, na

Recordações da casa dos mortos

Fritz Utzeri é médico, mas trocou o consultório pela redação de jornal, especificamente a do Jornal do Brasil, onde é um dos melhores repórteres. Crítico, Fritz já exerceu a função de editor na extinta Editoria de Saúde e Comportamento do JB, onde realizou um dos trabalhos mais elogiados, sobretudo durante a epidemia de meningite, que as autoridades insistiam de apelidar de "surto".

Fritz trabalhou como médico psiquiatra na Casa de Saúde Dr. Eiras, como interno, logo depois de formado. Foi uma experiência que o fez crescer e o transformou em crítico da instituição psiquiátrica brasileira. Ele fala exatamente desse período e do que ocorre hoje na clínica.

Quanto tempo você trabalhou na Casa de Saúde Dr. Eiras?

R. — Três ou quatro anos, não sei ao certo. E isso há 10 anos. Era acadêmico ainda, pois fiz psiquiatria. Posteriormente preferi recusar o emprego.

Nesse tempo todo, alguma coisa se modificou?

R. — Creio que muito pouco. Agora há menos internos, já que o Inamps está reduzindo o número de internamentos em psiquiatria. No meu tempo, lembro-me bem, o número chegava a 1.200 pessoas. Deve ter ocorrido também algumas mudanças de ordem terapêutica. O choque elétrico, por exemplo, já era muito criticado. Creio que deve ter diminuido a sua aplicação.

Mas continua sendo aplicado?

R. Sim, embora a única indicação terapêutica seja em casos de pessoas com tendência ao suicídio. Mas continua sendo aplicado. Creio também que como medida punitiva ainda. Lembro-me que era comum ouvir médico comentando reservadamente: "Esse sujeito está enchendo o saco, vou aplicar-lhe um choque".

Como era a Dr. Eiras em sua época?

R. — Lembra-se do filme "O expresso da meia-noite"? Há um manicômio judiciário no qual os internos giram durante todo o tempo. É assim mesmo. Hoje deve ser a mesma coisa, embora os corredores devam estar menos congestionados, porque o número de internos diminuiu. A maioria dos pacientes de louco tinha muito pouco. Eram pessoas que tinham perdido o emprego e eram acometidas, algumas vezes, de colapso nervoso. Caso mais de sociopatia do que de doença mental. A Dr. Eiras mais parecia sócia da Light, pois dava choque o tempo todo. É muito mais um depósito de loucos que uma casa de saúde. Quando se fazia o plantão noturno rezava-se para que não ocorresse nada. Eram 1.200 paciente atendidos por apenas um médico e um acadêmico. E a Organização Mundial de Saúde recomenda um médico para um grupo de 40 internos.

Esse número é o ideal?

R. — A meu ver não. Creio que um médico deva atender um número ainda menor de pacientes. É claro que não é somente médico, mas também enfermeiros, assistentes sociais, sócio-terapeuta, entre outros. Na Dr. Eiras teoricamente tudo isso existe. Mas é claro que não funciona.

Sairia muito caro?

R. É claro que sim. A Dr. Eiras é a mais lucrativa de todas. No meu tempo falava-se em lucro mensal de Cr$ 1 bilhão, considerando-se também a unidade de Paracambi, onde tudo é muito pior. O lucro é assunto prioritário. Por isso, paga-se mal aos médicos, que fazem da Dr. Eiras apenas um "bico". Pessoalmente acho que o ideal ainda são os hospitais públicos, mas o Governo parece não ter intenção de incentivá-los. Qualquer hospital público é melhor que os credenciados pelo Inamps, como o Dr. Eiras, porque não visa o lucro. A Dr. Eiras é exemplo de bom negócio. Se assim não fosse, seria fechada, pois o seu proprietário, o médico Leonel Miranda, tem investimentos em outros setores. É bom lembrar, que o dr. Leonel Miranda, quando ministro da Saúde do Costa e Silva, apresentou um projeto, felizmente arquivado, que previa a venda de hospitais públicos a particulares.

O que isso ocasiona?

R. — A Dr. Eiras vive do internado, que é, na maioria das vezes, pago pelo Inamps. Por isso, não tem o menor interesse em liberar o paciente, que é, a rigor, a sua fonte maior de lucro. Então permanecem na Dr. Eiras pessoas que poderiam estar em casa ou trabalhando. É uma verdadeira indústria.

Haveria possibilidades de contornar esses problemas?

R. — O Governo teria condições de adotar uma política mais humana com relação ao doente mental. Eu, pessoalmente, não vejo condições de que isso parta de clínicas particulares. Com relação à Dr. Eiras só vejo uma solução: a sua implosão. As suas instalações estão superadas por completo. Nelas, eu não trataria de ninguém. E quem chega à Dr. Eiras, com seu belo e bem cuidado jardim frontal, tem a impressão que se trata de uma instituição modelar. Engano; quem conseguir penetrar em seus corredores ficará espantado com a sujeira, a falta de atenção para com o paciente e com a violência que se comete no dia-a-dia.

Violência?

R. — Violência, sim. Desde que o doente é recolhido. Eu considero correto que se recolha uma pessoa que, armada, ameaça a integridade de outra, de sua família, mas uma pessoa dormindo, como no caso que você me apresenta, é uma violência. E a pessoa reage com todo o direito. Eu também reagiria, se ocorresse comigo.

O Dr. Veloso diz que camisa de força foi substituída por injeções a que chama de camisa de força química...

R. — Não vejo nenhuma vantagem nisso. Pelo contrário. Um clínico para aplicar até um Valium enche-se de precaução e tem todo o cuidado. O psiquiatra faz um verdadeiro coquetel. Nenhum médico de outra especialidade assinaria a medicação aplicada na Dr. Eiras. O paciente está enchendo o saco? Taca-lhe Valium. O esquizofrênico está incomodando? Aplica-lhe Aloperidol. Mas isso não significa que o paciente não fique amarrado. Eu mesmo estive lá recentemente e vi vários presos à cama.

E não se vê as condições, o histórico do paciente?

R. — Se você procura, espontaneamente, um hospital, é claro que vão lhe perguntar se sofre de diabetes ou alegria. No caso da internação psiquiátrica isso porque não ocorre. É muito mais difícil perguntar a quem está sendo recolhido se ele sofre de alguma coisa que pode causar um problema grave com aquele medicamente. No meu tempo havia uma anedota que circulava pelos corredores: "A Dr. Eiras é uma "comunidade terapêutica", porque todos tomam o mesmo remédio na mesm hora".

Você conhece alguma caso de erro médico na Dr. Eiras?

R. — Conheço um caso de homicídio. Mas prefiro não revelar o nome da pessoa porque ela é mãe de um amigo meu.

E não é estranho o fato de que no Conselho Regional de Medicina não figure nenhuma reclamação contra a Dr. Eiras?

R. — O CRM está sob intervenção e em casa de saúde psíquica ninguém reclama a morte de ninguém. É uma casa de segregação, e a família se utiliza dela para se ver livre de um parente inconveniente. Quando o sujeito morre é até um alívio. Para se ter uma idéia do que representa isso, eu me lembro que "enfermeiros" e médicos saíam em ambulância da casa de saúde para dar choque elétrico a domicílio. E o mais grave é que eram recebidos na porta pelo próprio paciente, que até os cumprimentava efusivamente.

E homossexualismo afinal é uma "doença mental"?

R. — Para o Dr. Manuel Álvaro Veloso sim. Para ele, perversão sexual é tudo que não seja "papai-e-mamãe".

Para a polícia, ainda um mistério

No fundo da gaveta do detetive Décio Alves, na 10ª Delegacia de Polícia, na Rua Bambina, no bairro carioca de Botafogo, repousa, entre tantos outros, o Boletim de Ocorrência 2.372. Décio Alves é o responsável pela investigação, substituindo o detetive Jorge Oliveira Filho, que entrou de férias. Sobre o processo, amarrado com barbante, está um papel branco escrito em caneta esferográfica azul: "IAP: resultados?".

Passados três meses, o Instituto Afrânio Peixoto não entregou o laudo que apontará as causas da morte de Roberto Rocha Leal a 10ª DP. E foi pedido brevidade no resultado — 15 dias.

— Estou sem poder fazer nada — confessa o policial. Eu gostaria de apurar tudo, mas depende desse resultado. Afinal, não sou eu quem deve dizer como foi a morte.

O IAP, atual nome do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, foi chamado à Casa de Saúde Dr. Eiras na manhã de domingo, 28 de setembro. Ninguém na clínica quis assinar o óbito de Rocha Leal por que ele estava internado há menos de 24 horas. Os legistas resposáveis pelo laudo — Almir e Amadeu — registraram a morte como suspeita, embora no Boletim de Ocorrência esteja assinalado "morte súbita". Fragmentos de vísceras do sociólogo foram recolhidas ao IAP. Mas nada até agora está concluído. Quando será?

Se depender da família, talvez nunca. Ana Lúcia Rocha Leal parece não ter nenhum interesse no caso. Para ela, o seu irmão "já chegou ao Brasil com complicações de ordem clínica bem visíveis". Ana Lúcia não quis se entender muito na conversa por telefone. Nem posteriormente, quando combinou uma entrevista e não estava em casa. Atendeu uma senhora loura, muito educada:

— Infelizmente ela teve de viajar. Ana Lúcia pede desculpas, mas não tem condições de atendê-lo nem falar no assunto. Ela ainda está muito abatida. Toda a família está abatida. Família pequena, o senhor sabe como é... Se o senhor quiser procure o cunhado dela em Brasília. Ele poderá fornecer todas as informações.

E estendeu a mão entregando um pequeno envelope branco. Dentro, um papel claro, batido a máquina, com o nome "Luís Augusto", provavelmente marido de Lisinha, e com dois telefones, o da residência e o do trabalho — "Palácio do Planalto — Presidência da República". Será que quiseram me dizer "olha lá onde você põe o nariz"?

Reportagem de Alceste Pinheiro

...e ganhe um presente de dar água na Boca

Jorge, Hiran, Antônio, Luiz, Elísio e Marcos. Seis deliciosos rapazes o acompanharão durante todo ano,

e tudo por conta da turma do Lampa.

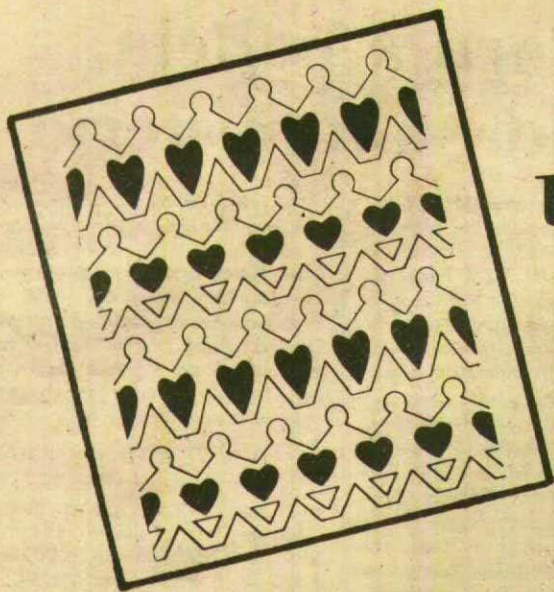
Preencha o cupom agora mesmo.

Quero Assinar LAMPIÃO da Esquina!

Assinatura Anual Cr$ 600,00

Nome ______________________
Endereço ______________________
Bairro ______________ Cidade ______________
Estado ______________ CEP ______________

Envie cheque ou vale postal para a Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas LTDA — Caixa Postal: 41.031 — Santa Teresa — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.241.

(Antônio Carlos Moreira)

Afinal, o que é um grupo homossexual organizado?

Um ano depois de efetivamente criado, o Movimento Homossexual no Grande Rio conta com três grupos organizados (Somos, Auê e Bando de Cá) cujos membros somam, no total, 67 homens e mulheres. E um jornal, o Lampião, cujo número de leitores, segundo um perito em circulação, anda por volta de 25 mil pessoas em todo o Brasil.

Entrar ou não para um grupo de homossexuais? Esta é uma pergunta muito comum que paira sobre a cabeça de muitas bichas e lésbicas que vivem reprimidas pela sociedade, ou que lutam para liberar-se completamente do preconceito. Num primeiro momento, acho que devemos entender quais são os motivos que levam as pessoas a procurar tais grupos e a que objetivos pretendem atingir. Muitos escrevem para os grupos porque estão sozinhos e querem alargar seu círculo de amizades. Outros vão às reuniões mais por curiosidade, para saber o que realmente se passa por trás de tudo. Alguns nem voltam mais depois da primeira reunião, talvez com medo de um compromissso maior, ou porque os objetivos não são os mesmo que os seus.

Apenas uma pequena parte dos que procuram os grupos, vêem neles uma possibilidade de atuação política e de luta contra a repressão, de uma forma mais explícita. Estes são os que se adpatam logo e os que mais tomam iniciativas. Existem também aqueles que vão às reuniões apenas para fazer pegação, mas quando se deparam com as primeiras dificuldades, não voltam mais. Estas são algumas características gerais das motivações inerentes aos que procuram os grupos. É claro que existem variações e agrupamentos de motivações, mas no fundo são estas.

O primeiro contato com um grupo organizado pode ser ao mesmo tempo gratificante para alguns e desgastante para outros. Tudo depende do estado emocional e dos objetivos a que o iniciante se propõe. As primeiras reuniões são levadas, geralmente, em clima de muita descontração e ali os novatos recebem as primeiras informações sobre a organização e funcionamento. O que se torna importante nestas primeiras reuniões é a possibilidade de as pessoas se posicionarem sobre sua própria sexualidade. Esta oportunidade nos é negada diariamente e quando encontramos ouvidos, muitos fazem longos depoimentos. O fato de não podermos falar sobre nós mesmos dentro da sociedade repercute muito nestas reuniões, onde as pessoas se entregam totalmente, ou com alguma cautela, o que é perfeitamente compreensível.

COMO FUNCIONAM

Os grupos do Rio (Somos, Auê e Bando de Cá) não possuem uma estrutura organizativa muito rígida. Nos primeiros tempos, o grupo Somos possuía toda uma estrutura burocrática, com diretoria e grupos de base e atividade. Hoje, as coisas mudaram um pouco e tudo ficou mais flexível. Os grupos de base não são numerosos, mas os existentes possuem maior consistência. Atualmente com 20 pessoas fixas e 15 flutuantes, o Somos, em um ano de existência, tem procurado dar prioridade ao estudo da sexualidade. Atravessa uma fase crítica de redefinição dos objetivos e para tanto está fechado à entrada de novos membros. Se posiciona como um grupo "autogestionário" e não pretende possuir estatuto, diretoria ou porta-voz. Realiza reuniões semanais e mensais com o conjunto dos membros, onde as decisões são tomadas por voto secreto. Desenvolve atualmente trabalhos com o Coletivo de Mulheres e com o Movimento Negro Unificado, além da "frente única" com o grupo Auê, onde são estudadas atuações em conjunto.

O Auê, com um ano de atividades, surgiu de divergências dentro do Somos, com o qual agora realiza tarefas. O grupo é formado por 12 homens e 5 mulheres, ou sejam 17 membros e mantém o mesmo tipo de atividades do Somos: debates em Universidades, participação em Congressos de Sexologia, atos públicos, entrevistas para rádio, TV e imprensa e encontros científicos. Além disto o grupo Auê possui um espaço na programação de uma rádio carioca (Rádio Mauá), num programa semanal, onde procura desmistificar o conceito de homossexualismo. É evidentemente o trabalho mais profundo do grupo. O Auê patrocinou também a criação de um outro grupo, do outro lado da Baía de Guanabara, em Niterói: o Banco de Cá.

Este novo grupo nasceu da necessidade de algumas pessoas de Niterói de se agrupar em sua própria localidade, não precisando transpor a Baía para se reunirem. Ao todo são 15 pessoas que compõem o Bando de Cá, mas apenas 5 são atuantes, segundo informações de membros do grupo.

Ocorre que no Bando de Cá há um esvaziamento comum a todos os grupos, o que decorre da falta de motivação para o trabalho. As atividades internas são poucas e em apenas algumas atividades externas o grupo se projeta. O grupo optou pelo lado cultural e como exemplo procura produzir filmes sobre manifestações e outros assuntos que são exibidos internamente. O grupo não se interessou também, em organizar o II Encontro de Grupos Homossexuais que se realizará em abril, no Rio de Janeiro, junto com o II Encontro Brasileiro de Homossexuais.

O QUE PRETENDEM

Os grupos organizados procuram agrupar homossexuais de forma a conscientizá-los, não paternalisticamente, da opressão sob a qual vivemos e da necessidade de uma luta contra todas as formas de opressão. Mais de dois anos após o surgimento do primeiro grupo (o Somos/SP), o movimento homossexual já teve uma fase de crescimento e atravessa agora uma fase de estagnação. A proliferação de grupos ocorreu nos primeiro meses após o I EGHO, mas agora vemos apenas divisões nos grupos mais antigos. Estas divisões ocorreram principalmente em São Paulo, com o surgimento dos grupos Outra Coisa e Alegria Alegria (rachas do Somos/SP) e do Terra Maria (fruto da Ação Lésbico-Feminista).

Em todos os grupos ocorre hoje o fenômeno do esvaziamento, que se torna incontrolável. Soluções para evitar este problema, não nos cabe apresentar. Quem sabe até este fenômeno seja uma coisa "natural", pois muitos ainda não estão ou não estarão nunca conscientes da necessidade de se agruparem. Vale também apena discutir outras fórmulas alternativas, com a atuação individual, o combate ideológico, o trabalho de base e de periferia, etc...

O que ocorre no M.H., principalmente no Rio e em Belo Horizonte, é a total falta de perspectiva de uma atuação mais incisiva no seio da sociedade. Esta falta de perspectiva do movimento leva, consequentemente, ao desestímulo e ao esvaziamento dos grupos. Em São Paulo, a situação, a meu ver, é um pouco diferente. O L.F. desenvolve um trabalho de base, junto com o movimento feminista, na periferia da cidade e isto representa uma nova alternativa. Mas em São Paulo é que ocorrem as maiores divergências políticas dentro do M.H. A paranóia anti-convergência assolou alguns grupos que instituiram até o Movimento Homossexual Autônomo (M.H.A.) como forma de se protegerem dos seguidores do Camarada Enver hoxha.

Enquanto prosseguem as brigas dentro do movimento, o sr. Richetti entra nos bares, agride as lésbicas e prende os travestis. Pode parecer limitação política minha, mas será que ao conjunto dos homossexuais interessa este tipo de divergências? Será que o conjunto dos homossexuais não está mais preocupado em ocupar os espaços que a sociedade lhes permite do que nos rachas dos grupos organizados? O trabalho de conscientização é longo e penoso. Vai exigir muito sacrifício por parte daqueles que pretendem ver algum dia uma situação melhor para os homossexuais e, acredito, para os heterossexuais também. Portanto, as divergências devem ser resolvidas sem prejuízos para o movimento. Não estou pregando unidade, mas apenas um trabalho conjunto, visando o avanço da luta homossexual.

Deixando as elocubrações teóricas de lado, voltemos aos grupos. O Somos/RJ, do qual participei por quase um ano, me fez ver as coisas bem diferentes. Antes do grupo tive uma experiência em um jornal que se intitula de esquerda, um semanário nacional da imprensa nanica. Lá, questões como a sexualidade não eram discutidas, pois a "luta do proletariado" era mais importante. Chegaram até a me dizer uma certa vez que "homossexualismo não é dialético" e que portanto não entraria nas páginas do tal jornal. Hoje vejo que as coisas já estão bem diferentes e já tive oportunidade de ver um artigo do nosso querido Darcy Penteado no semanário. O que quero dizer fundamentalmente é que de autoritarismo não vive apenas a ditadura militar. No próprio Somos, os vícios do autoritarismo refletiam na sua estrutura: diretoria, estatuto, disputa pelo poder, tudo isto representa o quanto estamos acostumados a viver sob um regime de força autoritário.

Em termos de liberação do indivíduo, os grupos atuam de forma positiva, pois conseguem questionar a validade de um comportamento cheio de restrições, como nos impõe a sociedade machista. Auxiliam ainda na descompressão dos gestos e na compreensão das relações de poder e de opressão que nos rodeiam. Sem o Somos, garanto que eu continuaria a ser uma bichinha reprimidíssima, com aquele discurso reacionário vestido de progressista e doutrinando a cabeça das pessoas.

Por fim, o relacionamento dos membros de um grupo pode ser intenso, resultando disto grandes amizades e "casos" duradouros. A união dos membros é fator fundamental para o desenvolvimento das atividades, mas como em todo lugar existem as divergências a nível pessoal, que não interferem na vida do grupo. Vejo que os grupos são a únida saída para os homossexuais se organizarem e tomarem uma maior consciência da realidade que vivemos. Neles os homossexuais têm todo o direito de se expressarem, expondo seus pontos de vista e sua vidas íntimas. Cabe aos grupos criarem novas formas de atuação para um melhor desempenho de suas tarefas. (**Aristides Nunes**).

Escolha Seu Grupo

LAMPIÃO — Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio. Caixa Postal 41.031, CEP: 20.400, Rio de Janeiro, RJ.

"Bando de Cá"/Niterói — Rua Gavião Peixoto, 100, sobrado, Icaraí, Niterói, RJ — CEP: 24.000.

"GOLS"/ABC — Grupo Opção à Liberdade Sexual — Caixa Postal, 426, Santo André, SP — CEP: 09.000.

GATHO — Grupo de Atuação Homossexual/PE — Centro Luiz Freire, Rua 27 de Janeiro, Carmo, Olinda, PE — CEP: 53.000.

NÓS TAMBÉM/PB — Rua Orris Soares, 51, Castelo Branco, João Pessoa, PB — CEP: 58.000.

AUÊ/Recife — Rua Francisco Soares Canha, Quadra 2, Bloco 5, aptº 301, 2º andar, Curado III, Jaboatão, PE — CEP: 54.000.

GRUPO GAY DA BAHIA — Caixa Postal 2.552, Salvador, Bahia — CEP: 40.000.

TERCEIRO ATO/BH — Caixa Postal, 1.720, Belo Horizonte, MG — CEP: 30.000.

BEIJO LIVRE/Brasília —Caixa Postal, 070.812, Brasília, DF — CEP: 70.000.

SOMOS/RJ — Caixa Postal, 3.356, Rio de Janeiro, RJ — CEP: 20.100.

COLIGAY — Av. Paraná, 842, aptº 31, Navegantes, Porto Alegre, RS, CEP: 90.000.

AUÊ/RJ — Caixa Postal, 25.029, Rio de Janeiro, RJ — CEP: 20.000.

SOMOS/Sorocaba — Caixa Postal, 294, Sorocaba, SP — CEP: 18.100.

LIBERTOS/Guarulhos — Caixa Postal, 132, Guarulhos, SP — CEP: 07.000.

Grupo LÉSBICO-FEMINISTA/SP — Caixa Postal, 293, São Paulo, SP — CEP: 01.000.

EROS/SP — Caixa Postal, 5.140, São Paulo, SP — CEP: 01.000.

SOMOS/SP — Caixa Postal, 22.196, São Paulo, SP

FRAÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA — Av. Afonso Bovero, 815, Vila Pompéia, São Paulo, SP — CEP: 05.019.

GRUPO OUTRA COISA/SP — Caixa Postal, 8.906, São Paulo, SP — CEP: 01.000.

Suspeita do Itamarati não basta para afastar aluno

No início de junho de 1980, quando o aluno do Instituto Rio Branco — do Itamarati —, Victor Hugo Irigaray, chegou para mais um dia de aula, deve ter levado um bom susto: há apenas quarenta dias da formatura, o diretor do Instituto, embaixador Sérgio Bath, decidiu cancelar sua matrícula e, sem maiores explicações, colocá-lo no olho da rua. O documento que acompanhava a decisão, e que poucos jornais tiveram o cuidado de publicar, não explicava quase nada: falava de uma estranha "falta de perfil diplomático" e mencionava os artigos 19 e 20 do regulamento da casa, que exigem de cada aluno uma atitude irrepreensível dentro e fora do Instituto, e que dá direito ao Itamarati de dispensar qualquer pessoa sem características pessoais adequadas. Tudo isto para esconder o motivo verdadeiro: Victor Hugo estava sendo expulso porque haviam descoberto, aparentemente dois anos depois de ter sido admitido como aluno, que ele era homossexual.

Seis meses depois, há poucos dias do Natal, o Tribunal Federal de Recursos, por onze votos contra nove, aceitou o mandado de segurança impetrado por Victor Hugo e obrigou o Itamarati a recebê-lo de volta, agora já como terceiro-secretário. Mas para chegar até a esta espécie de final feliz, o ex-estudante-atual-diplomata teve que seguir um caminho bastante tortuoso que, em certos momentos, muito se assemelhava a um movimentado jogo de pingue-pongue onde coubessem decisões arbitrárias, lances cômicos e fraudes.

Uma das primeiras declarações do embaixador Sérgio Bath chegou a provocar risos. Ele dizia, com todo o cuidado e **finesse** necessários, que ouviu "comentários desabonadores a respeito do aluno". E seguiu em frente dizendo que, mesmo não encontrando "nada de objetivo que o incriminasse", uma discreta averiguação feita por ele mesmo, "parecia indicar (**sic**) que o aluno era tido como homossexual pelos seus próprios colegas".

Iniciava-se o arregaçar as mangas e lavar as roupas sujas: a palavra homossexual foi citada, mas ninguém queria deixar claro que era exatamente este o motivo da expulsão. De qualquer jeito, como se não bastasse a averiguação "discreta" e particular do diretor, quatro psicólogos do Instituto de Psicologia, Seleção e Orientação (IPSO) assinaram uma reavaliação de Victor Hugo, classificando-o como uma "pessoa de estrutura frágil, marcada pela redução do senso de realidade e pela imaturididade afetiva". Avisava também que "falta-lhe autopercepção e autocontrole, o que poderia levá-lo facilmente a atitudes ridículas". Enfim, o documento acusava-o, com palavras cheias, de psicopata, homossexual (pelo menos em forma latente), com dificuldades no relacionamento heterossexual e terminava por dizer que o "prognóstico era bastante desfavorável", o que, a esta altura, já não surpreendia mais ninguém e dava, inclusive, um pequeno exemplo de possíveis reações de Victor Hugo: "Adotará atitudes estranhas, paradoxais e, se questionado, indagará surpreso: o que fiz de errado?" Lendo isto, quem não se lembraria de Blanche Dubois, pouco antes de se enveredar, definitivamente, pelos labirintos da loucura?

Mas, apesar de toda a longa lista de preconceitos apresentada no documento e pelo certo ridículo que ele criava, a coisa não provocaria maiores comentários se o próprio Victor Hugo não tivesse respondido declarando que, dos quatro psicólogos, apenas um o havia realmente entrevistado. O caldo, então, começava a entornar e transbordou bastante quando este mesmo psicólogo, Geraldo Serra, declarou perplexo, a um jornalista, que havia assinado um documento em branco, afirmação que, depois de refletir ou de ter sido coagido, resolveu modificar para algo como: "o meu laudo não é exatamente o mesmo que está apresentado no documento. Para mim, Victor Hugo Irigaray não é portador de doença mental". Esta versão foi a única a aparecer nos jornais.

Com tanta controvérsia, era natural mesmo que fossem parar todos no Tribunal Federal de Recursos. Apesar disto, apenas o Jornal de Brasília e o **lampião** estavam presentes na galeria e mesmo que alguém tivesse justificado a ausência explicando que os jornalistas não queriam se comprometer com o Itamarati e correr o risco de sofrer coações que, certamente, viriam, era fácil perceber que o assunto era tratado como balela, simples coisa de bicha. Tanto que o único jornalista que realmente se interessou pelo caso e tentou levá-lo em frente recebeu, de seu colega de profissão, o desagradável apelido de protetor dos viados. Os próprios ministros que concederam o mandado de segurança não conseguiram conter o riso quando a advogada Vera Sigmaringa citava a palavra homossexual.

Quando entrei no Tribunal, a impressão que tive era a de estar entrando em uma sala de Inquisição. O ar era solene, as 26 poltornas dispostas em duas filas de 13, o sofisticado aparelho de som já estava ligado, e um imenso crucifixo, apresentando Jesus Cristo com a cabeça para sempre tombada, presidia a sessão. Mesmo assim, a coisa não deixou de ser genuinamente interessante.

Isto porque, após as explanações da advogada, do subprocurador-geral da República e do relator, os 20 ministros presentes começaram por negar o mandado de segurança. Victor Hugo roía as unhas e eu, duas filas atrás, contava os pontos. Até que um dos ministros abriu a fileira de votos a favor alegando insuficiência de provas.

E foi este o estranho caminho que tomou a mesa. Mesmo que a advogada tenha dito que, considerando a hipótese de Victor Hugo ser homossexual, não havia respaldo na Constituição que permitisse ao Itamarati tomar a atitude que tomou, quase ninguém mais tocou no assunto a partir deste ponto de vista. Pelo contrário, todos os ministros que votaram a favor (inclusive os que modificaram seu veredito, depois de haverem se pronunciado contra) alegaram que o Itamarati, sem provas suficientes, havia difamado o estudante. Nunca tantos eufemismos foram usados. Para alguns, o caso era de difamação. Para outros, tratava-se de uma "ofensa à masculinidade do impetrante".

Um ministro, que foi severa e decididamente contrário à concessão, afirmou que é preciso escolher muito bem quem vai representar o Brasil no exterior, já que nos acusam de sermos um País subdesenvolvido (ao que um outro ministro acrescentou: "Nos acusam, não, Excelência. Somos."), e sentiu-se aliviado por saber que o homossexualismo não faz parte da índole do povo brasileiro.

No mais, de homossexualismo falou-se pouco. O que levou à vitória foi a insuficiência de provas e não a liberdade que teria um homossexual de escolher a sua profissão e de poder decidir o que lhe é ou não conveniente. Mesmo assim, um outro ministro foi bem arguto em seus comentários e disse que o documento apresentado pelo Itamarati era realmente insuficiente porque se limitava a dizer que Victor Hugo **parecia** ser homossexual ou que possuía componentes homossexuais em **forma latente.** Foi bem na mosca: "Que coisa é esta? Uma pessoa não parece ser homosexual. Ela é ou não é." E completou citando Shakespeare: **"To be or not to be** e ponto final." Pensando bem, Sua Excelência tem toda razão. (**Alexandre Ribondi**)

Estética da fome de sexo

Se há uma acusação que Lampião não merece é a de perder a paciência com certo tipo de heterossexual arrogante. Mas às vezes a gente enche o saco, como no caso do sr. Glauber Rocha — que faz questão de ostentar esse rótulo cada vez menos convincente (e não venha com essa de mostrar senhora e filhos...). Talvez à procura de polêmica fácil e dentro da onda, esse senhor anda numa fixação suspeitosa com relação a **certo** tema de muito Ibope atualmente. Já numa entrevista ao **Folhetim** de São Paulo, ele declarava (pasmem!) que sendo o cinema "uterino e não anal, não tem quase homossexuais entre diretores e atores no cinema brasileiro". A olho nu a gente constata que a afirmação parte de um cego. Mais recentemente, Glauberete andou dizendo que a Grécia caiu por causa dos homossexuais. Ao invés de lembrar a Grécia, poderíamos citar Freud: o macho odeia seu rival porque não é amado por ele (o que sobra, depois disso?). Mas como já estamos cansados desse bate-boca, em pleno 1981, sugerimos ao antigo **enfant-terrible** (hoje interpretando o papel de Gênio Nacional) que indague se a antiga Estética da Fome por acaso não encobriria outras estéticas também viáveis, ainda que menos decantadas. Por exemplo, aquela dos rapazes dourados de Ipanema que criaram, entre eles, um movimento erótico chamado Cinema Novo, que resultou ser um dos mais brilhantes momentos do cinema brasileiro. Arrasou! (João Silvério Trevisan)

Quem gosta de jaburu?

Recado pra João Carneiro e Marcelo Liberali: no nosso glossário pro verão (vide nº 31), quando a gente fala em **jaburu** e **dragão,** a gente está se referindo às bichas, e não as mulheres, queridinhos. Agora, misóginas nós somos, sim; toda bicha é misógina, meus bens: a diferença é que nós do lampião, ao reconhecermos isso, estamos indo bem mais adiante — estamos tentando vencer a nossa misoginia. Ou vocês pensam que pra isso basta arranjar uma mulher e casar com ela por conveniência? Outra coisa: parece que quem redigiu a tal carta de "repúdio" (sic) ao Lampião não tem muita experiência de Brasil: que sandice é esta de dizer que, ao citarmos a expressão **anauê** em relação à Convergência, estávamos tentando ligar a esta o grupo Auê? (riam, queridos leitores: é a única reação possível). Estávamos apenas relacionando a saudação integralista com o modo autoritário e fascista como o pessoal da Convergência diz que eles são "a única tendência que oferece uma clara direção pró-trabalhador para o MH e, sendo assim, tem as condições de dirigir esta corrente", quer dizer, os homossexuais. É... O grêmio recreativo Bloco Carnavalesco Sedentas de Poder está mesmo nas ruas... (AS)

Homossexualismo? Diabetes? Assassinato cultural?

Morte suspeita na Casa de Loucos

Afinal, por que o sociólogo Roberto da Rocha Leal morreu, pouco mais de 12 horas depois de ser internado, contra a sua vontade, na Casa de Saúde Dr. Eiras? O Lampião, a Associação dos Sociólogos do Distrito Federal, o Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro e o respeito à dignidade humana e à vida exigem uma resposta. Uma resposta que já deveria ter sido dada: Roberto Rocha Leal, professor da Universidade de Uberlândia, doutorando em sociologia na Universidade de Tours, França, mestre pela Universidade de Brasília, com tese de reconhecida competência, morreu no dia 28 de janeiro, portanto há mais de três meses.

Um "assassinato cultural" como fala Glauber Rocha? Pode ser que não, mas o Instituto Afrânio Peixoto, antigo Instituto Médico Legal, tem a obrigação de fornecer o laudo e as razões porque Roberto Rocha Leal apareceu morto às 6h20min do dia 28 de setembro, no quarto que ocupava na Casa de Saúde Dr. Eiras, um depósito de "loucos". E a sua irmã, Ana Lúcia Rocha Leal, uma advogada de 34 anos, tem o dever de explicar porque resolveu pedir o auxílio de médicos e enfermeiros da clínica para se livrar do irmão homossexual, como supõem os amigos de Roberto.

A tragédia começou no início da manhã do dia 27 de setembro, um sábado. Roberto Rocha Leal chegava ao Brasil acompanhado de um amigo francês e cheio de planos: havia concluído a parte acadêmica do seu curso de doutorado em Tours, o seu projeto de tese fora considerado excelente — recebeu a segunda nota do rigoroso corpo acadêmico da Universidade, e pensava escrevê-la na fazenda de sua família, em Floriano, no interior do Piauí. Cansado da vida acadêmica, Roberto tinha optado por se dedicar à agricultura com seus amigos franceses — uma colega chegaria três dias depois e se juntaria aos dois.

Planos acumulados nos seus 26 anos de vida, nos quais sempre se defrontou com o preconceito e a incompreensão da família. Preconceito e incompreensão que talvez tenham sido responsáveis pelos três internamentos anteriores — dois no Piauí e um na própria Dr. Eiras, em 1976.

Roberto e seu amigo francês chegaram sábado por volta das quatro horas e, como não havia conexão imediata para Brasília, onde pretendiam ficar antes da transferência para o Piauí, resolveram procurar a irmã, que mora na Rua Humaitá, Botafogo, em companhia de duas tias. Fora uma viagem tranqüila. O único problema ficou por conta de uma indisposição estomacal durante o vôo. Indisposição que poderia ter causado a palidez em seu rosto, beijado efusivamente pela irmã Ana Lúcia e as duas tias.

Poderia não ser somente a indisposição estomacal a responsável pelo rosto pálido. Roberto deixara de tomar insulina há 10 dias. Para ele, a sua diabete era de origem psicossomática e fora contraída durante o período que passou inernado na Casa de Saúde Dr. Eiras em 1976. Uma suposição apenas, embora o próprio diretor do hospital, Manuel Álvaro Veloso, reconheça que a diabete possa ter origem psicossomática (leia entrevista).

Roberto contou à sua irmã os seus planos. "Uma loucura", deve ter pensado a advogada. Como um rapaz pôde abandonar um brilhante curso na França, ideal de muitos filhos da burguesia, sem estar com problemas mentais? Como poderia abandonar uma carreira acadêmica de futuro e morar no mato sem estar com alguma perturbação? Como viver com um homem e uma mulher no interior do Piauí sem ter perdido a "lucidez" tão cultivada pela família? Não, Roberto Rocha Leal não estava bem: os problemas mentais haviam voltado e ele precisava de tratamento.

Roberto não aceitou com facilidade as ponderações da irmã. Pelo contrário: envolveu-se em longa discussão com ela. Discussão de mais de três horas. Ele, ajudado pelo amigo francês, e Ana, apoiada por uma amiga, Beatriz. E de pouco adiantou o argumento de que seu pai, dono da fazenda, consultado por telefone, havia concordado inteiramente com os planos de Roberto. Por fim, ele saiu de casa e, ainda acompanhado do amigo francês, foi dormir na casa de uma vizinha.

A irmã teve tempo de articular um plano para recolher o irmão à Casa de Saúde Dr. Eiras, onde trabalha um amigo da família, o Dr. Benjamim Gaspar, responsável pelo tratamento anterior de Roberto, e que poderia dedicar-se novamente à sua "recuperação". Por volta das 15 horas, chegou uma ambulância da clínica com dois enfermeiros e um médico. Roberto e seu amigo acordaram sobressaltados e reagiram à "prisão" até com alguma violência.

Foi preciso chamar o Corpo de Bombeiros para recolhê-los, o que não foi muito difícil. Foi-lhe aplicado uma injeção de tranquilizantes sem as tradicionais perguntas: "é alérgico"? "é diabético"?. Nenhuma menção à doença de Roberto, nenhuma menção ao fato de que ele já havia passado mal na França quando lhe foi aplicado uma injeção. De pouco adiantaram os esforços do francês, então imobilizado.

O internamento na Dr. Eiras, próxima à casa da irmã, deu-se por volta das 17 horas, embora o Boletim de Ocorrência 2.372 da 10ª Delegacia de Polícia, em Botafogo, aponte o internamento às 15:10h. O fato é que a ambulância ainda ficou parada cerca de meia hora com Roberto Rocha Leal em seu interior porque o seu motorista não conseguia dar a partida.

O francês dirigiu-se à Dr. Eiras no carro de Ana Lúcia, e na clínica manteve nova discussão com a advogada. Queria que fosse comunicado ao médico o fato de Rocha Leal ser diabético, o que só se soube através do próprio francês. Ana Lúcia limitou-se a entregar um bilhetinho ao médico. Bilhete que foi arrancado de sua mão pelo francês e no qual ela commnicava apenas o internamento anterior do irmão e o seu homossexualismo, admitido, segundo os amigos mais íntimos, em 1976, e que lhe valeu o terceiro internamento.

Roberto Rocha Leal deve ter sido simplesmente, depois de receber o coquetel de psicotrópicos — ou melhor, a "camisa de força química" a que o Dr. Veloso se refere —, abandonado à própria sorte em um dos inúmeros quartos da Casa de Saúde. Tanto que só de manhã — precisamente às 6:20h, segundo o Boletim de Ocorrência da 10ª DP — é que foi encontrado morto. Uma enfermeira iria recolher o seu sangue para o Exame de Glicemia, requisitado na tarde anterior. O único sangue que encontrou estava no lençol: uma golfada, ao lado do corpo.

O sepultamento ocorreu no dia seguinte. E entre os que foram levar solidariedade à família enlutada estava um médico da Dr. Eiras. Ele se esforçava para consolar Ana Lúcia, conforme ela mesmo relatou a Lisinha, uma irmã que vive em Brasília, argumentando ter sido melhor a morte do irmão por que os seus problemas psíquicos, somados à crise diabética, poderiam deixá-lo irremediavelmente louco. Ana Lúcia Rocha Leal parece ter se convencido disso, pois até hoje não se mostra nem um pouco interessada em averiguar porque o seu irmão morreu. E isso é o que Lampião deseja saber.

Para o Dr. Eiras, fugiu a média, é doente mental . . .

Responsável pelos 800 "loucos" internados na gigantesca Casa de Saúde Dr. Eiras, inúmeras vezes denunciada pela violência com que trata os internos, Manuel Álvaro Veloso parece um homem tranqüilo. De fala mansa, como se pretendesse convencer pelo tom baixo e pela paciência das palavras não sublinhadas. O único sinal de tensão está no cigarro, que fuma avidamente, um atrás do outro. Veloso não sorri nunca, nem quando os seus subalternos o cumprimentam efusivamente, como no almoço de fim de ano, dia 19 de dezembro.

Manuel Álvaro Veloso parece acreditar nas boas intenções da casa de saúde que dirige há muitos anos — só em Paracambi passou 10 anos —. Para ele, choque elétrico é terapia, homossexualismo é doença mental, psicotrópicos é camisa de força química — "bem mais eficiente que a tradicional" —, a internação é necessária e medicina também visa o lucro. Sobretudo quando paga pelo INPS ou pela família interessada em se livrar de algum parente inconveniente.

Por que Roberto Rocha Leal morreu?

R — Não sei. Às 6h20min, quando a enfermeira foi ao seu quarto para recolher material para exame de glicemia, ele estava morto, com uma golfada de sangue no lençol. Não atestamos a causa-mortis porque ele estava internado na clínica há menos de 24 horas e porque não havia nenhuma razão objetiva para a sua morte. Solicitei então a presença de legistas do Instituto Afrânio Peixoto. O IAP é quem pode respondê-lo.

Mas parece que o Laudo ainda não está concluído. O senhor tem alguma informação sobre isso?

R — O exame é mesmo demorado. É bom notar que é feito com muito critério. Eles poderão informar o que ocasionou a morte do sociólogo, embora, segundo estatísticas oficiais, cerca de 15% dos laudos não determinam corretamente a causa-mortis.

O senhor tem idéia, ao menos aproximada, do que poderia ter causado a morte de Roberto Rocha Leal?

R. — É claro que existe a possibilidade de erro médico, mas eu, pessoalmente, não acredito nessa hipótese. Ele tomou sedativos, em casa e aqui na clínica, em proporção bem inferior ao cientificamente recomendado. Ele estava muito agressivo e violento — foi preciso até mesmo chamar o Corpo de Bombeiros para recolhê-lo — e resolvemos aplicar o que chamamos "Camisa-de-força química". Um método moderno que substitui as antigas "camisas-de-força" propriamente dita por tranqüilizantes. Não precisa dizer que é muito mais eficiente.

Foi levado em consideração o fato de Roberto Rocha Leal ser diabético?

R — Sim, não há dúvida. O rapaz que o acompanhava informou à equipe — um médico e dois enfermeiros — desse fato. Sei também que ele estava sem tomar insulina há cerca de 10 dias. Infelizmente não deu para saber ao certo o seu estado clínico porque não se pode fazer o exame de glicemia. Ele morreu antes.

Há hipótese de que isso possa ter influenciado?

R. — Não sei. Só o Instituto Médico Legal pode informar.

Há hipótese de que o diabete possa ser de origem psicossomática, como Roberto Rocha Leal supunha?

R — Sim, uma possibilidade mínima porque a doença mental ocasiona distúrbios glandulares inclusive no pancreas. Mas isso é pouco freqüente, embora deva ser levado em consideração, porque Rocha Leal era doente mental.

Doente Mental?

R. — Sim, quanto a isso não há dúvida. Tanto que ele até já se achava médico e, por isso, suspendeu a insulina. Qualquer pessoa, mesmo analfabeta, sabe que um diabético não pode suspender a insulina. O mais lamentável é que nenhum dos seus amigos, que agora me criticam, o impediu de suspender o medicamento. Deveriam, pelo menos, aconselhá-lo a procurar um médico.

De que doença mental ele sofria?

R — Disso eu não posso falar, por questão de ética médica. Mas posso lhe assegurar que Roberto Leal era mesmo um doente mental. Infelizmente, essa é a verdade. Ele esteve internado duas vezes no Piauí, em casas de saúde improvisadas, e em 1976 veio para a Dr. Eiras. Aqui ficou em bom estado e recebeu alta.

Qual o médico que o recolheu no dia 27 de setembro, véspera de sua morte?

R — Não posso afirmar com certeza. Era um sábado e deve ter sido um dos médicos de plantão.

Qual foi o motivo de sua internação no dia 27 de setembro?

R. — Ele dava mostras de evidente debilidade mental.

Mas Roberto Rocha Leal era um professor competente, foi aluno exemplar da Universidade de Brasília, fazia doutorado na França e tem trabalhos publicados. Isso não elimina a hipótese de doença mental?

R — Ora, ele era pessoa extremamente inteligente, mas isso não elimina a sua doença mental. Pelo contrário: quantos jogadores de xadrez são considerados loucos? O doente mental é aquele que foge à média de comportamento, e ele era um caso típico desses. Mas é bom esclarecer que Rocha Leal não foi internado por causa do homossexualismo.

Eu penso não ter me referido a isso...

R. — Mas há quem acuse a Dr. Eiras de tê-lo internado por isso. É homossexual, eu acho, quem faz essa acusação. Ele foi internado por ser doente mental, como provam as três internações anteriores.

Então homossexualismo não é doença mental?

R. — É sim. É um desvio que deve ser tratado por psiquiatras. Eu mesmo trato de alguns casos. Mas para haver cura é preciso consentimento do doente. Há pouco tempo uma família pediu-me para tratar de um homossexual. Ele veio até aqui e depois de duas consultas resolvi dispensá-lo porque ele não desejava ser curado. O homossexualismo pode causar sérios problemas a uma pessoa: quantos não cometem violência quando o seu parceiro de cama o abandona? Mas não foi homossexualismo a causa de sua internação: se tivesse que sair à caça de todos os homossexuais para internar, não haveria lugar disponível em nenhuma casa de Saúde.

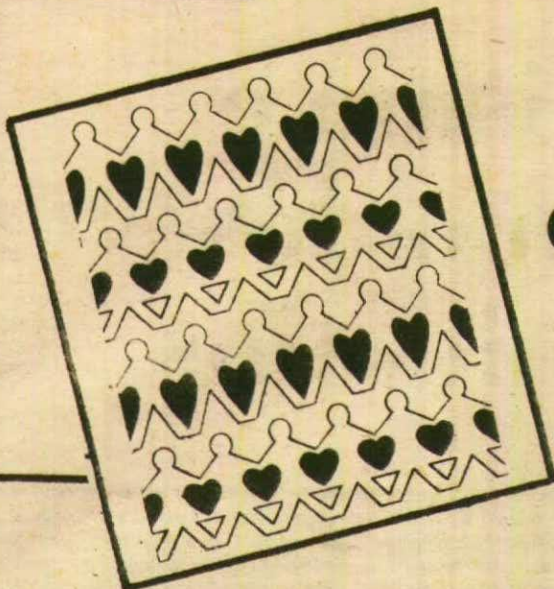
A Casa de Saúde Dr. Eeiras tem sido muito combatida ultimamente...

R — Por pessoas que não conhecem a realidade brasileira. Temos às vezes de prolongar uma internação porque não há condições de mandar o doente de volta para casa. Os seus familiares não querem. A Casa de Saúde Dr. Eiras tem sido muito criticada pela esquerda. Falam que nossos métodos estão superados. Não ligo mais para isso. Outro dia, a TV Globo veio pedir a máquina de aplicar choque elétrico e eu a emprestei, sabendo que serviria para criticar o método que a Dr. Eiras adota para devolver o doente mental à normalidade.

A Casa de Saúde Dr. Eiras ainda usa choque elétrico?

R. — Claro que sim. Mas em casos especiais, como o de uma pessoa que tem mania de suicídio. Não o usamos como castigo, como não se interna ninguém para castigar. A Casa de Saúde Dr. Eiras é muito criticada porque hoje há uma bipolarização ideológica entre esquerda e direita. Eu sou um homem de meia-esquerda, mas não sou tão radical assim.

O Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, a pedido da Associação dos Sociólogos do Distrito Federal, pediu informações sobre a morte de Rocha Leal. Parece que o ofício não foi respondido...

R. — É verdade. Não respondi porque não quis. O Sindicato dos Médicos anda tomando posições com as quais não concordamos. Seus diretores são muito radicais. Quem deve tomar informações de ordem científica é o Conselho Regional de Medicina e não o Sindicato dos Médicos, um órgão classista e que não conta com o nosso apoio.

Na reunião dos grupos, os reflexos da crise

No dia 6 de dezembro dezessete grupos organizados, entre eles o Lampião, realizaram no Rio, a reunião prévia para o IIº Encontro de Grupos Homossexuais Organizados. Apesar do esforço da Comissão Organizadora do Encontro feito no sentido de impedir que os grupos de São Paulo trouxessem para dentro da prévia as suas divergências políticas, foram os próprios grupos do Rio que tumultuaram as primeiras horas de reunião.

A REUNIÃO

Marcada inicialmente para às 9h, a reunião prévia começou com meia hora de atraso, já que os crachás demoraram a chegar. A mesa diretora dos trabalhos foi composta por Leila Míccolis e João Luís (Auê), Roberto (Somos/RJ) e, posteriormente Cláudio (Libertos) em substituição a este último.

O primeiro a pedir a palavra foi o representante do grupo baiano GGB (Grupo Gay da Bahia), Luís Mott. Ele pediu a transferência de local da reunião para um lugar mais arejado, ou seja, ao ar livre. A sugestão não foi bem aceita e a mesa encaminhou a apresentação dos grupos. Primeiro falou Alexandre Ribondi do Beijo Livre de Brasília. Disse que o grupo está com sérios problemas de sobrevivência, pouca gente para trabalhar e muita desinformação sobre o M.H. Conta apenas com quatro pessoas no grupo e não sabe o que fazer com um grupo pequeno.

Pelo Outra Coisa falou Emanuel. Disse que seu grupo vem fazendo um trabalho com os grupos L.F., Libertos e Eros, com estes dois últimos formando o M.H.A., e que está um tanto desiludido com o movimento. O grupo possui apenas 10 pessoas trabalhando, mas já editaram um caderno de textos e agruparam um guia da cidade de São Paulo.

O representante do Terceiro Ato, de Belo Horizonte, foi Ricardo, que relatou a fase de esvaziamento e estagnação que o grupo atravessa. "Não sabemos para onde o grupo vai, se fechamos ou não o grupo", afirmou. Para ele a crise que atravessa o grupo não é quanto ao número de pessoas, mas é "uma crise de propostas práticas e idéias". Mostrando o desespero da situação disse que "as reuniões tornam-se cansativas por falta do que fazer. Precisamos de alguma idéia para continuarmos vivos". O grupo possui 10 membros.

CONFUSÃO

Em seguida falaram representantes dos grupos GATHO-Recife (atualmente com 15 pessoas em média), Auê/Rio (com 17 membros), Eros/SP (com 15 pessoas fixas), Bando de Cá/Niterói (15 pessoas, mas apenas cinco trabalhando), GOLS/ABC (8 membros), Libertos/SP (15 membros), Somos/Rio (20 membros fixos e 15 flutuantes), Fração Gay da Convergência Socialista (13 pessoas, sendo que 5 mulheres e 8 homens), Grupo GAy da Bahia (17 pessoas fixas), Somos/SP (35 elementos), Terra Maria (10 pessoas), Alegria Alegria (10 membros), Grupo de Ação Lésbica-Feminista (8 mulheres fixas e 15 flutuantes).

Depois da apresentação dos grupos a situação mudou. A mesa permitiu que um membro do Somos/RJ lesse uma "Carta Aberta ao Movimento Homossexual", com críticas ao jornal Lampião. Perplexos, os membros dos outros grupos não entendiam nada e mais perplexos ficaram quando outro membro do Somos/RJ se levantou e pediu a expulsão dos dois representantes do jornal na reunião prévia (Alceste Pinheiro e Aristides Nunes). Durante quase três horas ficou-se discutindo se os representantes do jornal ficariam ou não, em detrimento da pauta proposta pela Comissão Organizadora que era de tirar uma pauta para o Encontro. Perdeu-se muito tempo nas discussões e por fim ficou decidido por 23 votos contra 11 que o Lampião permaneceria na reunião.

Terminada a confusão, que deu uma grande vitória ao Lampião, a plenária passou a deliberar, também por votação os seguintes pontos:

— o IIº EGHO não será deliberativo;
— o tema "Coordenação Nacional" não será discutido no Encontro e
— o Encontro terá o mesmo caráter do último, ou seja, dois dias de parte fechada, apenas para os grupos e no último dia aberto ao público.

O temário aprovado engloba sete temas:
— Estrutura e Funcionamento dos Grupos;
— Autonomia do Movimento Homossexual;
— Sexualidade;
— Movimento Homossexual e Repressão;
— A Mulher Homossexual;
— O Negro Homossexual e finalmente,
— Os Conceitos de Homossexualismo.

Até a próxima semana santa, no Rio, Santas. (AN).

O bicho pega, o bicho come...

Logo após a reunião prévia do 2º EGHO, alguns de nós saíram dando pulos de alegria. Afinal, tínhamos sido vitoriosos. A proposta de dar ao EGHO um caráter deliberativo foi derrotada por 20 x 17. O mesmo aconteceu com a proposta de incluir na pauta do Encontro a discussão de um órgão para coordenar o MH a nível nacional; por 17 x 12.

Mas o que foi mesmo que ganhamos? Para quem estava acompanhando mais ou menos a movimentação dos grupos organizados, estava claro que tais propostas iriam surgir e que os grupos se dividiriam em três blocos: a favor; contra; e aqueles que, por qualquer razão, não estão acompanhando esta disputa. Tornar o EGHO deliberativo ou criar uma Coordenação Nacional para o MH significaria (significará?) a oficialização da disputa de poder dentre os grupos. Como acho impossível que as decisões dentro do MH viessem a ser tomadas por consenso, se recorreria ao esquema de votação.A paisagem política do MH iria se modificar por completo. E as decisões aprovadas pela maioria deveriam ser cumpridas, mesmo contra a vontade daqueles que discordaram? Não creio que a minoria derrotada se limitasse ao silêncio e à submissão. Provavelmente começariam a se organizar em busca do poder; haveria conchavos, fazeções de cabeça, manipulações, etc. Haveria. Diante desta perspectiva, a preocupação com a disputa de poder dentro do MH já nasceu morta.

E de repente, tudo isto me parece muito conhecido; é apenas uma repetição ampliada do processo que o nosso (na época) Grupo Somos — SP atravessou após o 1º EGHO e que culminou com o "racha" em maio deste ano. Mas e se fôssemos nós os "derrotados" agora na prévia? Isto é, se o EGHO tivesse se tornado deliberativo e fosse criada a CN? Faria alguma diferença? Para sermos coerentes, que atitude deveria ser tomada? Nos retirarmos da disputa, vencidos ou vencedores? E depois? Criaríamos outro MH em que não houvesse disputas

A outra alternativa seria a de continuar brigando, pois não creio que os proponentes da CN vão esquecer desta idéia por terem sido derrotados. Então, é bom a gente ir logo tomando um curso intensivo de política partidária; neste campo, já ficou claro que somos perfeitos amadores.

Enquanto isto, o MH sofre um grande esvaziamento e cai no descrédito dos poucos homossexuais que conseguiu mobilizar. Como ficou claro nos relatos dos representantes a respeito da situação atual dos seus respectivos grupos. E não adianta se iludir com as aparências. Apesar do número de grupos organizados ter quase dobrado do 1º EGHO até agora, a quantidade de pessoas trabalhando parece ser menor que no ano passado. É bem o caso de perguntar: a quem estamos representando? Os homossexuais? O que é um homossexual? Que poder estamos disputando? Quais são os objetivos atuais do MH? Contudo, por incrível que pareça, estas questões não figuram em destaque na pauta do Encontro.

Acho que o MH deveria seguir na direção contrária; descentralizar o poder até o nível do indivíduo; cada um ser senhor do seu próprio nariz. Mas estamos mesmo preocupados é em fazer política séria (isto é partidária). E até os desavisados embarcam nessa. Para quem acompanhou os grupos desde o princípio, já está bem longe o tempo em que acreditamos no MH como uma alternativa política realmente nova. (Emanoel Freitas).

Notas sobre um coquetel de ódio

Há algumas coisinhas que eu gostaria de mencionar a propósito da prévia do 2º EGHO, porque, na época, muita coisa deixou de ser dita, mesmo que, por várias vezes, eu tenha entrado na fila de espera da palavra. Mas há de se convir que o calor carioca e o afã da coisa roubam muito da capacidade de concentração da gente. Assim, que me desculpem os que, possivelmente, me chamarão de delator ou machista, mas lá vai: a prévia foi, a grosso modo, um pequeno desastre.

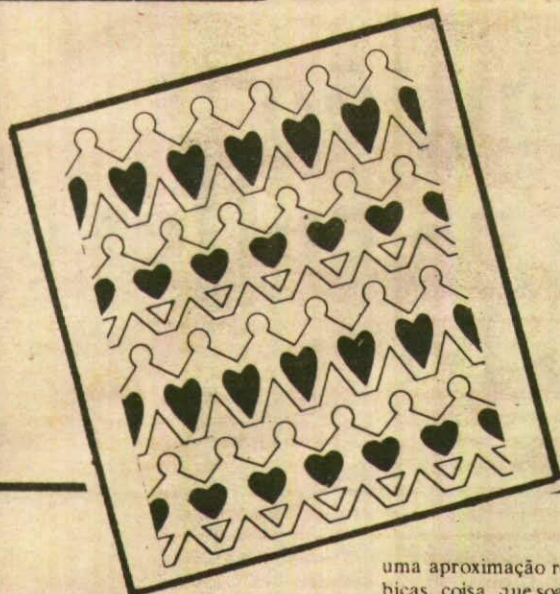
Talvez não, se pensarmos que serviu para se chegar à conclusão de que o por-assim-dizer movimento homossexual brasileiro tornou-se, neste último ano, profundamente irrealista. Não consegui, durante as seis horas que passei sentado no auditório do CEU, em Botafogo, evitar a sensação de estarmos todos em um redemoinho, destes imensos, que não deixam o rio seguir em frente. A possibilidade que tínhamos de encontrar os grupos novos que vieram de Pernambuco, (Gatho), da Bahia (GGB), de São Paulo (Alegria, Alegria e Terra Maria) e de Niterói (Banda de Cá) acabou também indo por água abaixo, já que alguns dos grupos presentes estavam bastante interessados em conduzir o encontro à sua maneira e propor, através da leitura de um extenso documento de três páginas inteiras, a expulsão dos representantes do Lampião da sala.

Foi aí que me surgiu a palavra irrealista. Discutir os tropeções e desacertos do único jornal homossexual desta terra que tem conseguido se manter de pé não era, decididamente, primordial para nenhum dos outos grupos participantes — muito menos para os milhares de homossexuais reprimidos (palavras nossas) que se debatem contra o preconceito e a intolerância. Além disto, da maneira com que foi conduzido, o repúdio ao Lampião acabou por se tornar uma aborrecida faca de dois gumes, que corta mais para o lado dos grupos do que para o lado do jornal, porque o documento lido mostrou que a presença dos jornalistas impedia a realização de nosso trabalho e admitia uma hipotética fraqueza diante do grande déspota. Podem até dizer que eu estou exagerando, mas foi como se tivéssemos dado um nó sem ter ninguém para desatá-lo.

Há mais ainda: o clima de animosidade era também digno de um coquetel entre forças inimigas. Nunca se olhou tanto pelo rabo do olho nem se falou tanto pelas entrelinhas. Subitamente senti-me inimigo mortal de uma meia dúzia de pessoas que nunca havia encontrado antes, algumas que gostaria muito de conhecer e outras que me provocaram delírios maravilhosos. Muito destes mal-entendidos puderam ser desfeitos ou à noite ou no domingo pela manhã, quando algumas pessoas foram se refrescar na Bolsa de Valores, aquela praiazinha que a gente ouve falar tanto aqui em Brasília. Voltando ao assunto, tudo era como se os grupos disputassem a primazia de falar em nome dos homossexuais e quisessem demonstrar que a curta existência de cada um já lhes houvesse dado a maneira correta — e única — de conduzir a luta.

Da luta propriamente dita, no entanto, falou-se pouquíssimo. Por mais que Leila Mícolis tentasse convencer a todos que o tempo era escasso, as atenções se desviavam e os temas a serem discutidos na Semana Santa de 1981 eram relegados a um ínfimo segundo plano — e suas escolhas coincidiram com a hora em que muitas pessoas saíam para fazer um breve lanche na única carrocinha de cachorro-quente estacionada na calçada em frente.

Um dos momentos francamente emocionantes da Prévia foi quando o Sávio (Gatho) denunciou o que ela suspeitava ser um conchavo entre Rio, São Paulo e Distrito Federal. Quis reagir, mas, no momento, não ousei. Os conchavos, de qualquer maneira, já haviam sido denunciados em abril deste ano, em São Paulo, quando o número de grupos eram bem nor e os assuntos bem mais reduzidos ao Eixo Sul. No entanto, a suspeita de Sávio vem, mais uma vez, confirmar umas suspeita minha de que este país é feito de vários estados uns de bunda para os outros, desenlaçados e sem harmonia alguma e que, pelo menos por enquanto, é impossível sonhar com um trabalho conjunto — a qualquer nível e não apenas entre as bichas. Mas conchavo exatamente não houve. A não ser que estivessem usando o nome do Beijo Livre e de outros grupos indevidamente.

Feitas as contas, foi bom saber qual será o tom do 2º EGHO: disputa, animosidade e irrealismo. E, naturalmente, comicidade já que eu, pelo menos, não consegui prender o riso — o que, confesso, me deixou com a boca levemente amarga. Mas se querem gargalhar, que gargalhem. Só que ninguém precisa ir ao Rio de Janeiro para isto. (Alexandre Ribondi)

O ativismo e o abismo dos nossos desejos

Acho que, bem ou mal, andei tendo um caso com aquilo que se poderia chamar (sob pena de exagero) de Movimento Homossexual, no Brasil. Desde que voltei para cá, em 1976, eu andava tentando criar um grupo de discussão e confraternização por me achar extremamente isolado. Como vinha tecendo severas críticas ao autoritarismo machismo das esquerdas, sofria represálias do tipo ter meus artigos censurados em orgãos da imprensa alternativa; e era colocado no ostracismo sob acusação (velada ou não) de "desvios pequeno-burgueses". Em conseqüência, eu me identificava cada vez menos com esses pretensos aliados e buscava saídas novas. Minha longa história de escaldamentos me levava fundamentalmente a acreditar que a transformação é uma instância mais necessitada de humildade do que se diz. Por exemplo, descobri que ela começava na minha cozinha e no meu rabo — periferias do poder. Mas devo dizer que, antes de qualquer intenção revolucionária, era a insuportável solidão que me movia — essa mesma que nenhuma revolução resolverá. Aliás, na minha peregrinação pelo continente americano, eu aprendera que "o primeiro ato revolucionário é sobreviver". A sobrevivência do indivíduo contra as máquinas que o enquadram, por todos os lados.

Procurei obcecadamente as pessoas e acabei me entrosando num grupo de homossexuais ativistas, em São Paulo. Cheguei a me encontrar com um membro da extinta Frente de Liberação Homossexual da Argentina, para consultá-lo sobre a possibilidade de utilizar o nome de sua antiga revista para nosso pequeno grupo. O rapaz não viu qualquer empecilho à idéia e ficou até meio comovido com o sentido de continuidade nela implícito. Como só dependíamos dessa consulta, foi a partir daí que passamos a nos chamar **Somos**.

(Em tempo: as convergetes e libélulas andam dizendo que escolheram o nome Somos para homenagear as bichas argentinas; tá na cara que se trata de mais um ato de usurpação e prova de contumaz oportunismo. Naquele tempo, elas não estavam interessadas em viados. Seja no Brasil ou nos USA, ainda consultavam seus manuais trotstalinistas para saber em qual capítulo encaixariam essa então esdrúxula "liberação homossexual").

Nessa época, é possível que eu considerasse o movimento homossexual com certa nostalgia messiânica, talvez movido pela mesma esperança que tem levado tantos ateus a se filiarem a partidos, como se fossem confrarias religiosas. O certo é que me entreguei, durante quase dois anos, à tarefa de buscar organizadamente um diálogo com o meu meio — e com aqueles que compartilhavam as mesmas barras de repressão e as alegrias do mesmo amor. Ao criar demasiadas expectativas com relação ao movimento, eu passara por cima de uma evidência: não é a homossexualidade das pessoas que automaticamente propicia um diálogo duradouro entre elas — apesar de poder oferecer um profícuo começo de conversa. Fui descobrindo que minha relação com outros ativistas cada vez se restringia mais ao mero ativismo.

Devo admitir que a pequena experiência política do meio homossexual assumido e a curta história do próprio movimento provocavam problemas de toda ordem. Nós éramos obrigados a começar quase no nada, a cada passo, porque não queríamos repetir os eqüívocos daqueles que nos discriminavam em nome do seu progressismo. Nosso ardente desejo de inaugurar formas políticas próprias tornavam tudo mais difícil. Pretensão? Não mais do que a necessária. Acho que não tínhamos muitas alternativas: era inovar ou morrer. Nesse sentido, houve atividades (ou tentativas) que pessoalmente considero admiráveis — e cito algumas que conheci. Criamos uma aproximação real entre muitas bichas e lésbicas, coisa que soava como um desafio em nosso meio fundamentalmente misógino e amigo dos clubinhos. Rompemos com um instrumental de analise hegemônico em setores da esquerda brasileira, rejeitando, por exemplo, a luta de classes como argumento último e definitivo no exercício da crítica político-social, e apontando a existência de problemas comuns às sociedades capitalistas e àquelas "sem classe". Também recusamos, desde o começo, dividir maniqueisticamente as lutas sociais entre "maiores" (movimento operário tomada do poder) e "menores" (movimentos periféricos/ crítica ao poder).

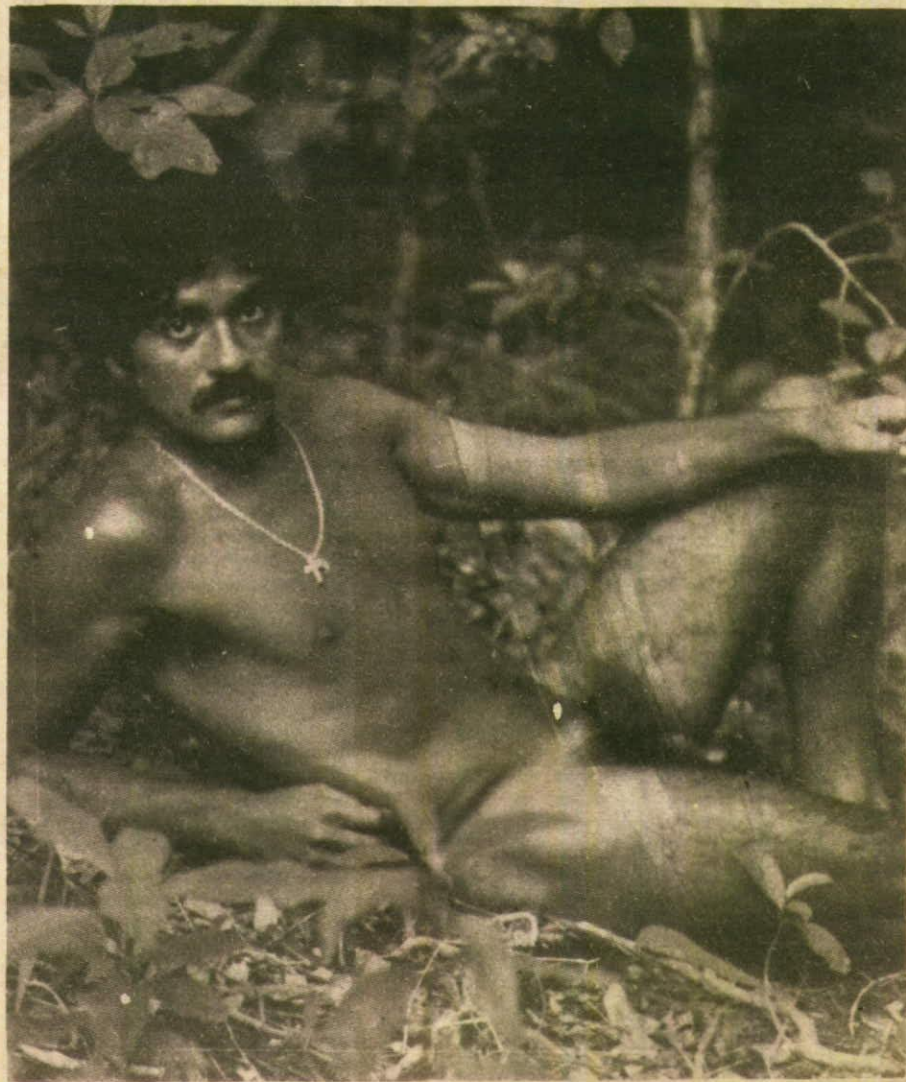
Vivi, nesse período, uma das mais gratificantes tentativas de abrir novos espaços de práxis política. No pequeno grupo de estudos do qual eu participava, estávamos preocupados em não escamotear nossa sexualidade, ao torná-la "objeto de estudo". Então decidimos mergulhar mais nos bastidores de cada um, naquilo que trazíamos escondido debaixo de roupas. Programamos reuniões de reconhecimento tátil, onde estaríamos pelados, para tentar contatos indiscriminados e, evidentemente, não apenas genitais. As experiências foram brilhantes, a meu ver. Não é nada fácil a gente se encarar de pau (e tudo o mais) pra fora éramos só homens, no grupo. Houve quem fugisse e quem inicialmente se recusasse a ir além da cueca. Ficamos no escuro, para aguçar o tato, cada um fazendo o que preferisse (inclusive apenas tocando-se a si mesmo). Lembro do meu encantamento ao descobrir os corpos até então insuspeitados de alguns rapazes: eles me enterneceram como se tivéssemos acabado de nos conhecer. Depois, discutimos tudo o que tinha ocorrido conosco: rejeições, delícias, descobertas, discriminações — tudo a um nível muito intenso. Eu mesmo vivi um sentimento de liberação que não sentia desde a adolescência; tamanha a radicalidade desse encontro aparentemente simples. Mas a experiência não passou de duas reuniões.

Logo depois, ocorreu o que hoje é mais ou menos público: a invasão e tomada do grupo por partidos políticos de esquerda. Além de chegarem com estratégias elaboradas, a CS e a Libelu traziam pronto seu velho discurso ideológico, desdenhando exigências básicas, tais como nosso desejo de autonomia para o M.H. — aliás hipocritamente defendidas também por eles, até então. Essa disputa de poder evidenciou mais uma vez a irreparável ingenuidade das bichas e lésbicas ansiosas de ter uma participação "mais significativa", politicamente. Para dar um só exemplo: de repente, cresceu uma briga acirrada sobre a participação, que muitos queriam "obrigatória", no Primeiro de Maio em São Bernardo, ao lado dos "operários e setores democráticos". Resultado: enquanto alguns carregavam faixas na passeata, outros (inclusive eu) faziam piquenique num parque abarrotado de famílias operárias que também tinham ido se divertir.

As hiperpolitizadas se escandalizaram a tal ponto que até hoje não perdoaram nossa audácia. Para nós, aceitar sua "obrigatoriedade" significava sucumbir ante as ordens da "luta maior" e mergulhar no sentimento de inferioridade da "luta menor". Ao correr atrás das bandeiras partidárias, as bichas e lésbicas esqueciam que pretendiam criar um M.H. justamente para tentar "esquemas novos"; a meu ver, evidenciaram assim uma absoluta vulnerabilidade e grande dose de culpabilidade frente ao discurso obreirista da esquerda (que, cá entre nós, costuma sacralizar a classe operária, para apropriar-se primeiro do seu discurso e depois do seu poder; vejam a Polônia, no que deu). Por essa época, eu já contestava sobejamente a maneira fanática com que a política se assenta em cima de lideranças. Pensava e penso que o líder de hoje é o ditador de amanhã. E parecia-me que, dentro do M.H., começávamos a copiar esses modelos. Eu próprio estava me deixando transformar em líder; e acabava por me sentir devorado em meio à disputa interna — eu que entrara ali para fazer amigos. Diante dessa constatação, caí fora.

Hoje, acho que eu repensaria bastante essas formas de organização do M.H., que correm o risco de se esvaziar a curtíssimo prazo. Refiro-me à sua estrutura de movimento estudantil, voltada exclusivamente para uma atuação pública que acaba por criar pequenos guetos estóticos. Acho que os grupos vieram priorizando a adoção de esquemas institucionalizadores e atividades mais ligadas à conquista do poder: abertura de sedes caras, participação quase restrita a passeatas, promoção de encontros nacionais onde a confraternização cedeu lugar à disputa, etc... E o real crescimento, a reflexão, a invenção do prazer?

A inexistência de uma autonomia de fato, que se refletisse em formas concretas de ação, parece deixar evidente sua fragilidade e pequena representatividade no contexto da incessante transformação da realidade brasileira. Talvez animados pelo espírito de vanguarda política, tais grupos se lançaram no jogo do poder que, paradoxalmente, os distanciou dos setores sociais mais periféricos e os fechou sobre si mesmos. Por que nunca conseguimos canais de comunicação diretos com esses setores marginalizados que geralmente são os prediletos do proselitismo partidário? Quando iremos abrir espaço para levar sem receio a discussão da sexualidade até às periferias? As feministas, por exemplo, sempre estiveram preocupadas com isso — às vezes em detrimento do próprio feminismo, é verdade, e pagando tributo aos compromissos ideológicos. Mas, bem ou mal, elas ainda mantêm atividades diretas (sem mediação partidária) com donas-de-casa, mães de família dos subúrbios e operárias. Para permitir o florescimento do desejo, acho que precisamos encontrar novas saídas e formas mais adequadas de práxis políticas. Inovar ou morrer.

De resto, não acredito que tais dificuldades tenham tornado inviáveis e fracassados os esforços para aproximar e organizar as pessoas a partir do seu direito a uma sexualidade diversificada, inclusive em suas formas dissidentes. Muito pelo contrário. Acho que precisamos de mais celebração e menos lamúrias defensivas. Mais pique, menos enrustimento. Lembro que, no tempo que participei dos grupos, sempre se falou que eles estavam em crise; parece que esse papo continua o mesmo até hoje. Dizem que atualmente os grupos se encontram numa delicada encrusilhada. Pois bem, isso talvez signifique o momento adequado para dar um novo salto. A crise é antes de tudo, um sintoma de vitalidade. E o marasmo, indício de maturidade. (**João Silvério Trevisan**).

Uma noite com Líbidis, a libidinosa

Que nós somos pessoas festeiras (festivas, jamais!), todo o mundo já sabe. Basta lembrar as Bixórdias I e II de saudosas memórias (vem aí a III: aguardem em maio). Por isso, não foi surpresa pra ninguém que a gente conseguisse colocar, numa quarta-feira, nos 350 lugares do Teatro Rival, nada menos de 450 pessoas para festejar, chez **Dzi Croquetes, a inauguração da Esquina Editora. Àquela altura dos acontecimentos,** Escola de Libertinagem **já estava na lista dos best-sellers malditos (aqueles que a imprensa jamais cita; porque quem vende mais livros neste país atualmente não é Fernando Gabeira não, queridinhas; ainda é Cassandra Rios...), e o calendário Nus Masculinos/81 começava a — como diz uma certa desafeta nossa, uma delinqüente cognominada nas bocadas da Galeria Alaska de Elza — encher nossas burras. Por isso, imaginem nossa alegria naquela noite fatídica — ainda mais porque, durante a tarde, víramos chegar** from **São Paulo Darcy Penteado e João Silvério Trevisan, que vieram dar uma mãozinha ao evento.**

A partir da esquerda: Sandra Siqueira, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Cyntia Martins e Kate von Scheppemberg

Isso posto, vamos aos detalhes: TV Croquetes, Canal Dzi **(atenção pessoal: persigam esse espetáculo por todo este verão, no Rio: é programa obrigatório) nunca esteve tão** hot **(eu, que já tinha visto o espetáculo três vezes, me mijei de rir várias vezes(. Cyntia Martins, com seus modelos, ocupavam uma mesa à parte — um certo modelo acabou realmente à parte por mau comportamento; não vamos citar o seu nome, mas pelo amor de Deus! O coquetel (do Bon Manger, e não da Bacardi, como se noticiou) foi disputado a pauladas pelos presentes (havia comida e bebida para todos, sim mas não havia espaço para que os garçons circulassem...). A certa altura, um rapaz identificou-se como representante do Esquadrão da Morte na festa, e Rafaela Mambaba, imediatamente, pendurou-se no cabo do seu revólver, agitando-o despudoradamente até que o moço chegou ao orgasmo. Antônio Chrysóstomo e seus 47 secretários, com sua farta experiência de** shows, **tratou de orquestrar as coisas quando houve uma ameça de caos. Pelo menos 12 pessoas se confessaram de coração partido por causa de Darcy Penteado. Mas este — decepcionem-se, queridinhas — há muito tempo que é fiel... Francisco Bittencourt, pela enésima vez, proclamou sua recente conversão ao heterossexualismo — mas ninguém levou a sério, é claro. Xexélia — vocês manjam? — foi, mais uma vez, a pessoa mais saltitante — cruzes!**

A festa durou até duas horas da matina. Acabou com Manoel, o gerente do Bufê Bon Manger, procurando debaixo das mesas e no cantos escuros os 54 copos e três bandejas qu haviam sumido. E foi encerrada oficialmente co um lance teatral: uma certa lampiônica, cujo nome a modéstia me impede de dizer, passou toda a festa, no meio daquelas 450 pessoas, pensando num meio de ficar sozinho com uma delas. Isso aconteceu, efetivamente, aí pelas duas e meia da madrugada. Os dois estavam sentados no canto mais escuro do teatro, absolutamente a sós, quando, no palco cujo pano de boca estava fechado, ouve-se, como se Iberê Camargo adentrasse o Teatro Rival, o ruído de um tiro. Os dois se levantam e correm cada qual para um lado, apavorados. Encontram-se a seguir nos bastidores para saber o que tinha acontecido: é que alguém descobrira, em meio aos bagulhos das Croquetes, um revólver de pólvora seca, e não resistira: PUM!, dera no gatilho. A explicação para o susto não o anulou — o rapaz com quem a tal lampiônica se entregara ao colóquio interrompido proclamou: "Depois dessa, vou ficar brocha durante uma semana..." E o pano desceu. (AS)

"Balu", um romance para o verão

Quem primeiro nos falou de **Balu** foi o ator Anselmo Vasconcelos. Ele tinha recebido um exemplar do livro, enviado pelo autor, e ficara entusiasmado com a história — de um rapaz, um jovem homossexual, envolvido com figura do chamado mundo lítero-teatral-pictório-entendido do Rio de Janeiro. O próprio Anselmo tirou cópias xerografadas do livro, e mandou para várias pessoas. Uma dessas cópias me chegou às mãos, e aqui no Lampião, eu e Francisco Bittencourt fomos os primeiros a ler o livro. A fina ironia, a sutileza de labirinto de **Balu** nos impressionou bastante: estávamos diante de um autor que não apenas era senhor do seu ofício, como também mostrava raro talento ao manipular suas personagens.

Mas quem era esse autor? Sabíamos apenas seu nome — Jorge Domingos — e o número de uma misteriosa caixa postal, em Petrópolis, que ele utilizava como endereço. Nossa primeira providência foi incluir **Balu** em nossa Biblioteca Universal Guei, para fazê-lo chegar aos nossos leitores através do reembolso postal. Depois, começamos a tentar um contato com Jorge Domingos. Houve uma troca de cartas, tudo sempre muito protocolar, até que um encontro foi marcado em nossa redação — num sábado à tarde, único dia em que ele podia descer de Petrópolis, onde mora e trabalha.

Jorge Domingos

A figura de Jorge Domingos vocês estão vendo aí na foto — tudo o que a gente acrescentaria seria um comentário sobre sua incrível cor bronzeada, digna de quem mora à beira-mar, em Ipanema, e não no alto da serra. Ele nos visitou em companhia de um rapaz muito simpático, e nos concedeu essa entrevista sem saber que, naquela tarde, vivíamos um clima de tensão — a prévia do II EGHO realizava-se naquele dia, e o tema central, levantado por supostos líderes do movimento homossexual, era o "repúdio" ao Lampião — tema, evidentemente, repudiado pela maioria dos ativistas.

Por que tanto mistério em torno de si mesmo? Isso talvez seja explicado pelo modo traumatizante como Jorge Domingos travou seu primeiro contato com editores. Pronto **Balu**, para o qual ele fez muitas pesquisas no mundo entendido ("Freqüentei muitos lugares; fui como escritor, para observar, mas também gostei do que vi, achei divertido estar lá"), o autor levou os originais para a Editora José Olímpio. Eles foram recusados, é claro — mais que o fato de estar patentes, no livro, as qualidades do escritor, deve ter pesado, neste julgamento inicial, o estigma — **Balu** era um livro que tinha as relações homossexuais como tema.

Desanimado, Jorge Domingos foi para casa e tomou uma decisão: ele mesmo bancaria o seu trabalho. Fez o desenho de capa, escreveu o prefácio, procurou uma gráfica em Petrópolis, pagou Cr$ 40 mil e rodou 1.200 exemplares do livro. Ele próprio fez a revisão, e depois tratou de comercializar. Um sistema perfeitamente alternativo, que já lhe rendeu frutos: em pouco mais de um ano vendeu 600 exemplares (é bom salientar que **Balu** entra, agora, numa nova fase: já é um dos livros mais vendidos no nosso serviço de reembolso).

As dificuldades naturais deste sistema não desanimaram o autor: seu próximo livro, **As Bodas do Rei de Espadas**, terá uma primeira edição bancada por ele, mesmo que uma editora se interesse pelo livro: "só depois é que eu entregaria minha obra para um editor". Durante a entrevista, à qual Glauco Mattoso aderiu já no final, deu para sentir que Jorge Domingos sente um certo ciúme dos seus livros. Ele diz que nunca conheceu ninguém igual a **Balu**, personagem que foi criado por ele em todos os detalhes. Mas a gente sabe que se pode encontrar um Balu em cada esquina, à espera de ser transfigurado pela criação literária. Quanto ao seu novo livro, Jorge diz que ele aborda, outra vez, o tema "homossexualismo", só que de modo muito mais ousado e profundo:

— É a história de um homossexual de classe alta, que precisa conciliar sua homossexualidade com os compromissos assumidos com a sociedade. Então, ele procura casar, ter uma esposa que lhe dê uma fachada e, além disso, um filho para o qual possa desviar sua afetividade. A idéia desse livro me surgiu depois que eu imaginei uma mulher casada com um homossexual desse tipo.

As Bodas do Rei de Espadas já está pronto, mas o autor acha que ainda vai trabalhar um pouco nos originais. Depois, cumprirá o mesmo processo que fez **Balu** chegar aos leitores. Só que agora tentará atingir um resultado menos artesanal — o livro será feito numa gráfica do Rio, com uma capa mais elaborada, etc., e terá um prefácio do autor destas mal traçadas linhas.

No mais, continuará o mistério: um escritor mineiro que trabalha em Petrópolis numa firma de importação, que não liga para os críticos literários — os exemplares de **Balu** reservados à crítica ele preferiu mandar para os seus atores preferidos — nem é de muitas leituras: dos brasileiros, citou Cassandra Rios e Jorge Amado, e dos estrangeiros, Tenesse Wiliams (seu favorito) e Pasolini. Um autor que persegue a simplicidade. A tal ponto que lamentou o fato de jogar, enquanto autor, com certos mitos do mundo ipanemenho-entendido que tornam seu livro inacessível a um público menos privilegiado por informações e leituras:

— Bom mesmo — ele diz — seria escrever como Adelaide Carraro, que pode ser lida não só pelos patrões, como pelas empregadas domésticas. (**Aguinaldo Silva**).

Mário Valle conta os segredos da maratona do Elite

A primeira vez que fui a um baile do Elite foi em 1967, há 13 anos portanto. Não que eu seja tão antigo quanto desejariam meus desafetos, mas é que fui precoce **mesmo**! Burlei a vigilância e entrei maior de idade. Desde então, todo ano dou minhas saracoteadas por lá.

O Elite Club é um tradicional dancing do Campo de Santana. Lá, por exemplo, iniciou-se como cantora nos anos 30 a divinal Carmen Costa. Lá também, até hoje durante os fins de semana do ano inteiro, impera a gafieira, e nos dias específicos, surrealistas procissões no meio da pista carregando as imagens de São Jorge ou Santa Bárbara.

Mas, a partir de novembro, todas as sextas e durante o carnaval, o Elite democraticamente se transveste e abriga os bailes para "entendidos" do legendário Mário Valle. Pra dançar ou namorar é uma jóia. Não se trata de um ambiente de Fellini segunda mão como o São José: nada de plumas e paetês e sim muita bermuda e bigodinho. Ingresso módico, boa orquestra, muita animação, cerveja quente e ....Mário Valle, como se ainda não bastasse.

Participaram desta entrevista, realizada em novembro na sede do LAMPIÃO, Francisco Bittencourt, Alceste Pinheiro, Antonio Carlos Moreira (que a editou), Luiz Carlos Lacerda, Dolores Rodrigues, Aristides Nunes e eu, naturalmente. **(João Carlos Rodrigues).**

Francisco — Mário Valle, você está completando 18 anos de Elite...

Mário — **Não, a maioridade do Elite vai ser ano que vem, e vamos dar uma festa que será a maior desde que o Elite foi inaugurado, há 17 anos atrás.**

Alceste — Então o **Elite** ainda é um adolecente, que bom!!! **(risos)**

Mário — **Inclusive o Juizado de Menores queira me desculpar, mas eu comecei no Elite quando tinha 17 anos, recém saído do Colégio Militar.**

Antônio Carlos — Como é que surgiu a idéia de criar o **Elite?**

Mário — **O Elite quando começou foi uma coisa engraçadíssima. Eu frequentava muito o Campino, que era o lugar onde ia o pessoal de cinema, teatro e estava na moda, também, a Estudantina. Aí uma amiga minha chegou pra mim e falou: "Vamos fazer um Baile?" E eu disse vamos embora. Partimos pra catar um lugar e pensamos numa gafieira, porque a Estudantina estava na moda, e podia dar certo. Aí fizemos "O Baile do Óculos Escuros". E no dia, quando eu ia saindo de casa, eu levei o maior susto porque o Ibrahin Sued, que tinha um programa na televisão na época, falou que ia haver naquela noite, um baile cujo o traje era óculos escuros e mais nada. Eu fiquei apavorado, pois o que ele queria dizer é que as pessoas iriam nuas. Saí de casa desesperado pensando que fossem fechar o Baile.**

Alceste — Você não acha que de qualquer forma seria ótimo se as pessoas só fossem realmente de óculos escuros?

Foto de Cynthia Martins

Mário — **Seria ótimo, mas acontece que foi todo mundo vestido e de óculos. Aí foi o maior sucesso e as pessoas insistiram para que eu fizesse o Baile na sexta-feira seguinte, então estou há 17 anos fazendo.**

Francisco — Começam sempre em novembro seus bailes, né?

Mário — **Sempre em novembro.**

Alceste — O Elite não costuma ser um baile caro.

Mário — **Eu acho que é o mais barato.**

João Carlos — Quanto é que está custando?

Mário — **Preço de cinema, 200 cruzeiros.**

Francisco — É de graça, tá baratíssimo.

Alceste — Você têm um cálculo de quantas pessoas vão a cada baile?

Mário — **Já tivemos bailes com 800 pessoas (espanto geral), mas a média é de 600.**

Francisco — E aquela fila enorme que fica lá fora, no período de carnaval, não deixa o pessoal muito ansioso?

Mário — **O grande problema, e ao mesmo tempo it, do Elite, é aquela fila. Mariza Berenson disse que nunca viu coisa igual. Inclusive, ficou desbundada porque, no meio daquele povo todo, ninguém soube quem ela era.**

João Carlos — Nesses 17 anos de Elite, você conseguiu ganhar muito dinheiro?

Mário — **Todo mundo diz que eu estou riquíssimo.**

Francisco — O que dizem é que Mário Valle, com o dinheiro que ganha no **Elite**, durante três meses, passa o resto do ano na boa vida.

João Carlos — Isso é verdade?

Mário — **Não. Não é mesmo, porque a minha profissão não é essa. De repente, as pessoas pensam que eu sou baileiro. Eu sou figurinista e trabalho o ano inteiro.**

Alceste — Você falou que estudou no Colégio Militar, e como é que foi lá?

Mário — **Ótimo!**

João Carlos — Também dava muitos bailes lá? **(risos)**

Mário — **Os bailes de formatura era eu quem organizava, só não me deixaram continuar, porque eu queria forrar tudo de veludo vermelho.** (risos)

Alceste — Você era da Cavalaria?

Mário — **Não, eu era Artilheiro** (risos). **Saí de lá com o enxoval completo para a AMAN.**

Alceste — Você desistiu na hora?

Mário — **Desisti e fui ser figurinista, lançado no Correio da Manhã, por Maria Cláudia Mesquita Bonfim, que fez uma entrevista comigo de página inteira. Neste dia eu fiquei até de manhã esperando o Correio da Manhã sair, às cinco horas, e fui pra casa. Deixei o jornal em cima da mesa do café, aberto na página da entrevista, e fui dormir. No outro dia, papai chega e me pergunta se era aquilo que eu queria, e eu falei que era e tudo bem com ele.**

Alceste — Você estava esperando uma atitude tirânica do seu pai, e ele nem se importou.

Mário — **Minha família é toda de militares** (troca de olhares).

João Carlos — Você como figurinista pode costurar com Agulhas Negras **(risos)**.

Mário — **Mas acontece que eu já tenho três Agulhas de Ouro.**

Alceste — O que vem a ser Agulha de Ouro? Um prêmio internacional?

Mário — **É um prêmio internacional dado aos melhores figurinistas. É como um disco de ouro.**

Alceste — Quem se veste contigo?

Mário — **Uma me lançou, Maria Cláudia, outra é minha madrinha, Adalgiza Colombo, além de várias senhoras da sociedade, que não sei se estão interessadas que saiam seus nomes.**

João Carlos — E quem se despe?

Mário — **Todas. Já vi todas nuas, sendo que a mais perfeita foi a Rosemary.**

Alceste — Acho que nesse caso você preferiria fazer roupas masculinas.

Mário — **Não. Não é minha linha.**

Francisco — Você nunca fez roupa masculina?

Mário — **Já, mas não faz minha linha. Eu prefiro fazer roupa para mulheres.**

João Carlos — Todo mundo fala que você têm várias histórias curiosíssimas que aconteceram no **Elite**, conte algumas pra gente.

Antônio Carlos — Conta aquela da Gina Lolobrigida.

Mário — **Eu tava no Elite, na segunda-feira de carnaval, na minha mesa, junto de Leina Krespi, Célia Biar, Helena Inês — lembram-se dela? — Eva Wilma e outras menos cotadas que eu não me lembro agora** (risos). **Nisso aparece o Carlos Humberto, vindo da portaria, e falou que a Gina estava na portaria e queria subir. Estava nervosa e não queria entrar na fila. Acontece que no carnaval fica uma fila imensa na porta, não dá pra entrar. Quando desce um é que sobe outro. Então a Gina estava lá embaixo, com a porta fechada e uma fila imensa, que ela não queria enfrentar. Quando eu la descendo pra buscá-la, a Leina Krespi vira pra mim e diz que se aquela cafona entrasse elas iriam embora. E como elas são minhas amigas, são brasileiras e como eu não conhecia a gringa, resolvi deixá-la lá fora. Mas no outro dia ela foi toda camuflada, de óculos escuros e tudo.**

Alceste — Olha, quem diria, a Gina Lolobrigida barrada no **Elite. (risos)**

Mário — **Mas tem outras histórias mais engraçadas.**

Antônio Carlos — Então conte-nos todas!

Alceste — Fale da Diva Pierante.

Mário — **Eu conhecia a Diva Pierante pela**

Vamos todas pra Salvador?

Há quase dois anos eu não ia à minha terrinha. Salvador tem o dom de ser a cidade brasileira que mais muda de hábitos, de costumes, de locais. Segundo o último censo já é a quarta cidade do Brasil, com cerca de 1,4 milhão de habitantes. E as atrações vão se tornando inevitáveis. A proliferação de **shows** de travestis é uma realidade para desespero dos 13 integrantes do Grupo Gay da Bahia. Segundo cálculos da Bahiatursa, estão sendo esperados em Salvador neste verão nada menos que 400 mil turistas. E muita boneca também, é claro.

Em Salvador existem duas boates Gueis. A Internacional Holmes na rua Newton Prado, 24, uma casa realmente muito bonita com bebida honesta, instalações confortáveis, discoteca atualíssima (e péssimo discotecário) e que ultimamente distribuiu cartões de sócios entre seus assíduos freqüentadores. Quem não é sócio paga 300 cruzeiros à entrada com direito a dois drinques. Nesses meses, Bebeto, seu proprietário, enlouqueceu, deu um pulinho a Nova Yorque, trouxe novidades como metros e metros de paetê francês e montou um **show** com quatro travestis (Fabianne, Cherry Lee, Karine e Gil) quatro bailarinos (horrorosos, nem pensar) e o magnífico ator/diretor/apresentador/ e mais importante figura Guei baiana Di Paula (pena ter terminado com seu jornal). O **show** intitula-se "Gay Movie" e é apresentado às terças, quartas, quintas e domingos. Sexta e sábado, a pinta fica por conta dos freqüentadores mesmo.

A outra boate, a Safari, de decoração terrível fica na Ladeira de Santa Tereza e funciona apenas de quinta a domingo (haja salto das bonecas pra descer aquela ladeira). Seu proprietário, Paulo, deu uma incrementada e fica lotadíssima nesses dias. As sextas e sábados é apresentado um **show** de travestis comandados por Di Paula, com destaques para Suzanah Vermont e o talentoso Olival, que faz uma Maria Betânia incrível, capaz de deixar qualquer atriz global gamada. Aos domingos, copiaram o título do nosso **show** apresentando em 75 na boate Zig Zagg e apresentam o "Oh Que Vontade de Subir no Palco" com talentos novos (alguns nem tantos). Você pode aproveitar, já que o calor é insuportável, e ir buscar uma bebida no momento em que tiver se apresentando Miss Kith ou um rapaz que imita Fábio Júnior (desculpe, Fábio). Mas não perca as apresentações de Saquarema, de noite um travesti incrível e de dia um bofão de sair dando porrada por aí. Soube que nesta boate o Paulo vai colocar a cabeça dos assíduos freqüentadores pendurada em frente ao bar. De gesso é claro. A boate custa Cr$ 200,00 sexta e sábado com direito a dois drinques e Cr$ 100,00 aos domingos com direito a um.

Bares Gueis é o que não falta em Salvador, embora a maioria tenha uma freqüência bastante eclética. O Saloon, na Praça do Relógio de São Pedro, é o mais freqüentado. Drinques a Cr$ 80,00, comida a Cr$ 200,00 no máximo, tem na moleza dos garçons o seu principal senão. Em compensação procure o Jorge; se ele não estiver em algum hospital curando mais uma tentativa de suicídio, vai atendê-lo muito bem. O Zanzibar, no bairro do Garcia, freqüentado mais por negros maravilhosos e libertos de preconceitos. Querem contratar o ator Carlos Hora para fazer imitações de Gal Costa. Se aceitar vai ser uma delícia. Ao lado do Teatro Gamboa, na rua Gamboa de Cima 5, no bairro dos Aflitos, Gueis aflitos podem drincar ou comer bem no "Segredo da Noite" onde o bom atendimento (os garçons são os melhores da Bahia) e a simpatia dos proprietários Nilson, Alba e Min garantem o sucesso da casa. No Porto da Barra, mais um barzinho gostoso, o "Folhetim", cujo relações públicas, Eterval Custódio, deve incrementar a freqüência.

Os cinemas, ah os cinemas baianos... O cine Capri, por exemplo, na Praça Dois de Julho, poderia estar passando o mesmo filme se quisesse há dois anos; 90% da freqüência do cinema é Guei. O mesmo se pode dizer do Cine Bahia na rua Carlos Gomes e do Bristol no Politeama. Aproxime-se dizendo ser turista que é muito mais fácil uma aceitação já que as pessoas que freqüentam os cinemas de Salvador são em sua maioria enrustidos, medrosos ou casados na esperança de um programinha leve.

Leonel Amorim montou e vai dirigir uma peça no Teatro Gamboa chamada "Plumas, Silicones e Paetês" para ouriçar ainda mais o verão. Cinco atores travestis darão seus recados como Fabianne (do Rio, com muito sucesso em Salvador) Karine, Olival, Di Paula e Morgana. Quem perder estará marcando a maior touca. Deve fazer sucesso mesmo, porque Rogério Menezes um senhor que escrevia sobre teatro na Bahia e que metia o pau em tudo (no sentido figurado) não está mais lá. Acho que cansou de dormir em pleno Holmes, já que não pegava ninguém.

A praia do Porto da Barra talvez seja uma espécie de Fire Island brasileira, guardadas as devidas proporções, é claro que não vamos comparar o Brasil com os Estados Unidos, muito menos Salvador com Nova York. Mas é simplesmente uma loucura. Tem pra todos os gostos e você nem precisa ir à praia, basta ficar tomando uma cervejinha ali na calçada com a Renilda e esperar o pessoal sair da areia.

Pra finalizar, não esqueçam — isto mais para os ricos ou aqueles que passam fome para aparentar certo **status**: dê um pulinho ao Regine's, boate baiana da francesa que toma dinheiro nosso. Lá a pegação no banheiro é quentíssima. Me lembro que há três anos atrás, eu e Rogéria dançávamos na pista do **Regine's** quando importante figura baiana foi deixar a esposa em casa e voltou pra sair com Rogéria levando um bruto **não** da "Estrela". Até hoje ele escreve e é gamado pela dita. Se eu cito o nome, haverá uma revolução baiana em pleno 1981.

(José Fernando Bastos)

televisão, já a havia visto no Municipal, é uma cantora lírica maravilhosa, mas eu nunca a tinha visto cara a cara. Então num concurso de Rainha do Elite, todas travestis, o sobrinho da Diva me garantiu que ela faria parte do júri, eu falei ótimo, maravilhoso, eu não conhecia a mulher. Acontece que no dia do concurso, lá pelas três horas da manhã, as candidatas já tinham desfilado e estavam esperando os resultados. Aí, chegou uma mulher com um vestido todo em paetês azuis, com 30 cílios postiços (risos), umas dez percuas. Então eu que já estava bêbado, cheguei pra ela e falei: "Você chegou atrasada e só por isso vai ser a última a desfilar" (risos). Ela sem entender nada vira-se pra mim e diz: "Mas eu sou a Diva Pierante." E eu que já estava muito tonto, falei: "Não me interessa o seu pseudônimo, você chegou atrasada e vai ser a última a desfilar." Ela continuou dizendo que era Diva Pierante, e nessa altura, todo mundo já estava me catucando e dizendo que ela era a famosa cantora lírica e não um dos travestis concorrentes, como eu estava pensando. Lá pelas tantas é que eu cheguei a conclusão de que ela era realmente a Diva Pierante, aí botei ela sentadinha no juri.

João Carlos — Conta outra história pra gente.

Mário — eu estava no Bar do Elite, conversando com um amigo meu, e nisso eu vi um rapaz, ou melhor uma bicha, com a cabeça toda enfaixada com ataduras. Eu comentei com meu amigo, como aquele cara podia ir ao Elite, entupido daquele jeito, numa época em que não dá nem pra ir no banheiro fazer xixi — eu faço pela janela. Soube que ele tinha vindo ao Brasil para fazer uma operação plástica nas orelhas, com o Pitanguy. Era uma louca, com aquele turbante na cabeça. De repente ele chega perto da minha mesa querendo trepar nela. A mesa já estava cheia de amigos meus e a bicha acabou trepando, e eu nem a conhecia. Esse meu amigo tinha me falado que ela parecia com aquele ator, o Helmut Berger, mas eu nem tava aí, cheguei perto da mesa e falei pra bicha descer, pois eu queria subir. Aí ela começou a falar em inglês e alemão — bem, inglês eu não entendo nada e alemão muito menos — e eu berrando em português. Eu mandava o viado descer e ele não descia. Aí eu o empurrei, e ele caiu no meio do salão. Só depois é que eu fiquei sabendo que ele era o próprio Helmut Berger, em carne e osso. (risos)

João Carlos — Mário, você acha que o Elite está ficando um pouco pequeno para o número de pessoas que freqüentam a casa? Nunca passou pela tua cabeça de mudar para um lugar um pouco maior?

Mário — Já, inclusive nós já tentamos.

Antônio Carlos — Por que não no Maracanãzinho? (risos)

Francisco — Inclusive o prédio treme muito, parece que vai cair a qualquer momento.

Alceste — Mas aí é que está a aura do Elite.

Mário — Ah! Sim, a graça é ser ali, com tremedeira e tudo.

Alceste — Você não tem medo daquilo cair?

Mário — Se há 17 anos nunca caiu, não cai mais.

João Carlos — E se cair, já cai dentro da funerária, num ótimo caixão (risos).

Alceste — A Estudantina, na Praça Tiradentes, uma vez caiu. Levaram vários sapatos da loja embaixo.

Mário — Isso foi na Estudantina, filhinho, e não no Elite. Uma vez a Nina Chaves, aquela jornalista que tinha uma coluna no Globo...

Alceste — ... Mas que na realidade quem fazia era a Hildegard Angel.

Mário — É. A Nina botou na coluna dela que eu tinha conseguido um lugar perfeito: "Em cima de uma funerária, ao lado de um Pronto Socorro, perto do Corpo de Bombeiros e a alguns metros da Central do Brasil". Mas nunca caiu.

João Carlos — Você nunca teve que pagar uma gorgetinha pra polícia não perturbar teus bailes?

Mário — (dá uma longa pausa e retruca) ... deixa isso pra lá. (risos)

Francisco — Quais foram as outras pessoas famosas que já estiveram no Elite. Bonecas estrangeiras, bofes, etc...?

Mário — Bonecas estrangeiras? Como assim? Por exemplo Liza Minelli é boneca?

Antônio Carlos — Pode ser!

Mário — Se é boneca, então teve lá duas vezes (risos).

Antônio Carlos — Parece que tem uma história com a Brigitte Bardot, que foi lá e ficou apavorada.

Mário — Não, não foi a Brigitte quem ficou apavorada, foi outra que chegou lá e disse que nunca tinha visto tanto viado junto, na vida dela, e foi embora na mesma hora acompanhada do Jorginho Guinle (risos).

Francisco — Mas quem é essa figura?

Mário — A Rony Schneider. (risos)

Francisco — E a Maria Schneider já esteve lá?

Mário — Claro. A Maria Schneider foi com a Florinda Bolkan. Hi, eu não ia entregar ninguém! (risos)

Dolores — Pelo visto Florinda é freguesa do pessoal da casa.

Mário — Mas ela não perde um baile.

Alceste — E a Condessa já esteve lá?

Mário — Já, e já saiu na porrada com a Florinda em pleno baile.

João Carlos — O Elite nos últimos anos tem contado com uma freqüência bem maior de mulheres, coisa que não acontecia antigamente. Nunca aconteceu nenhum choque entre os dois públicos?

Mário — Não. Inclusive os bailes de novembro e dezembro estavam ótimos, cheios e tudo, só que quase não tinha sapatão, estavam todas no Canecão vendo a Simone (risos). Mas de vez em quando sai um pau entre elas no baile.

Antônio Carlos — E as bichas costumam brigar muito?

Mário — Tem algumas briguinhas de caso, mas não demora cinco minutos e eles estão de beijinhos e abracos.

Alceste — Como naquela música. "Moço olha o vexame, o ambiente exige respeito...", você dá alguma recomendação especial com relação ao comportamento no Elite?

Mário — Se tiver fumando maconha e outras coisas, que comprometam o baile, eu boto pra fora. Não que eu seja contra quem fuma maconha, mas acontece que a polícia não quer saber, se pintar sujeira eles fecham a casa.

Antônio Carlos — Aviso aos que são chegados a uma ervinha, dêem seus tapinhas antes de entrarem no Elite, senão... (risos)

João Carlos - Quais são os conselhos que você daria pra se fazer um bom baile? O que é necessário além do charme, é claro...?

Mário - E isso, o charme ... É você levar pessoas tchan ... Ah! Sei lá! Eu não quero falar em outros bailes, certo? Eu acho que as pessoas que vão ao Elite não vão a outros bailes.

Francisco - Por que elas não vão a outros bailes?

João Carlos - Porque não gostam. Isso é verdade.

Mário - E isso aí.

João Carlos - E que a maioria dos frequentadores do Elite, gosta mais de entendidos (risos) e não de travestis, silicone..., o que pinta muito em outros bailes.

Mário - Travesti você vê no Elite apenas nos concursos. Nos bailes de novembro e dezembro, não tinha um travesti lá. Eles não vão porque não gostam, não se sentem bem. Não que alguém os agrida, mas pelas pessoas que estão lá, os entendidos.

Alceste - O São José é uma concorrência pra você?

Mário - Não...(ar de desdém)

Dolores - Já te fizeram proposta para abrir outras casas?

Mário - Várias. O Sótão, por exemplo, quem abriu fui eu.

Francisco - A Estudantina em 65 quis atrair travestis, tentar fazer um tipo de trabalho igual ao teu, mas não deu certo de jeito nenhum.

Mário - Mas nem podia dar. Nós estávamos lá na Estudantina, neste dia, aí um homem chegou e falou: "Os "homens sexuais" queiram se retirar."

Francisco - Que horror! Aí vocês entraram e saíram na mesma hora.

Mário - Foi todo mundo embora.

Antonio Carlos - O que eu sempre ouvi falar dos bailes do Elite, uma coisa muito pitoresca por sinal, é do banheiro, de 1 por 1, onde ficam mais de 10. Você tem alguma história engraçada deste recanto pra nos contar?

Mário — Eu prefiro não ir ao banheiro, pra não ver.

Francisco — Você faz também figurinos para teatro, né?

Mário — Eu estou com duas peças infantis em cartaz que são: "Pequenos Monstrinhos", no Teatro Ipanema e "A Revolução das Fadas, Contra a Bruxa Poluidora", no Teatro da Casa do Estudante Universitário.

João Carlos — Há muitos anos atrás você fez o figurino da peça "Alice no País das Maravilhas", e tinha uma roupa que ficou famosa, a da lagarta, interpretado por André Valle, e que até hoje as pessoas comentam como sendo uma obra-prima.

João Carlos - Você acha que nos pré-carnavalescos carioca haveria espaço para mais bailes tipo Elite, ou seria uma grande concorrência? Você acha que deve haver outros?

Mário - Eu acho que tem lugar para todo mundo.

João Carlos — Nesses 17 anos houve uma única vez em que o Baile do Elite foi proibido. Como é que foi, você recebeu alguma ameaça?

Mário — Foi no ano em que Carlos Lacerda proibiu tudo quanto era baile de viado, mas eu dei o baile assim mesmo, com Mandado de Segurança na porta e tudo.

João Carlos — Eu já vi a Emilinha Borba cantar no meio de um baile, e vi outros cantores também. Não é show, o pessoal sobe e canta uma ou duas músicas e depois vai embora. Uma espécie de cortesia. Você poderia lembrar alguém que tenha feito este tipo de coisa?

Mário — A Emilinha, a Elza Soares também, Zé Keti, Blecaute.

João Carlos — Eu já vi o Tião Macalé uma vez lá. (Mário bate três vezes na mesa, como se espantasse algum mau agouro. Risos).

Alceste — Por que você deu três pancadinhas na mesa, Mário?

Mário — Acontece que Tião Macalé é uma questão de... problema dele. O Tião ia no Elite toda semana, ficava na orquestra, tocava bumbo e não cobrava nada. Um dia, ele me aparece com um garoto, e o garoto começou a passar a mão na bunda de uma "nega minha". Aí eu pedi pro garoto parar e o garoto continuou a passar a mão na bunda do outro. Não converseí, botei o garoto, o Tião, todo mundo para fora. Nunca mais Tião Macalé apareceu por lá e nem fala mais comigo.

Alceste — Você deve saber de muitos casos, casamentos que aconteceram nesses 17 anos de Elite, e que devem ter durado uma eternidade.

Mário — Casamentos e desquites.

Antônio Carlos — Mas a quantidade de casamentos é maior do que a de desquites ou não?

Mário — É bem maior!

João Carlos — E você, alguma vez já casou com algum freguês do Elite, no seu próprio baile?

Mário — Eu já tive várias primeiras damas (risos).

João Carlos — Mas acabaram no dia seguinte, ou chegaram a durar?

Mário — Um durou quatro carnavais. Durou esse tempo todo porque eu tomei a precaução de deixá-lo em casa todas as vezes que ia pro Elite.

João Carlos — É, carnaval tem que ser separado. (risos) Mas você atualmente está comprometido sentimentalmente com alguém?

Mário — (absorto) ... Atualmente?... Atualmente não. (risos)

Francisco — Mário, você vai ao desfile de Escolas de Samba?

Mário — Claro, inclusive eu desfilo.

João Carlos — Em qual escola?

Mário — No Império, há uns seis anos.

Franciso — Você também transa figurinos para Escolas?

Mário — Tô transando agora para blocos. Sabe de uma coisa, na minha ala, no Império, não tem bichas, só tem entendidos. (espanto geral)

João Carlos — Você quer dizer siriemas, né? (risos gerais).

Francisco — Mas Mário, qual é a diferença entre bicha e entendido? (risos)

Mário — A diferença é que um tem bom comportamento e... e o outro não. (risos)

Francisco — Dizem que você é o maior copo do Rio de Janeiro, é verdade?

Mário — Se eu bebo? Eu entorno! (risos)

Francisco — Eu nunca vi Mário Valle bêbado, ele sobe escadas numa elegância. O importante nele é que nunca se nota quando ele bebeu, está sempre elegante.

Antônio Carlos — Por falar em bebida, tem uma história do elevador, engraçadíssima, que aconteceu como você certa vez, numa festa ou na casa de um amigo, não me lembro ao certo. Como é que foi iso? (rissos)

Mário — (com ar de desentendido) Essa história eu realmente não me lembro. Agora quem foi que contou isso pra vocês? (risos gerais)

Antônio Carlos — Não se esqueça que nós somos jornalistas.

Mário — Realmente eu dormi dentro de um elevador (risos). Vocês vão publicar isso? Se vão, então vamos dar nome aos bois. Eu fui à piscina na casa de Jaime Bodansk, depois almoçamos e bebemos alguma coisa. Aí, na saída, eu já estava bêbado. Então o Jaime me levou até o elevador, eu entrei e ele apertou o botão do térreo. O elevador tinha uma espécie de corrimão, aí eu me encostei e dormi... (risos)

Antônio Carlos — ... Que loucura, quantas pessoas podem dizer que dormiram em um elevador?

Mário — Eu encostei ali e dormi, deve ter entrado e saído mil pessoas, e eu lá dentro dormindo, subindo e descendo. (risos) O Jaime, enquanto isso, ficou em casa e saiu por volta das oito horas, e ao abrir o elevador dá de cara comigo dormindo. (risos)

Antônio Carlos — Dizem que o mais engraçado foi quando ele te acordou. Você levou um susto e meio sonolento perguntou se já tinha chegado em casa, isso depois de quase três horas de viagem de elevador. (risos)

Mário — Não foi bem assim... (risos, tumulto e fim de papo).

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/001-30; Inscrição Estadual; 81.547.113.

Coordenador de Edição — Aguinaldo Silva.

Redação — Francisco Bittencourt, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Alceste Pinheiro, Antônio Carlos Moreira e Aristides Nunes.

Colaboradores — João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, José Fernando Bastos, Aristóteles Rodrigues, Dolores Rodrigues e Leila Míccolis (Rio); Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza e Edward McRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Cynthia Sarti, Paulo Augusto, Francisco Fukushima, Emanuel Freitas e Zezé (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton de Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luíz Mott (Salvador); Alexandre Ribondi (Brasília); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); e Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).

Fotos — Cynthia Martins, Dimitri Ribeiro, Iara Reis e Ricardo Fragoso Tupper (Rio); Dimas Schitni (São Paulo).

Arte — Antônio Carlos Moreira (arte final), Nélson Souto (diagramação), Mem de Sá (capa), Levi e Hartur.

Endereço — Rua Joaquim Silva, 11 — sala 707, Lapa, Rio, RJ. Correspondência: Caixa Postal M41031, CEP. 20.400, Santa Teresa, Rio.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189, 4º andar, Rio, RJ.

Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda — Rua da Constituição, 65/67; **São Paulo** — Paulino Carcanhetti; **Campinas**: Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda; Curitiba: J. Chignone e Cia Ltda; **Londrina**: Livraria Reunida Apucarana Ltda; **Florianópolis e Londrina**: Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; **Jundiaí**: Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda; **Porto Alegre**: Coojornal; **Campos**: R.S. Santana; **Belo Horizonte**: Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda; **Divinópolis**: Agência Souza; **Juiz de Fora**: Ercule Caruzzo e Cia Ltda; **Goiânia** — Agrício Braga e Cia Ltda; **Brasília**: Anazir Vieira de Souza; **Vitória**: Norbin — Distribuidora de Publicações Ltda; **Salvador**: Literarte — Livros, Jornais e Revistas Ltda; **Aracaju**: Wellington Gomes Andrade; **Maceió** Gesivan R. de Gouveia; **Recife**: Livro Sete, Empreendimentos Culturais Ltda e Diplomata, Distribuidora e Publicações e Representações Ltda; **João Pessoa**: Henrique Paiva de Magalhães; **Campina Grande**: Livro Sete, Empreendimentos Culturais Ltda.

Assinatura anual (12 números): Cr$ 600 (Brasil) e US$ 25 (exterior). Números atrasados; Cr$ 60.

E tome croquetes!

Foto de Gilda Vianna

As músicas do verão? Não dá nem pra saída: Ney Matogrosso emplacou outra vez, cantando "Folias no Matagal", de Duardo Dusek, e Caetano Veloso, cantando com Jorge Mautner "Cidadão Cidadã", é, outra vez, o menino do Rio. Agora, em matéria de **show**, "Tv Croquetes, Canal Dzi", vale pra todo o verão. A temporada dos rapazes terminou dia 4 no Teatro Rival, mas a essa altura eles já devem estar se enturmando em outro teatro, provavelmente na Zona Sul. Procurem nos roteiros da noite carioca que os jornais publicam, queridinhas: quem passar pelo Rio neste verão e não ver as Croquetes nasceu homem, ou seja, é bicha burra... Por enquanto, vejam as fotos e fiquem todos molhadinhos.

Fotos de Ricco